**GUIÃO PARA A CELEBRAÇÃO | IMACULADA CONCEIÇÃO 2021**

****

**RITOS INICIAIS**

**Monição inicial**

P.*Pés ao caminho. Juntos pelo Natal.* Este é o lema da nossa dinâmica pastoral, para um Natal em modo sinodal. Depois de calçar os sapatos e de os usar e sujar em saída pelo mundo, hoje o desafio da Imaculada Conceição é o de limpar os sapatos. Os sapatos limpos recordam-nos que é preciso sair da lama do nosso pecado, limpar a casa por dentro, limpar o coração, limpar os ouvidos, para deixar brilhar, por fora e a partir de dentro, a beleza da santidade divina.

*Optar entre o rito da coroa do Advento ou o Ato penitencial.*

**Reacender a 2.ª vela da Coroa do Advento – Imaculada Conceição**

P. Reacendemos a 2.ª vela da coroa, nesta 2.ª semana do Advento, iluminada pela santidade da Imaculada Virgem Maria.

*Acompanhar o gesto com uma oração e/ou um cântico**antes do início e no final da oração. Pode cantar-se apenas a 1.ª parte desta Aclamação, deixando a segunda para o tempo do Natal. Mas pode optar-se também pelo cântico de toda a Aclamação.*

**Cântico para a coroa do Advento** – no princípio da oração

Levanta-te, povo peregrino! Pés ao caminho, com a pressa do amor!

*………. pode cantar-se esta 2.ª parte apenas quando chegar o tempo do Natal……*

Juntos pelo Natal, todos irmãos! Caminhemos alegres, à luz do Senhor.

**Oração ao reacender a 2.ª vela da coroa do Advento**

Maria, Mulher da escuta,

abre e limpa os nossos ouvidos;

faz com que saibamos ouvir

a Palavra do teu Filho Jesus,

no meio das mil palavras deste mundo,

procurando e percorrendo juntos

o Caminho da Verdade e da Vida.

Maria, Mulher da escuta,

faz com que saibamos ouvir a realidade

escutando, sem preconceitos,

as pessoas diferentes que cruzam o nosso caminho

e através das quais o Espírito Santo

nos fala e interpela hoje a todos

na busca comum de um mundo renovado.

Maria, Mulher da escuta,

ensina-nos a escutar o grito do povo,

o gemido dos pobres e dos silenciados,

os clamores de quem se encontra em dificuldade,

para que possamos sair da lama do pecado

da indiferença, do descarte, da violência,

e caminharmos juntos, de sapatos limpos,

por uma nova estrada de luz e de paz.

**Cântico para a coroa do Advento** – no final da oração

Ou

**Ato penitencial** (pode ser cantado – cf. pp. 16 a 17 deste ficheiro)

P. Preparemos o nosso coração. Invoquemos o perdão do Senhor.

P. Senhor, Filho de Deus e de Maria, que viestes curar-nos do pecado:

R. Senhor, tende piedade de nós! (ou) Senhor, misericórdia.

P. Cristo, Filho Eterno do Altíssimo, gerado no tempo pela Virgem cheia de graça:

R. Cristo, tende piedade de nós! (ou) Cristo, misericórdia.

P. Senhor, em quem fomos adotados e predestinados para sermos santos e imaculados:

R. Senhor, tende piedade de nós! (ou) Senhor, misericórdia.

**Oração coleta**

**LITURGIA DA PALAVRA**

* *Gn* 3, 9-15. 20
* *Sl* 97, 1. 2-3ab. 3cd-4
* *Ef* 1, 3-6.11-12
* Aclamação ao Evangelho: *Lc* 1,28
* *Lc* 1, 26-38
* Homilia
* Credo

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2021**

A Palavra de Deus põe em contraste, quase como num filme a preto e branco, a pureza e a beleza de Maria, *a cheia de graça*, e a nudez envergonhada do primeiro par humano a tentar esconder a sujidade do pecado. O *sim* humilde da escuta obediente de Maria, *toda ouvidos* à Palavra que vibra nas mais íntimas fibras do seu coração, contrasta com o *não* arrogante e desobediente do par humano, que faz *orelhas moucas* às palavras *loucas* de Deus. Este contraste entre a santidade de Maria e o pecado das origens estimula-nos a este desafio, no âmbito da nossa dinâmica pastoral: *limpar os sapatos, para sair da lama do pecado*, o que pressupõe *limpar os ouvidos,* para escutar com humildade. Permitam-me expor estas duas imagens que se completam: *limpar os sapatos e limpar os ouvidos*.

1. *Limpa os teus sapatos!* A minha mãe dizia que nada estaria limpo em nós se os nossos sapatos estivessem sujos. Isto trouxe-me à mente uma visão de Santa Hildegarda. Descreve esta mística alemã: «No ano de 1170, *estive durante longo tempo doente na cama. Então, física e mentalmente acordada, vi uma mulher de uma beleza tal que a mente humana não é capaz de compreender. A sua figura erguia-se da terra até ao céu. O seu rosto brilhava com um esplendor sublime. O seu olhar estava voltado para o céu. Trajava um vestido luminoso e fulgurante de seda branca e um manto guarnecido de pedras preciosas. Nos pés, calçava sapatos de ónix. Mas o seu rosto estava salpicado de pó, o seu vestido estava rasgado do lado direito. Também o manto perdera a sua beleza singular e os seus sapatos estavam sujos por cima. Com voz alta e pesarosa, a mulher gritou para o céu: “Escuta, ó céu: o meu rosto está manchado! Aflige-te, ó terra: o meu vestido está rasgado! Treme, ó abismo: os meus sapatos estão sujos”.* Era uma visão da impureza da Igreja, que, em vez de se apresentar ao mundo como Esposa de Cristo, santa, pura e imaculada, à imagem de Maria, tinha *os sapatos sujos*, porque muitos, a começar pelos ministros da Igreja, – dizia a Mulher – *“sujam os meus sapatos, porque não caminham por estradas direitas, nem dão bom exemplo”.* Irmãos e irmãs, esta visão parece dizer-nos: não se limpam *os sapatos* nem se lavam os pés lavando as mãos, como Pilatos, da nossa responsabilidade, acusando a mulher ou culpando os outros de todas as desgraças. Não há outra maneira de *limpar os sapatos* do que sujar as mãos na luta por uma Igreja mais santa. E por onde começar a *limpeza da Igreja*? Pelos outros? Não. Começo a limpeza da Igreja por mim, limpando os sapatos dos meus passos mal andados!

2. *Limpa os teus ouvidos!* É importante saber escutar, de ouvid0s limpos, sem a cera e a pressa das respostas tipo *pronto a vestir*. Em tempo de Sínodo, para falar com coragem é preciso aprender a escutar com humildade. E para escutar com humildade é preciso libertar a mente e o coração de preconceitos, de ideias feitas e contrafeitas sobre aqueles a quem escutámos, que funcionam como ruídos na comunicação. Para escutar com humildade, não se pode *emprenhar pelos ouvidos*; é preciso ter os ouvidos limpos, prontos a acolher, mesmo sem compreender o que os outros nos dizem, como um modo através do qual o Espírito Santo nos pode falar. Uma Igreja sinodal é uma Igreja onde todos se escutam: cada um à escuta dos outros e todos à escuta do Espírito Santo. Maria, no seu silêncio fecundo, ensina-nos a escutar Deus, até ouvir com Ele o grito do seu povo e a escutar o povo, até ressoar nele a vontade de Deus. Não insonorizemos o coração, não nos blindemos nas nossas certezas. Escutemo-nos, mais e melhor.

3. Neste itinerário sinodal, interroga-te sinceramente: *Como estás quanto à escuta? Como funciona o ouvido do teu coração? Em família e na Igreja, a quem dás mais ouvidos? Deixas que as pessoas se exprimam até ao fim? A quem não tens prestado a atenção devida? Dás ouvidos à Igreja? Sentes que a Igreja te dá ouvidos?*

Neste Advento de 2021, aproxima-te de alguém, inclina o ouvido do teu coração, ao jeito de Maria, e diz ao teu irmão mais ignorado, à tua irmã menos atendida: *Eis-me aqui. Sou todo(a) ouvidos para ti!*

**Oração dos Fiéis**

P. Ao aproximar-se o Natal, nós pomos pés ao caminho e seguimos os passos apressados de Maria, que escuta com humildade a presença secreta e silenciosa do Senhor no seu ventre e escuta o clamor de quem mais precisa do seu serviço de amor. Pela intercessão da Imaculada Virgem Maria, invoquemos:

R. ***Vem, Senhor, vem depressa. Acende a Tua luz nos passos do nosso caminho!***

1. Senhor, Tu amas a Igreja e queres santificá-la, para a apresentares como Igreja cheia de glória, sem mancha nem ruga, mas santa e imaculada. Mas nós manchamo-la, com a nossa surdez à Palavra de Deus e ao grito dos irmãos. Por isso, pedimos-Te, pela intercessão da Imaculada Virgem Maria: R.
2. Senhor, Tu sonhaste uma Casa comum para os teus filhos, mas nós governamos o mundo ignorando o grito de quem tem fome, de quem tem frio, de quem procura um lugar de paz para viver e trabalhar. Por isso, pedimos-Te, pela intercessão da Imaculada Virgem Maria: R.
3. Senhor, Tu criaste todos os seres humanos com a mesma dignidade e infundiste nos nossos corações um espírito de irmãos. Mas nós desviamo-nos, criando muros, conflitos e divisões. Por isso, pedimos-Te, pela intercessão da Imaculada Virgem Maria: R.
4. Senhor, Tu deste-nos Maria como modelo de silêncio e de escuta, num coração fecundado e habitado pela Tua Palavra, mas nós esbarramo-nos num intragável engarrafamento de palavras inúteis. Por isso, pedimos-Te, pela intercessão da Imaculada Virgem Maria: R.

P. À vossa proteção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus. Não desprezeis as nossas súplicas, nós que estamos na provação, e livrai-nos de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita, que destes à luz Jesus Cristo, Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo. R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

Apresentação dos dons | Cântico de Ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio próprio | Santo | Oração Eucarística II | Aclamação (cantada): *Mistério da Fé para a salvação do mundo* | Oração Eucarística II (cont.) | Ritos da Comunhão

**RITOS FINAIS**

**PERGUNTAS SOBRE A ALEGRIA DO AMOR EM FAMÍLIA**

*Bilhete-postal da Família Natal*

**Solenidade da Imaculada Conceição**

A quem dás mais ouvidos?

A quem não tens prestado atenção?

**PERGUNTAS SOBRE O ESTILO SINODAL DA IGREJA**

*Carta Sinodal ao Papa Natal*

**Solenidade da Imaculada Conceição**

Dás ouvidos à Igreja?

A Igreja dá-te ouvidos?

**Bênção | Despedida**

Diácono:**Pés ao caminho. Juntos pelo Natal,** ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

**Oração para a bênção da mesa | Imaculada Conceição 2021**

Guia:

Senhor Jesus:

não Te importas que o nosso louvor,

à mesa desta nossa refeição,

se inspire hoje no exemplo de Maria,

toda bela, toda ouvidos,

desde a sua Imaculada Conceição.

Nos ruídos e barulhos da nossa casa,

é tão difícil escutar-Te, Senhor,

e ouvirmo-nos até ao fim.

Dá-nos a graça de acolher e aprender

o “sim” de Maria, Tua e nossa Mãe,

para inclinarmos o ouvido do coração,

preferirmos a escuta humilde

ao engarrafamento das palavras inúteis

e deixarmos que os gestos de atenção

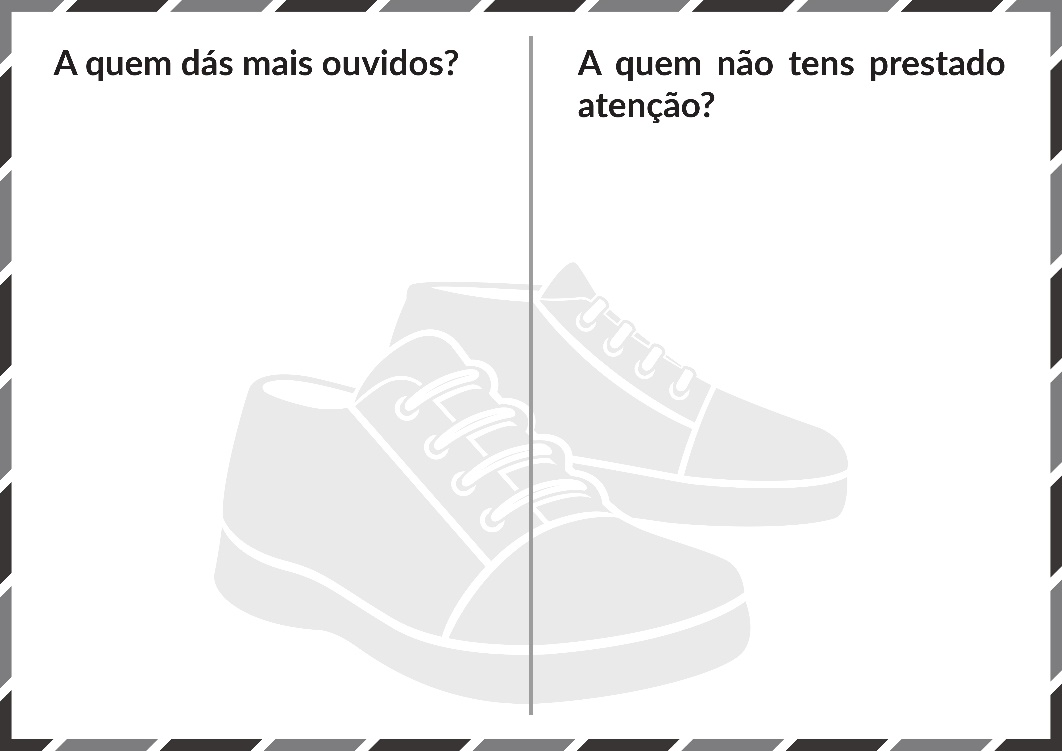
sejam o primeiro pão

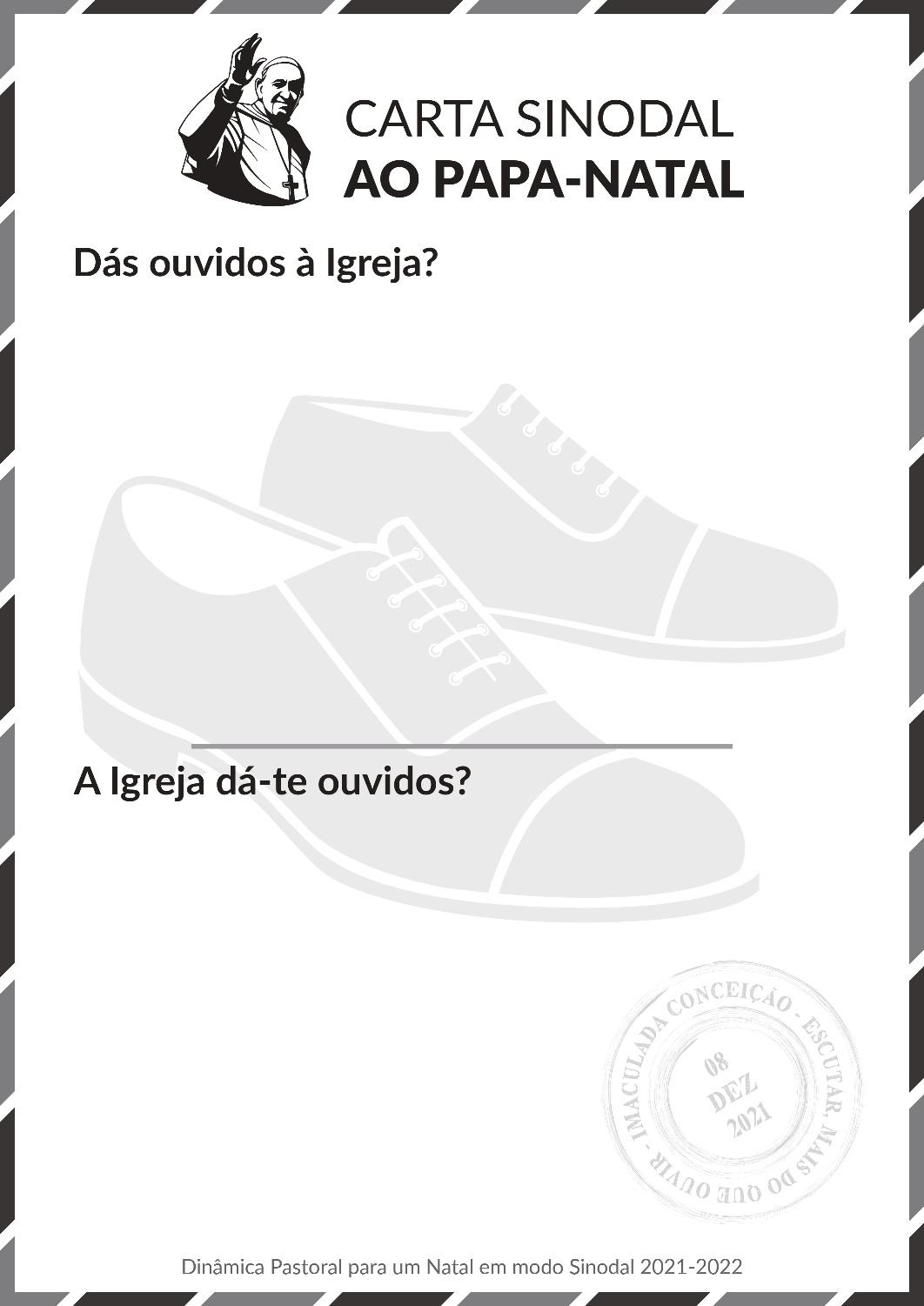
servido à nossa mesa.

R. Ámen.

**Imagens em anexo**

****

****

****



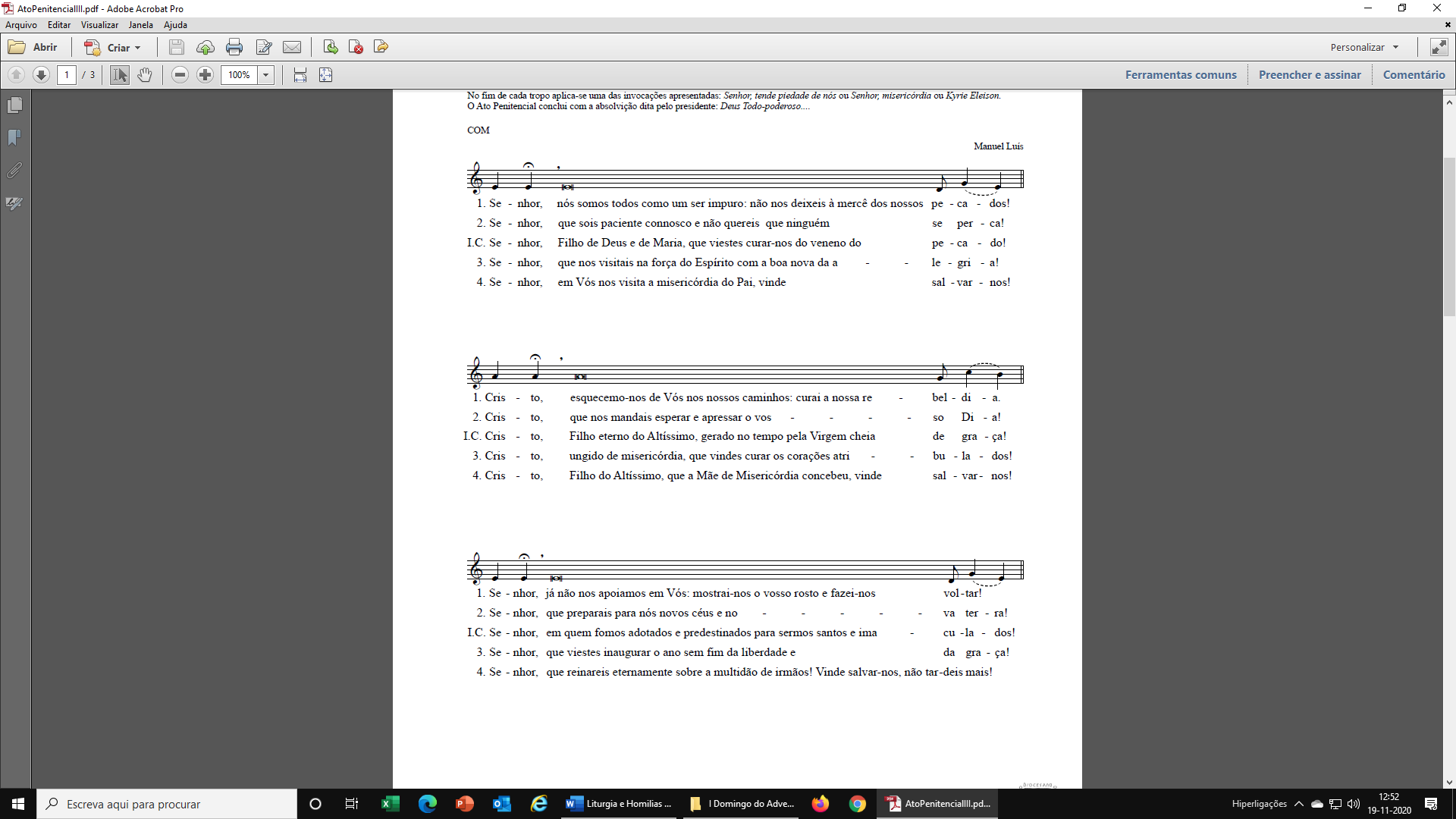
Uma imagem com mesa

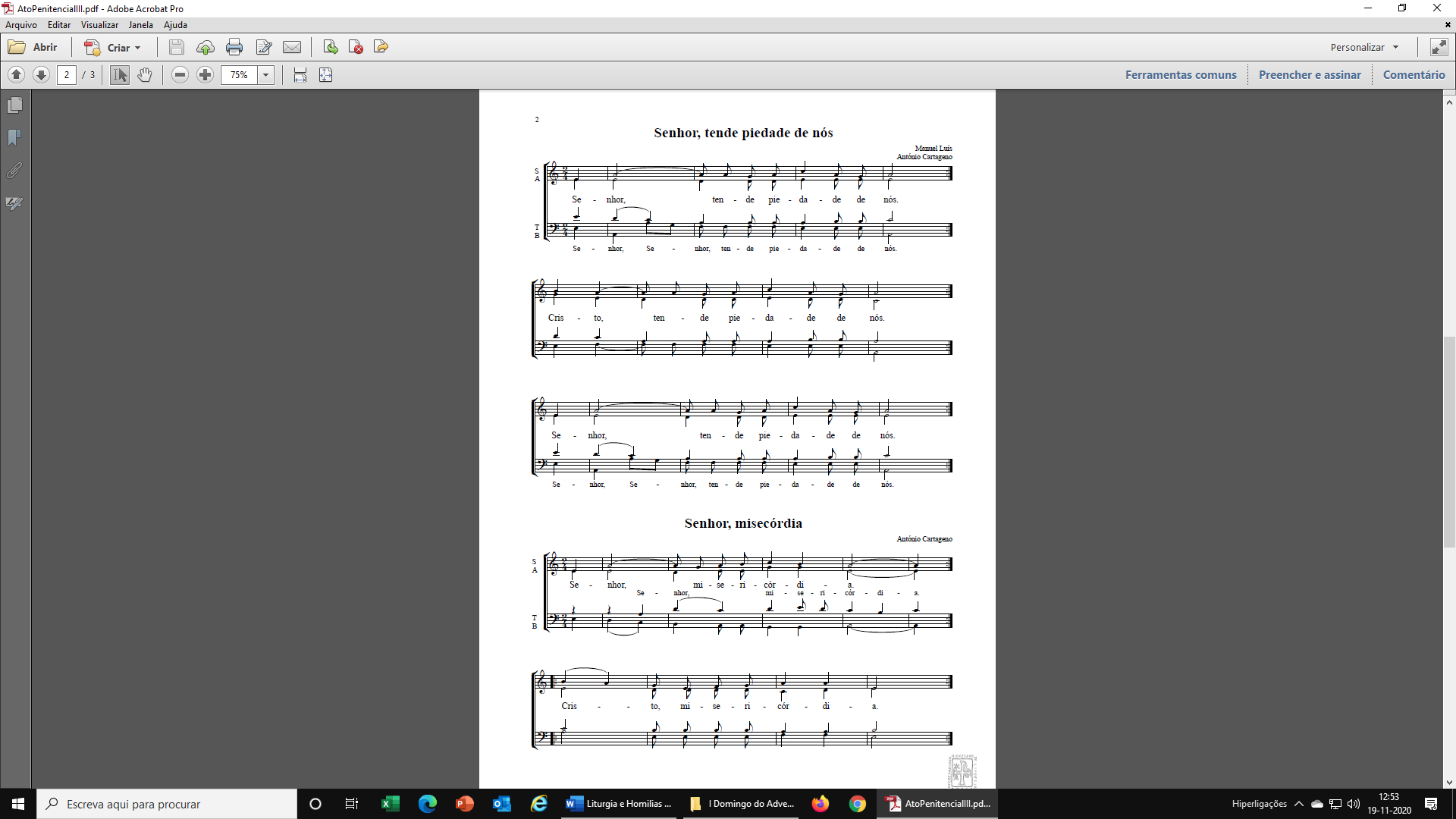
Descrição gerada automaticamente

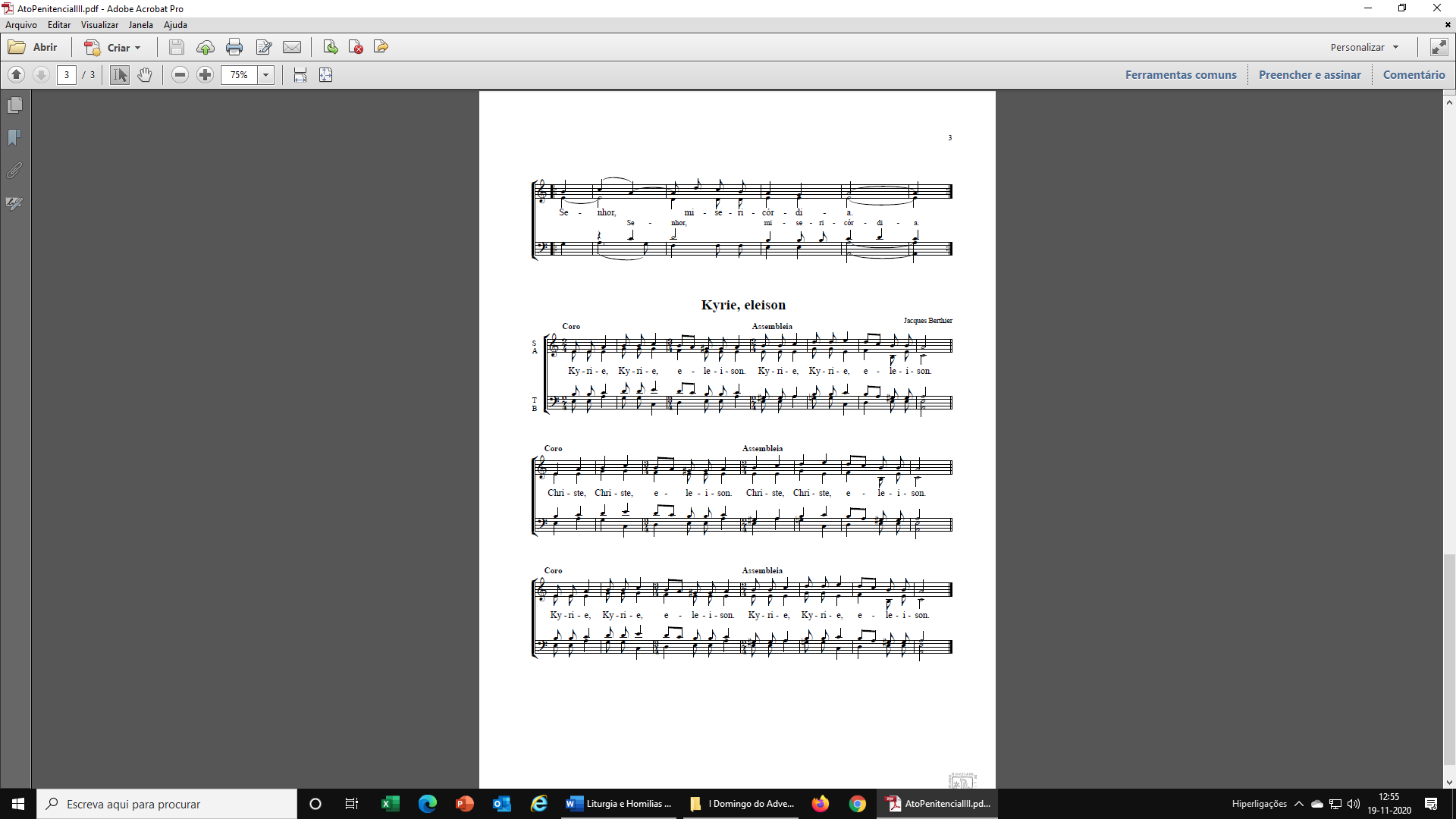
Uma imagem com texto, livro

Descrição gerada automaticamente

**ATO PENITENCIAL | ADVENTO B | PROPOSTA SDL PORTO**

Depois das palavras “*Irmãos, para celebrarmos dignamente estes santos mistérios reconheçamos que somos pecadores”* ou similares, seguidas do silêncio recomendado, prossegue o Ato Penitencial na forma III. Os tropos aplicam-se a cada domingo do Advento, conforme a numeração, sendo que **também foram elaborados tropos para a Imaculada Conceição**. No fim de cada tropo aplica-se uma das invocações apresentadas: *Senhor, tende piedade de nós* ou *Senhor, misericórdia* ou *Kyrie Eleison.* O Ato Penitencial conclui com a absolvição dita pelo presidente: *Deus Todo-poderoso....*





**Homilias**

**na Solenidade**

**da Imaculada Conceição**

**1992-2019**

**Homilia na Imaculada Conceição A 1992**

**1. Encontro e desencontro do Homem com Deus**

O grande sonho de Deus é viver no meio dos Homens. Esta é a sua alegria. Deus vem, por isso, a cada instante, ao nosso encontro, para nos falar, para nos ouvir, para se comunicar connosco.

Antes mesmo da Criação do mundo, Deus pensou em cada um de nós. Quis-nos com Ele, no diálogo, na amizade. Criou o mundo e ali nos colocou como pérolas da Criação. Assim, na Criação, Deus deu início à realização do seu sonho, vindo ao nosso encontro nos jardins da nossa Vida. Diante d’Ele, estamos em liberdade do amor, com a possibilidade de recusa. Deus não se impõe no seu Amor.

A humanidade, representada nestes dois personagens, Adão e Eva, deixou endurecer o coração e recusou viver na amizade de Deus. Foi o pecado: A recusa em depender de Deus, fonte de toda a Vida e de todo o Bem. Lá, bem nas origens, a Humanidade disse “não” ao sonho do Criador e perdeu-se fora de Deus nos jardins do mundo.

E Deus viu que a Humanidade precisava de salvação. Precisava de Deus. E, por isso, Deus voltou, de novo, ao encontro do Homem. Este escondia-se, porque diante de Deus, o pecado vem ao de cima, escondido na vergonha e no medo. O Homem, entregue a si próprio, só pode rastejar de corpo caído sobre a Terra, só e triste, perdido em conflitos e violências. Mas Deus não desistiu de nos salvar. Naquela mesma hora, hora dramática em que o sonho de Deus parecia desfeito, Deus rasga um clarão de esperança e anuncia uma boa-nova de salvação. Deus promete libertar o Homem, promete enviar o Salvador, ao Qual está particularmente associada a Mulher. Desta Mulher havia de nascer o autor da Vida. Ela daria à Luz a Salvação.

Os tempos passaram. Deus preparava a sua vinda. Chamou homens e mulheres, desde Abraão a Moisés, passando por Rute e Ester, até aos profetas. Deus formou o seu povo na esperança da salvação. Deus ia assim preparando a Terra que o havia de acolher. E começou Ele mesmo a preparar a sua habitação.

**2. A preparação radical em Maria:**

Sonhando ser um de nós e connosco, Deus preparou a sua morada, digna, santa e imaculada, onde o Altíssimo pudesse fazer-se Homem. Entre todos os pobres e humildes que esperavam a salvação, Deus encontrou uma Mulher. Mulher, que Ele mesmo preparou para ser sua Mãe. Preparou-a para ser sua Mãe. Preparou-a radicalmente, libertando-a do poder do mal, enchendo-a de toda a Graça, cumulando-a de todas as bênçãos. Ela é a Cheia de Graça, a Imaculada. Ela foi a primeira a receber em plenitude a salvação que o Seu Filho ofereceria a todos os filhos de Deus.

Cheia de graça, eleita de Deus, sobre Ela recai toda a benevolência e todo o Dom que nos vem do Alto. Ao querer salvar todos os homens, Deus preparou uma Mulher, Maria, como primeira criatura a beneficiar desta salvação. Toda a Graça confiada a Maria, tem em vista este encontro feliz, esta resposta total e incondicional ao grande sonho de Deus: encontrar-se no Homem, com os homens para os salvar.

Ao contrário do desencontro, em Adão e Eva, primitiva humanidade, agora Deus obteve pleno sucesso numa criatura que disse “sim” ao sonho e acolheu com toda a docilidade a vontade de Deus. Com o seu “sim”, ora tímido, mas confiante, para se tornar disponibilidade sem reservas, Maria refez o laço desfeito pelo “não” dos nossos primeiros pais.

**3. Advento: preparar-se para o encontro:**

É Advento. Deus vem de novo até nós. Encontra-se com a nossa santidade e com o nosso pecado. Vem completar a salvação que nos foi oferecida no batismo mas tantas vezes maculada no pecado. Deus vem encontrar-se com o nosso coração. Prepará-lo, como a sua verdadeira morada, para habitar em nós, como centro da nossa Vida. Queira Deus levar a bom termo obra tão boa começada em nós! Advento, tempo de preparar o nascimento de Cristo em nossas Vidas. Com Maria, caminhemos generosamente ao encontro do Senhor que vem!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição B 1993**

**1. Do homem marcado pelo pecado...**

Anda o homem de queda em queda, como peregrino do infinito. Há sempre, no caminho, uma pedra escondida na qual o homem tropeça sem esperar nem querer. Frágil de condição, pecador por natureza, caminha o homem como aprendiz do eterno, em busca de um outro mundo, de uma nova raça, de um novo viver. Eis uma luta permanente, constante. Parece, às vezes, que nada pode o homem contra o seu destino. Marcado pelo pecado, carrega em si a miséria da sua pequenez, a humilhação de homem vencido pelo mal, derrotado pela sua fraqueza e impotência. É assim desde o princípio. Nada de original na queda original. É o homem ferido quando tenta subir acima de Deus, saltar para fora d’Ele, querendo-se por sua conta e risco. Quis o homem dispensar-se da força e da presença de Deus neste caminho e logo mergulhou no abismo do seu nada, logo percebeu que sem Deus tudo em si e à sua volta se tornara sem beleza nem encanto. É isto o pecado das origens. Querer fazer caminho sem Deus, viver sem Ele, à sua margem. Desde o princípio o homem traz em si esta «marca», «este defeito de fabrico», esta inclinação para o pecado. Todos o experimentamos.

**2. Ao homem salvo pela graça de Deus em Cristo**

Diríamos então ser o homem uma criatura condenada por natureza, vítima da sua condição, irremediavelmente perdido? Não. Na hora em que o homem parecia irremediavelmente perdido, escutamos o anúncio da salvação, o anúncio do «sim» de Deus, da fidelidade absoluta de Deus ao seu Amor.Mil vezes o homem diz «não» e cai, mil vezes mil Deus repete o seu «sim» de amor e ternura. Ao anunciar a vitória futura do Homem novo sobre o mal, Deus anunciou o aparecimento da nova Mulher que lhe havia de dar carne e coração. Maria, a Mãe do Salvador.

**3. A começar em Maria, «cheia de graça»**

Quis Deus vir até nós e vestir a nossa pele, sofrer na nossa Carne. E para o fazer *preparou a sua morada*, escolheu uma Mulher, cumulou-a de todas as bênçãos, encheu-a de toda a graça. Libertou-a do peso do pecado, salvou-a tendo em vista a obra redentora de seu Filho. Maria é a primeira criatura salva em Jesus Cristo. Ela é a primeira beneficiária do dom absoluto da graça de Deus, do «sim» irrevogável de Deus à Humanidade. N’Ela Deus refez toda a história, iniciou um tempo novo, em que o homem, embora marcado pelo pecado, vive superiormente animado pela graça.

O poeta Calderón de la Barca diz a dada altura: «*Há uma pedra de tropeço no caminho da Vida na qual caem todos os homens. Todos caem, mas um ser bondoso os acolhe, cura e salva de suas feridas. Mas ao chegar Maria, Ele a previne para que evite o passo fatal e não seja ferida. Tudo isto em atenção aos méritos do Redentor de quem ia ser Mãe»*. É um pouco isto o alcance e o significado do dogma da Imaculada Conceição. Há uma criatura da nossa raça que desde o princípio da sua existência permanece na Luz e nunca diminuiu o seu esplendor. Houve alguém sobre quem recaiu o olhar benevolente de Deus e que foi escolhida como digna morada de seu Filho. Esse alguém é Maria, a Mulher Prometida, de quem havia de nascer o Salvador, esse sim, que na Cruz venceu o poder mortífero da serpente e esmagou a força destruidora do mal. Essa vitória chegou ao coração e à vida de cada homem, desde o acontecimento do seu batismo. Mergulhado nas águas da Vida e enxertado em Jesus Cristo, o homem participa da sua vitória e é acolhe a graça. Desde o batismo, cada homem, salvo, santo e imaculado, sabe que faz o seu caminho, não como um desgraçado sem esperança de salvação, mas como peregrino salvo e redimido, herdeiro do dom, agraciado pela vida de Deus. E nenhuma queda nos será fatal. Nesta esperança caminhamos em direção à Luz. Está entre nós, connosco e à nossa frente, a Mãe, a abrir corações, que sejam neste tempo e neste mundo digna morada de seu Filho.

**Homilia na Imaculada Conceição de Nossa Senhora C 1994**

**1. O homem afastou-se de Deus e teve medo...**

«*Ouvi o rumor dos vossos passos. Tive medo e escondi-me*»! Eis o homem. O homem frágil que se quis fora de Deus. Eis o homem que julgou poder viver enraizado nas suas próprias forças, guiado pelas suas ideias. Eis o homem que rejeitou viver na «companhia» do seu Deus e se encontra agora na mais dolorosa solidão. Eis o homem perdido no seu descaminho, o homem desesperado da sua condição, sem esperança de remédio. Eis o «homem primeiro», vítima do *mal radical*: querer erguer a sua vida, seguro de si, à sombra das suas possibilidades, recusando Deus como fonte do seu ser e luz do seu agir. É este mesmo homem que se confessa diante de Deus: «*Ouvi o rumor dos vossos passos. Tive medo e escondi-me*». Diante de Deus que passa pelo silêncio do seu coração, o homem retrai-se, tímido e temeroso*. «Tive medo e escondi-me*»! Diante de Deus está diante da sua Verdade. «*Estava nu e tive medo*»!

**2. Deus «vem» para libertar do medo, para salvar!**

Mas é a este homem, perdido no seu pecado, sem esperança de salvação, **é a este homem que Deus vem**. Deus aproxima-se com a ternura dos seus passos delicados. Aproxima-se para tocar o homem na sua verdade mais profunda. É a este «homem» que Deus vem anunciar que «*este mal radical não é fundamental nem definitivo»*. Vem dizer-lhe que o quer salvar, que o quer «*elevar com o seu amor redentor, um amor que é sempre maior que o seu pecado*». Na hora da perdição, Deus vem e traz a primeira boa nova da salvação: Da descendência da mulher, outra Mulher havia de aparecer. D’Ela havia de nascer Aquele que esmagaria o poder do mal.

A condição humana votada à desgraça pode deixar de ter medo. «*Não ter medo porque o homem foi redimido por Deus. A força da Cruz de Cristo e da sua Ressurreição é maior do que qualquer mal de que o homem possa ou deva ter medo*». Herdeiro do pecado, **em Cristo o homem torna-se herdeiro da graça**.

**3. A graça da salvação espelhada na Imaculada**

Esta graça da salvação, operada para nós na morte e Ressurreição de Cristo, espelha-se de maneira singular em Maria, Santa e Imaculada... Aquela que havia de conceber em seu seio o Salvador do Mundo. Imaculada desde a sua Conce(p)ição, Maria é assim a primeira redimida em Cristo. Quer dizer, a salvação oferecida em Cristo é oferecida primeiro a Maria e a ela oferecida de maneira radical. Tal significa que ***Maria é isenta*** não somente daquele mal que o homem experimenta diariamente nos seus pecados, mas é também ***liberta daquela «condição de pecado»*** que torna o homem pecador. Maria é a primeira, não só no tempo como na perfeição, a beneficiar da salvação de Deus em Cristo. Tendo em vista preparar uma digna morada para seu Filho, Deus encheu Maria de toda a graça. E a grandeza de Maria está no puro acolhimento e na fidelidade a este dom, na sua plena correspondência ao amor de Deus que a elegeu. Dizer «Imaculada Conceição» quer dizer que o mal no mundo deixou de ser irreversível... A obra de Cristo já o venceu, uma vez que Maria pôde nascer «*cheia de graça*»...

**4. Para não ter medo de Deus e da nossa verdade!**

Por isso, a nós que temos medo até do futuro por causa do pecado, Deus vem abraçar-nos com o seu amor redentor e dizer a cada um, como a Maria: *«Não tenhas receio*». «*Não tenhais medo do mistério de Deus...Não tenhais medo dos homens. O homem é sempre igual. Não tenhais medo da fragilidade do Homem nem da sua grandeza. Não devemos temer a verdade sobre nós próprios. Não tenhais medo daquilo que vós mesmos criastes, não tenhais medo nem sequer de tudo o que homem produziu e se revela cada vez mais um perigo. O homem não cessa de ser grande, nem sequer na sua fragilidade. Não tenhais medo de ser testemunhas da dignidade de toda a pessoa humana, desde o momento da sua conceção até à morte. Não devemos temer a verdade sobre nós próprios. Não tenhais medo de Deus. Invocai-o como Pai, «o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que lá do alto dos Céus nos abençoou e nos escolheu, antes da Criação do Mundo, para sermos santos e irrepreensíveis», (Ef.1,3) como Maria, a cheia de graça!*

**Homilia na Imaculada Conceição - II Domingo de Advento 1996**

*Quem cala, consente*! A voz de Deus ecoa silenciosa no coração de uma Mulher. Tudo tão simples e tão extraordinário. Um prodígio de maravilha, à sombra do silêncio. Do silêncio de Deus donde brota a Palavra. Do silêncio de Maria onde a Palavra se fecunda.

Sempre a iniciativa de Deus Criador que vem primeiro. Só depois, o assentimento livre da sua criatura. Sempre... Deus vem. E vem primeiro. Abeira-se do homem. E o simples rumor dos seus passos prepara a criatura para o encontro com Ele. E é sempre Ele a abrir caminho, a avançar, a vencer os obstáculos, a esmagar tropeços, a derrubar os muros, a aplanar o terreno, *a preparar a sua morada*. É sempre Deus a vir, à procura de abrigo, de espaço donde a sua Palavra há de ressoar na Carne do Mundo.

Deus está primeiro e é maior do que nós. Foi Ele que pensou em Maria para *digna morada de seu Filho*; e neste sentido, a preparou, libertando-a de toda a mácula, enchendo-a de toda a graça. Pensando n’Ela, *para digna morada de seu Filho*, Deus quis Maria preservada de todo o pecado, liberta de todo o mal; desejou-a pura, santa e imaculada. Assim, Deus realizou primeiro em Maria, de modo absolutamente singular e pleno, a salvação que a todos seria oferecida.

E Maria, ali, sozinha e calada, sem sombra de pecado; sem nada fazer, sem nada medir, sem nada pedir. Se, da parte de Deus, tudo é dom, tudo é graça, tudo é benevolência, amor gratuito, da parte de Maria, tudo é assentimento livre, consentimento calado, acolhimento puro. Apenas um «sim», a resposta livre e serena à graça recebida. Mais uma vez, Deus primeiro. Primeiro, o «sim de Deus» ao homem. Depois, «o sim do Homem a Deus». E pela primeira vez na História da salvação, em Maria, a perfeita harmonia entre «*o sim Deus*» e «*o sim» da criatura humana»*.

Maria é assim «puro advento», puro acolhimento da graça, pura aceitação do dom, puro coração aberto e envolto pelo amor divino. Em Maria, se manifesta o agir e o querer de Deus. É Deus que tudo faz. E ao homem só é pedido, que deixe Deus fazer, que deixe Deus vir, chegar e vencer...

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 1998**

Regresso ao futuro. Parte II. Continuamos, em Advento, a divisar horizontes de futuro. Voltamos à esperança, a essa flor de advento, pondo, de novo, novas questões: porquê, em vez do sonho realizado de um mundo novo, o pesadelo sofrido de um velho mundo? Porquê, tão distantes do país real as promessas da pátria prometida? Porquê, o deserto da dor em vez do jardim da alegria? Porquê esta demora e esta espera? Não será que Deus se enganou? E as suas Promessas não terão hoje de ser revistas?

Talvez o cenário da 1ª leitura nos ofereça uma resposta, que poupe Deus à vergonha de uma Promessa há tanto tempo por cumprir! Lá, nas origens, quando e onde nem sequer havia jardins proibidos, Deus andava de braço dado com o Homem. Ali, o homem vivia sem medo de rumores inimigos, metendo mãos à obra do Criador. De repente, foi tentado a largar a mão amorosa de Deus, que o fazia crescer, para se entregar sozinho à aventura de uma vida, sem projeto, à sua pequena medida. Quis-se fora de Casa, como Filho rebelde, a viver dos rendimentos recebidos. E, sem se dar conta, alienou a sua vida, pelo preço da sua liberdade. O Dom maior, pelo qual Deus não se impunha mas se oferecia em amor, - a sua liberdade - perdia-se nas teias do orgulho próprio. E, por isso, Deus, fiel a si mesmo, veio de novo. Para recuperar o perdido, para reconstruir a liberdade humana, com a força da sua graça e do seu perdão.

Doravante, esta Terra Prometida da Liberdade, este futuro de sonho, é uma obra que Deus não construirá nunca sem a nossa livre colaboração. É como se, no profundo respeito pela nossa liberdade, Deus dissesse de uma vez para sempre ao Homem: «*Eu que te criei sem ti, não te salvarei sem Ti... O meu Reino não se construirá sem a tua liberdade... E a tua liberdade não se resgatará sem a minha graça*». Deus, não esperou mais, que encontrar na Terra uma criatura de sonho, onde a sua graça se encontrasse com a nossa liberdade. E foi assim, que na aurora dos novos tempos, Deus «achou graça» a Maria. E «encheu de sua graça» a Virgem de Nazaré. Na cena da anunciação, desenha-se o quadro perfeito do encontro entre a graça de Deus e a liberdade humana de Maria. Deus vem e saúda. «*Ave, ó cheia de graça*»... Interpela Maria, como filha predileta do seu amor, e chama-a a responder livremente. Num profundo diálogo de Amor, Maria acolhe a mensagem como surpresa e não como um facto inevitável. Deus não se impõe. Oferece-se no Dom de um Filho. E Maria, tocada pela graça daquele encontro, deixa-se possuir pela força de tão grande amor. Acolhe Jesus, no seu coração, com liberdade própria.

É uma liberdade consciente, que se deixa «*perturbar*» e interrogar: «*como será isto*». Mas ao mesmo tempo, uma liberdade, que não se isola na solidão e na concentração sobre si mesma, mas antes se derrama com generosidade, em relações autênticas: com o Pai que a premiou, com o Filho que nela se começa a gerar e com o Espírito que a cobre com a sua sombra. É uma liberdade humilde, que reconhece a sua dependência amorosa: «*eis a serva do Senhor*». E, por fim, uma liberdade ousada e capaz de confiar: «*Faça-se em mim, segundo a tua Palavra*»...

Em Maria, a perfeita liberdade do amor, devolveu aos homens a esperança de um mundo novo. Nela, Deus deu corpo e alma à nossa esperança, na Carne de Jesus. Hoje, a nossa Esperança só espera mesmo é por nós. Por um «sim» livre... que deixe afinal Deus cumprir o que prometeu...

**Homilia na Imaculada Conceição 1999**

**1.** «**Onde estás**»? É a primeira pergunta de Deus ao Homem! Como se carinhosamente o Criador lhe tocasse os ombros, com a mão direita, e lhe levantasse a cabeça com o seu olhar e o interrogasse: «**Que tens**? **Porque estás tão triste?!** Tão triste e só, perdido nos passos dos jardins proibidos?» E o Homem, que no fundo da sua miséria, pressente a voz do seu Criador, ouve o rumor dos passos de Deus. Tem medo. Acha-se nu, envergonhado de si próprio, cercado na sua própria solidão. Sem que ele o saiba exprimir, o silêncio de Deus pesa-lhe. Sim, o frio e as trevas encontram-se antes de mais nada no coração do homem que experimenta a tristeza. À pergunta do Criador, o Homem responde, com o sabor amargo do fruto proibido: «a mulher que me destes por companheira deu-me do fruto da árvore e eu comi»... De repente, o Homem parece encontrar uma saída, para se desculpar. E em vez de abrir uma ponte entre Ele e Deus, entre Ele e a Mulher, ergue um muro. O muro da vergonha, que o separa da esposa e o afasta ainda mais de Deus...

**2.** E o Senhor, volta-se depois para a Mulher, seduzida pelo Mal, parecendo repetir o diálogo, com esta pergunta «**Que fizeste? Que se passa entre um e outro? Que se passa entre vós e Mim?**»... A Mulher, fazendo orelhas moucas da voz calada da consciência, transforma a serpente em “má da fita”. «A serpente enganou-me e eu comi». O muro enterrou-se ainda mais nos alicerces! O laço do amor torna-se um nó cego a prender um e outro à sua miséria. No fim, parece a história dos três tristes: Deus desencantado, o Homem envergonhado e a Mulher espezinhada!

**3.** Mas não. Deus não deixa o homem preso ao laço do inimigo. Não o deixa esganado no nó cego do seu pecado. Não o deixa cercado no muro da sua vergonha! Deus anuncia a salvação. Promete destruir o mal pela raiz. E «da descendência da Mulher – diz Ele – é que há de vir Aquele que **esmagará» o poder tirano da tristeza e do pecado**. E assim foi... Deus voltou ao diálogo com a sua criatura humana. Fez ouvir, de novo, o rumor silencioso dos seus passos e veio ao encontro de outra Mulher. Entrou onde Ela estava, sem perguntar «onde estás?», ou «que fizeste?». Porque sabia que estava inteiramente nEle e que lhe obedecia com amor. Por isso, as palavras de Deus, na boca do Anjo, são o anúncio feliz da salvação. «**Alegra-te,** **ó cheia de graça, o Senhor está contigo; bendita és tu entre as mulheres**»...

Maria não teve medo nem se escondeu. Procurava apenas entender o sentido daquelas palavras e Deus parece disposto a explicar-se: «És feliz, Maria, porque te quis, em primeiro lugar! És, de facto, a predileta do meu amor! És feliz, porque te deixaste seduzir pela beleza do meu amor divino. És feliz, porque és, entre todas as criaturas, a primeira que Eu quis sã e salva, no amor de meu Filho. És feliz, porque foste procurada e achada como digna morada de meu Filho. És feliz, porque sem sombra de pecado, és possuída pela força do Altíssimo».

Isabel, dias mais tarde, receberá Maria em sua casa e, lendo à tona dos olhos da Virgem a graça de tamanha alegria, sente o menino saltar-lhe no seio e exclama: «És feliz, Maria, porque acreditaste, és feliz porque acolheste e não duvidaste, és feliz porque obedeceste e não fugiste, és feliz porque entre ti e Deus não há muro de vergonha; Tu és, ó Maria, como um enorme cristal onde se espelha a graça, onde Deus nasce e entra, como o Sol pela vidraça»!

**4.** No «sim» de Maria, Deus desfez o nó cego do nosso pecado, o nó daquele «não», dado pela nossa mais velha humanidade. E, ao poder dar-nos, por Maria, o seu Filho, Deus refez o laço que nos une para sempre a Ele e aos nossos irmãos. Deus abençoou a nossa Terra, quando, pelo «sim» de Maria, lhe enviou o Salvador! Em Maria, Deus fez o que, de todo, nos parecia impossível: derrubou o muro da nossa vergonha e da nossa separação. E deu-nos o Salvador.

**5.** Maria, é por isso, causa da nossa alegria! Causa de uma história de amor, da qual todos saímos sãos e salvos. Por causa daquele «sim» de Maria, Deus pôde fazer maravilhas, sem nenhum impedimento. Pôde devolver ao Homem triste, só e envergonhado, o rosto da alegria! Com razão, Maria pôde cantar: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu Espírito se alegra em Deus meu Salvador».

**Maria, causa da nossa alegria, rogai por nós pecadores!**

**Homilia na Imaculada Conceição 2000**

1. Deus, que se queria Homem, fez-se ao encontro de uma Mulher. Havia muitos séculos que Deus desenhara, sonhara e prometera uma humanidade nova, depois do velho pecado das origens. Deus encontra agora, na plenitude dos tempos, uma criatura, uma Mulher, de nome Maria, inteiramente livre. Não livre de Deus, como a primitiva Mulher, seduzida e sedutora. Mas uma Mulher inteiramente livre para Ele, livre de tudo para Deus.

Deus, *o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo*, vem, por isso, de mansinho ao encontro da Filha Predileta, para ser sua Mãe. E encontra em Maria a plena correspondência ao seu amor. Encontra em Maria, a «*cheia de graça*», a criatura humana sem sombra de pecado, nem mancha de negação. Ela responde sem entraves. Livre de si mesma, consente prontamente: «*Faça-se em Mim, segundo a tua Palavra*». Este *fiat* de Maria - «faça-se em mim» - decidiu, da parte humana, o cumprimento do mistério divino. Na Anunciação, de facto, Maria *entregou-se a Deus* completamente, manifestando «*a obediência da fé*» Àquele que lhe falava. Ela respondeu, pois, *com todo o seu «eu» humano e feminino*. E assim deu corpo ao sonho divino de um Homem novo!

2. O relato da Anunciação, que acabámos de ouvir, não é, por isso, uma história de embalar. É um quadro, onde São Lucas, tentou exprimir o encontro perfeito entre a liberdade humana e a graça de Deus. O «Sim» de Maria é o «consentimento» livre da Criatura, diante da generosa surpresa do Criador. Maria pronunciou este «*fiat» mediante a fé*. Foi mediante a fé que ela «*se entregou a Deus*» sem reservas e «*se consagrou totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra do seu Filho*». E este Filho — como ensinam os Padres da Igreja — concebeu-o na mente antes de o conceber no seio: precisamente mediante a fé!

Maria escuta, acolhe, crê, entrega-se. É um caminho livre de qualquer segurança, uma espécie de salto no escuro, onde caminha guiada, sem qualquer apoio, passo a passo, no rasto da sombra de uma mão poderosa, que a toca e cobre, mas que Ela não vê nem domina. Na fé vence o medo da solidão e avança, dia a dia, sem contar com ninguém, na certeza firme de que, mesmo *sem conhecer homem*, não está só. Vai, como o nosso Pai Abraão, livre de qualquer recompensa, fiada apenas na Promessa d’Aquele que a escolhera e chamara, para ser a Mãe do Filho de Deus e mãe de todos os viventes.

3. Na altura de construirmos o Presépio, importa não esquecer mais esta verdadeira «Estrela» que nos guia do caminho da fé. Já vemos por aí muitos presépios sem Menino, sem Maria e sem José. Presépios de muitas estrelas e neve de enfeitar. Mas “torna-se perfeitamente compreensível que desejemos neste período voltar-nos de modo especial para Aquela que, na noite da expectativa do Advento, começou a resplandecer como verdadeira Estrela da Manhã (*Stella Matutina*). Assim como esta estrela, conjuntamente com a aurora precede o nascer do Sol, assim também Maria, precedeu na História do género humano, a vinda do Salvador, o nascer do Sol da Justiça” (Red. Mat.3). Em pleno Advento, Maria é Estrela **no caminho da fé**. Daquela fé, que consente no silêncio e diz «*sim*» à Palavra, daquela fé que se prontifica a acolher a surpresa de Deus e a caminhar sem sinal nem garantia. Daquela fé que dispõe e torna o coração livre, de qualquer empecilho, recompensa ou condição, para dar lugar a Deus e a Ele somente. Sobretudo daquela fé que acredita na força de um «sim» que pode transformar o mundo. Por muito pequeno e escondido que ele seja. “Maria será para os cristãos a Estrela que lhes guia os passos com segurança ao encontro do Senhor”! (TMA 59). Quanto a nós, “**basta um «sim**», um passo, para (a) Ele chegar”!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2001**

**1.** E o sentinela, desprevenido, recebeu a visita de Deus, à hora que menos lhe calhava. Sem tempo, para se arranjar, sem palavras para se desculpar, o Homem esconde-se na sombra da mulher. Nem as distrações da vida, nem o seu passeio pelos jardins proibidos, calam, de vez, o sinal de alarme que ressoa lá, bem no íntimo de si mesmo. Uma vez posto fora da porta do coração pelo Homem, Deus entra-lhe pelo postigo da consciência. «*Ouvi o rumor dos vossos passos e tive medo*». Deus, mais uma vez, não se fez avisar, com o ruído de nenhuma trombeta. Um simples rumor, uma simples pergunta, «*onde estás*», provoca uma forte inquietação, «*que fizeste*». Isto sobra para agitar o coração do Homem, para o fazer sentir a necessidade de salvação. Deus vem, assim, de mansinho, ao encontro do Homem, não para meter medo, mas para nos deixar nus, diante d’Ele. Vem para nos libertar do medo, da angústia e do pecado. Vem, na noite dos tempos antigos, deixar a Promessa dos novos tempos. «*Da descendência da Mulher*», havia de nascer Aquele que esmagaria, de uma vez por todas, o poder definitivo do mal. O Homem teria de esperar. Deveria esperar. Permanecer de sentinela, juntar-se a outros, fazer-se povo, através dos séculos, na espera atenta do Messias, nascido de uma Mulher.

**2.** E este povo, de «*degradados filhos de Eva*», esperou a hora da Promessa, a chegada do Messias. Com a ajuda dos profetas, sentinelas de Deus, acordavam, cada dia, para esta esperança. E sonhavam pelo dia do Senhor. Maria de Nazaré, filha deste Povo, encarnava, na perfeição, a esperança da sua gente e da sua terra. Ela era verdadeiramente a «filha de Sião». Estava de sentinela, de vigia e de vigília, guardada para essa chegada. Até que o Senhor veio. Entrou nela como o Sol pela vidraça. E olhou para a sua humilde serva. Toda ela era espera, desejo, acolhimento, abertura, disponibilidade, toda-ouvidos, toda coração, toda pura, a «*cheia de graça*». Deus, que já tinha marcado a sua hora, para a encarnação de seu Filho, chama agora Maria, para ser sua Mãe. Deus vem primeiro e agora só espera licença para entrar. E Maria, não se fez rogada. Estava preparada e acordada para este encontro de Deus com a História dos Homens. Ela é a primeira, a «*estrela da manhã*», a anunciar o nascer do Sol da Justiça, Cristo, nosso Senhor. Primeira a acordar, quer dizer, a dar o coração... primeira a sentir a presença e a consentir nela. Primeira a ser redimida. A primeira a receber a prenda do Natal, que Deus reservava para todos nós, em seu Filho Jesus Cristo. Maria recebe esta graça antes de nós, melhor do que nós, de modo radical e por causa de nós.

**3.** Neste tempo de Advento, a Igreja olha para Maria, como «**aurora**» da redenção, como o primeiro sinal da sua chegada. Para dar conta da presença de Deus é preciso estar ali, detido, aos pés de Maria, à espera do impossível. Com o mesmo desejo de salvação, com a mesma atenção silenciosa, com a mesma abertura generosa, com a mesma ânsia da hora de Deus. Ela é a Virgem da expectação, a Senhora do Ó, a mãe grávida, preparada, como digna morada, para receber o Filho e ansiosa para o dar à Luz. A Igreja mira-se, assim, neste tempo de Advento, em Maria, e aprende dela a esperar! Com as exclamações de espanto e de maravilha, e ao mesmo tempo, de espera e de desejo, que é costume rezar-se nas vésperas dos dias que antecedem o Natal. Diante da imagem da Senhora do Ó, podemos encarnar este desejo, que foi seu. E rezar:

- Ó Sabedoria do Altíssimo, que tudo governais, com firmeza e suavidade!

R. Vinde ensinar-nos o caminho da salvação!

- Ó Chefe da Casa de Israel, que no Sinai nos destes a Lei de Moisés!

R. Vinde resgatar-nos com o poder do vosso braço!

- Ó Rebento da raiz de Jessé, sinal erguido diante dos Povos!

R. Vinde libertar-nos. Não tardeis mais!

- Ó Chave da Casa de David, que abris e ninguém pode fechar, fechais e ninguém pode abrir!

R. Vinde libertar os que vivem nas trevas e na sombra da morte!

- Ó Sol nascente, esplendor da Luz eterna e Sol de Justiça!

R. Vinde iluminar os que vivem nas trevas e na sombra da morte!

- Ó Rei das nações e pedra angular da Igreja!

R. Vinde salvar o Homem que formastes do pó da terra!

**-** Ó Emanuel, nosso Rei e Legislador, esperança das nações e Salvador do Mundo!

R. Vinde salvar-nos, Senhor, nosso Deus!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2002 - II Domingo Advento B**

**1.** Não sabemos bem quando tudo começou ou se deu. Nem como tal se gerou e – diz o primeiro livro da Bíblia – afinal aconteceu. Mas sabemos exatamente “como” tudo acabou. O Homem, homem e mulher, deixaram-se vencer, pela pressa de ser e de crescer, pelo orgulho de mais ter e de tudo saber, pelo desejo de agir e de seguir os seus passos, fora do olhar amoroso de Deus. Mas quando um e outro julgavam ter chegado com um *dedo ao céu*, deram-se conta de estar já a pisar a dura terra da solidão. Nessa hora negra da nossa história original, ainda **a noite começava** e já Deus prometia e anunciava, no preciso Jardim da Criação, um tempo novo, o dia da salvação.

**2.** Desde então, foi longo, muito longo, o tempo da espera e da preparação. Séculos dos séculos sem fim. Nem os medimos bem. Nem importa se cem… ou quantos além, se «*um dia diante do Senhor é como mil anos e mil anos como o dia de ontem que já passou*». Importa que a humanidade inteira ficou à espera, prisioneira de um mal que se lhe apegou. Mas certa de que Deus tarda, mas não falta ao que nos prometeu.

**3.** Esta esperança fez um Povo, que vivia de uma Promessa, que Deus ainda não pagou. Na história antiga deste Povo de Deus havia a esperança, que da descendência de uma Mulher, havia de nascer o Salvador, Aquele, que tem o poder de esmagar a cabeça e vencer o poder do mal, pela raiz. Uma e outra vez, parecia que era desta, e de vez, Mas não. Também Deus, no tempo da sua paciência, soube esperar, sem nunca desistir ou se cansar. Até, um dia, parar e reparar que, algures, em Nazaré, estava a Mulher que Ele mesmo pensou e preparou, para ser a digna morada do seu Filho: Maria.

**4.** E eis-nos agora em Nazaré. E a gente nem sabe porque é, ali. Apenas se vê bem porquê, pois Deus é tudo e faz o que quer, numa virgem que Lhe dá um «sim» livre e consciente, de filha, de Mãe e de Mulher. Ela é a última na fila de um Povo inteiro, que há muito esperava pelo Messias. Mas é a primeira, porque mais O deseja, como ninguém. Ela quer tanto deixar Deus ser, vir e vencer, que, sem contar, apressa a sua chegada. E Deus, de uma passada, desce do seu coração imaculado ao ventre materno, para gerar nela o Filho Eterno, sem nenhum brado, sem nenhum pranto. Tudo num silêncio humilde onde Ela guarda o rumor divino e o segredo inefável do seu único amor. E basta um «**sim**», sem nada exigir, nem consultar, para o caso, nenhum dos «seus», para se tornar fruto do seu ventre puríssimo, Jesus, o Filho de Deus.

**5.** Maria, neste Advento da preparação e da espera da vinda do Salvador, aparece-nos, Mulher grávida, Mãe em expectação, como verdadeira «Mãe da espera». Ela «*está de esperanças*», para usar uma expressão tão antiga e tão bela. Como diz a Liturgia, «*Ela esperou com inefável amor*» o Messias Prometido. Esperou-o e, pela sua santidade de vida, alcançou-o. «*Sem pecado nem motivo algum de censura*», «*apressou a vinda do dia de Deus*». Ela é como a **aurora que descerra a noite escura**. E anuncia a Luz, que vindo a este mundo, é mais clara que o dia.

**6.** Quem nos dera um desejo assim, tão desnudado de tudo, como o de Maria, tão cheio d’Aquele Menino Deus que está por vir. O homem do novo milénio experimenta esta tensão entre o querer tudo e o já não esperar nada. Falho de paciência, para o que demora e não chega na sua marcada hora. De certo modo, tornamo-nos incapazes de uma verdadeira espera, ou porque vivemos no imediato e conformados com tudo isto, ou porque desesperados, já não estamos realmente empenhados na vinda de N.S.J. Cristo.

Precisamos tanto de aprender de Maria esta espera, ativa e «empenhada». Numa vida santa e imaculada. Esperar, como Mãe, cujo amor cresce tanto mais, quanto mais espera o Filho, que lhe está para nascer. Olhai, que basta então parar e até reparar… que é preciso ter pressa e vontade segura de a Ele chegar…

**Sermão a Nossa Senhora da Conceição, em Fregim**

*«***Senhor, nosso Deus, pela Imaculada Conceição da Virgem Maria,**

**preparastes para o vosso Filho, uma digna morada** (cf. Oração Coleta)**!**

**1.** Eraassim, neste espírito de preparação para a vinda do Salvador, que rezávamos no início da Eucaristia, que neste Domingo de Advento celebrámos. A Solenidade da Imaculada Conceição há de ver-se e viver-se, neste preciso clima de preparação, de intensa espera e de desejo ardente, da primeira, da permanente e da última vinda do Salvador. Se há um tempo litúrgico “*mariano*” por excelência, é este do Advento. Neste II Domingo, reunimo-nos aqui, sob o manto e o olhar de Maria, que viveu esta espera «*com inefável amor*» (Pref. Advento II), e por isso nos pode «*conceder a graça de «caminharmos generosamente ao encontro de Cristo»* (Oração Coleta do II Domingo de Advento) seu Filho.

**2. Como viveu Maria esta espera do Messias?**

*a) Viveu-a, antes de mais, como filha de um Povo.*

Maria faz parte do Povo de Deus. Ela é a verdadeira Filha de Sião; filha de um Povo que trazia, desde as origens a marca do pecado, mas também voltado para o futuro, na esperança da salvação. Na história antiga deste Povo de Deus, esta esperança, estava além do mais ligada, segundo a Promessa, à descendência de uma Mulher, da qual havia de nascer o Salvador, Aquele, que tem o poder de esmagar a cabeça e vencer o poder do mal, pela raiz. Uma e outra vez, parecia que era desta, e que era de vez, que a Promessa se cumpria. Mas não. Também Deus, no tempo da sua paciência, soube esperar, sem nunca desistir de nós, nem se cansar. Até, um dia, o próprio Deus parar e reparar que, algures, em Nazaré, estava a Mulher que Ele mesmo pensou e preparou, para ser a digna morada do seu Filho: Maria.

Foi Deus que pensou em Maria para *digna morada de seu Filho*; e neste sentido, Ele próprio a preparou radicalmente, libertando-a de toda a mácula, enchendo-a de toda a graça. Pensando n’Ela, *para digna morada de seu Filho*, Deus quis Maria preservada de todo o pecado, liberta de todo o mal; desejou-a pura, santa e imaculada. Toda a graça confiada a Maria, tem em vista este encontro feliz de Deus com a sua criatura, esta resposta total, este «sim» incondicional da pessoa ao seu desígnio de amor e de salvação.

Diríamos que Maria é a última na fila de um Povo inteiro, que há muito esperava pelo Messias. Mas é a primeira, pois O deseja, como ninguém. Ela quer tanto deixar Deus ser, vir e vencer, que, sem contar, lhe apressa a sua chegada. E Deus, de uma passada, desce do seu coração imaculado ao ventre materno, para gerar nela o Filho Eterno, sem nenhum brado, sem nenhum pranto. Tudo num silêncio humilde onde Ela guarda o rumor divino e o segredo inefável do seu único amor. E basta um «**sim**», sem nada exigir, nem consultar, para o caso, nenhum dos «seus», para se tornar fruto do seu ventre puríssimo, Jesus, o Filho de Deus.

Maria é assim «**puro advento**», puro acolhimento da graça, pura aceitação do dom, puro coração aberto e envolto pelo amor divino. Em Maria, se manifesta o livre agir e o querer absoluto de Deus. É Deus que tudo faz. E ao homem só é pedido, como a Maria, que deixe Deus fazer, que deixe Deus ser, vir, chegar e vencer...

*b) Mas Maria, viveu esta espera, como Mãe.*

Mas não é só como Filha de um Povo que Maria espera o Messias. É também como Mãe de Deus, que Ele espera o Filho. Neste Advento, Maria aparece-nos, Mulher grávida, Mãe em expectação, verdadeira «Mãe da espera». Ela «*está de esperanças*», para usar uma expressão tão antiga e tão bela. Como diz a Liturgia, «*Ela esperou com inefável amor*» o Messias Prometido. Esperou-o e, pela sua santidade de vida, alcançou-o. Vivendo «*sem pecado nem motivo algum de censura*», ela «*apressou a vinda do dia de Deus*».

**3. Que espera Maria de nós? Como vive Maria hoje e connosco esta espera, este Advento?**

Diz a Liturgia, olhando já não para o princípio da Imaculada, mas para o fim último da vida de Maria: «*Elevada à glória do Céu, Maria assiste com amor materno a Igreja, protegendo misericordiosamente os seus passos, enquanto espera a vinda gloriosa do Senhor*» (Pref. Nossa Senhora III).

Neste tempo de Advento, a Igreja sente-se acompanhada pelo olhar de Maria, que nos abre os olhos para Jesus e nos ajuda, não tanto a falar muito d’Ele, mas sobretudo a manifestá-lo e a descobri-lo.

Para dar conta da vinda e da presença de Deus, é preciso estar ali, detido, aos pés de Maria, à espera do impossível. Com o mesmo desejo de salvação, com a mesma atenção silenciosa, com a mesma abertura generosa, com a mesma ânsia da hora de Deus.

**4.** Quem nos dera um desejo assim, tão desnudado de tudo, como o de Maria, tão cheio d’Aquele Menino Deus que está ainda por vir. O homem do novo milénio experimenta esta tensão entre o querer tudo e o já não esperar nada. De certo modo, tornamo-nos incapazes de uma verdadeira espera, ou porque vivemos no imediato e conformados com tudo isto, ou porque desesperados, já não estamos realmente empenhados na vinda de N.S.J. Cristo.

Precisamos tanto de aprender de Maria esta espera, ativa e «empenhada». Numa **vida santa e imaculada**. Esperar, como Mãe, cujo amor cresce tanto mais, quanto mais espera o Filho, que lhe está para nascer. Olhai, que basta então parar e até reparar… que é preciso ter pressa e vontade segura de a Ele chegar…

Com Maria, caminhemos generosamente ao encontro do Senhor que veio, que há de vir e que vem, no seu colo, mais uma vez, no regaço de sua Mãe.

Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria 2003

1. Às portas do Natal, ouvimos Deus bater à porta. Eis que está à porta e bate (Ap.3,20). Ele sempre bate à nossa porta. Desta e pela primeira vez bate à porta do Paraíso. Bate à porta do Homem, do primeiro e de cada Homem, e pergunta-lhe: «*Onde estás?*». Mas o homem, que pecou, que se trancou dentro de portas, para se defender e isolar de Deus, está fora de casa, fora do espaço onde verdadeiramente é. Incomunicável. Fora de si. Fora dos outros. Fora de Deus. E por isso, à pergunta de quem lhe bate à porta do coração, o homem responde, a tremer, sem dizer onde está. Nem ele sabe porventura onde está. Sabe que não está em Deus. E por isso reage, como a um estranho, com medo de lhe abrir a porta. Medo e vergonha, solidão absoluta de um homem nu e prisioneiro, ao ar livre. «*Tive medo e escondi-me*». Desabafa ele. E segue-se uma longa conversa, sobre a culpa, que não é solteira e que ele diz ser da mulher. E que a mulher diz não ter, por ser enganada. E, nesta zanga, aquela que era uma relação de amor e de comunhão, está agora viciada pelo engano, pela suspeita, pela divisão.

**2.** Este é afinal o retrato de uma humanidade ferida pelo pecado, de uma humanidade que fecha umas e outras portas a Deus, de uma humanidade que impede Deus de entrar na sua própria casa, de nos visitar, de se sentar à mesa connosco, de nos sentar à mesa com Ele. Mas ainda assim, apesar das muitas portas trancadas, Deus abre uma brecha, como quem nos deixa espreitar a luz, pelo buraco da fechadura, e descobrir o segredo para a porta de novo se abrir. Voltando-se para a serpente, afrontando o mal que a todos nos faz rastejar, Deus diz a respeito de uma Mulher: «*Esta te esmagará a cabeça e tu a atingirás no calcanhar*». E tal Mulher tornou-se a “*mãe de todos os viventes*”, daqueles que pareciam condenados a ser os pobres mortais.

**3.** Doravante, a história de Deus, é como a de um pobre mendigo que sempre nos bate à porta. Passa à porta de Abraão, para lhe dar uma descendência e a nós um futuro. Abre a Moisés as portas do Mar, para libertar o seu povo. E pelos profetas, abre portas e caminhos de esperança. Deus persegue o Homem, cada homem, na esperança e no desejo de o encontrar em casa.

Até que um dia, Deus bate, de novo, à porta. À porta de uma mulher. Daquela que Ele escolhera, desde toda a eternidade, para se tornar a Mãe de Seu Filho. Vai a Nazaré. E não precisa sequer de bater à porta. A porta estava inteiramente aberta. «*Tendo entrado onde ela estava, disse o Anjo: Ave, ó cheia de graça, o Senhor está contigo!*». Maria está em Deus. Está onde Deus está. Deus está nela e está como que em sua casa. Ele mesmo a preparara, para se tornar a digna morada de seu Filho. Maria está cheia e preenchida pela graça, pela presença amorosa do seu Deus. Do Deus em quem espera. Do Deus, o Único por quem espera. Maria soube esperar unicamente de Deus a salvação. A sua pobreza, a sua pequenez converteu‑se, deste modo, em palco do poder divino. A própria virgindade ‑ convém repe­ti‑lo ‑ atesta que Deus é capaz de inventar uma esperança, onde não há esperança e abrir caminhos no deserto... abrir portas, onde até as janelas se fecham à luz.

**4.** E Deus espera tudo de Maria, para uma resposta inteira e livre. E Maria, neste encontro, de portas abertas, não é tomada pelo medo, mas pelo temor. Pela certeza da sua pequenez, diante do imenso mistério de Deus. Sem sombra de pecado, Maria diz um «*sim*». Um «*sim*» incondicional, que permite a Deus entrar, vir e acontecer, e fazer como lhe apetecer. Para estabelecer a sua morada no meio de nós. Deus começa a ganhar terreno. E, por esta porta aberta de Maria, abre-se-nos, de novo, a porta do Paraíso, as portas do encontro de toda a humanidade com Deus. Abrem-se as portas ao Redentor. Abrem-se as portas da salvação a toda a humanidade. Maria Imaculada, preservada de todo a mancha do pecado, redimida e salva, aparece, assim, como a aurora de um tempo novo, a anunciar à aparição do Sol da Justiça, Cristo nosso Deus.

**5.** Que poderíamos aprender de Maria neste advento? Ela ensina-nos, nesse silêncio humilde, a esperança dos pobres. Neste especial tempo de advento, afinal o mais mariano de todos, a Virgem Mãe ensina-nos a não desistir, perante tantas portas, que se nos fecham. A não desesperar, quando, por exemplo, parece esgotado o diálogo no casal, quando se julgam jogadas todas as hipóteses de reconciliação, num intrincado conflito de família, quando já nem encontramos mais portas onde bater, para obter uma ajuda, para encontrar o próprio emprego, quando até se nos fecham as portas do mundo, para a evangelização.

É preciso então não desistir. Nem forçar, de modo algum, a porta do paraíso. Porque pior do que nos fecharem todas portas, é não termos as nossas abertas, ao Senhor que vem e até gosta bem de nos surpreender. É preciso, como Maria, deixar apenas Deus entrar, pela brecha do nosso desejo, pela porta aberta do nosso coração, a Deus e ao irmão.

**Sermão no encerramento da**

**Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria**

**Fregim - 2003**

1. Às portas do Natal, ouvimos Deus bater à porta. Eis que está à porta e bate (Ap.3,20). Ele sempre bate à nossa porta. Na primeira leitura da celebração da Eucaristia deste dia, era Deus que batia à porta do Paraíso. Batia à porta do Homem, do primeiro e de cada Homem, para lhe perguntar: «***Onde estás****?*».

Mas o homem, das origens e desde as origens até hoje, o homem que pecou, que se trancou dentro de portas, para se defender e isolar de Deus, está fora de casa, fora do espaço onde verdadeiramente é. Fora de si. Fora dos outros. Fora de Deus. Incomunicável.

E por isso, à pergunta de Deus que lhe bate à porta do coração, o homem responde, a tremer, sem dizer onde está. Nem ele sabe porventura onde está. **Sabe que não está em Deus**. E por isso reage, como a um estranho, com medo de lhe abrir a porta. Medo e vergonha, solidão absoluta de um homem despido e prisioneiro, ao ar livre. «*Tive medo e escondi-me*». Desabafava ele. E segue-se uma longa conversa, sobre a culpa, que não é solteira e que ele diz ser da mulher. E que a mulher diz não ter, por ser enganada. E, nesta zanga, aquela que era uma relação de amor e de comunhão, está agora viciada pelo engano, pela suspeita, pela divisão.

**2.** Este era afinal o retrato de uma humanidade ferida pelo pecado, de uma humanidade que **fecha umas e outras portas a Deus**, de uma humanidade que impede Deus de entrar na sua própria casa, de nos visitar, de se sentar à mesa connosco, de nos sentar à mesa com Ele.

Mas ainda assim, apesar das muitas portas trancadas, Deus sempre abre uma brecha, como quem nos deixa espreitar a luz, pelo buraco da fechadura, e descobrir **o segredo para a porta de novo se abrir**. Voltando-se para a serpente, afrontando o mal que a todos nos faz rastejar, Deus diz a respeito de uma Mulher: «*Esta te esmagará a cabeça e tu a atingirás no calcanhar*». E tal Mulher tornou-se a “*mãe de todos os viventes*”, daqueles que pareciam condenados a ser os pobres mortais.

**3.** Doravante, a história de Deus, é como a de um pobre mendigo que sempre nos bate à porta. Passa à porta de Abraão, para lhe dar uma descendência e a nós um futuro. Abre a Moisés as portas do Mar, para libertar o seu povo. E pelos profetas, abre portas e caminhos de esperança. Deus persegue o Homem, cada homem, na esperança e no desejo de o encontrar em casa.

Até que um dia, **Deus bate, de novo, à porta**. À porta de uma mulher. Daquela que Ele escolhera, desde toda a eternidade, para se tornar a Mãe de Seu Filho. Vai a Nazaré. E não precisa sequer de bater à porta. A porta estava inteiramente aberta. «*Tendo entrado onde ela estava, disse o Anjo: Ave, ó cheia de graça, o Senhor está contigo!*». **Maria está em Deus. Está onde Deus está. Deus está nela e está como que em sua casa.** Ele mesmo a preparara, para se tornar “a digna morada de seu Filho”. Maria está cheia e preenchida pela graça, pela presença amorosa do seu Deus. Do Deus em quem espera. Do Deus, o Único por quem espera. Maria soube esperar unicamente de Deus a salvação. A sua pobreza, a sua pequenez converteu‑se, deste modo, em palco do poder divino. A própria virgindade ‑ convém repe­ti‑lo ‑ atesta que Deus é capaz de inventar uma esperança, onde não há esperança e abrir caminhos no deserto... abrir portas, onde até as janelas se fecham à luz.

**4.** E Deus espera tudo de Maria, para uma resposta inteira e livre. E Maria, neste encontro, de portas abertas, não é tomada pelo medo, mas pelo temor. Pela certeza da sua pequenez, diante do imenso mistério de Deus. Sem sombra de pecado, Maria diz um «*sim*».

- Um «*sim*» incondicional, que permite a Deus entrar, vir e acontecer, e fazer como lhe apetecer.

- Um sim agora, um sim depois. Um sim sempre. Um «sim» permanente: a sua vida inteira foi um sim a Deus e aos homens.

- Um sim gozoso, positivo, não contrariado ou angustiado. Porque é fruto da graça, é um sim generoso e gratuito.

- Um sim humilde, a partir da sua pequenez e pobreza, fiado em Deus e não na sua capacidade ou na sua autossuficiência;

- Um sim livre, não por medo nem imposição, mas na lucidez e amor.

- Um sim responsável e consciente, ponderado nas suas exigências e possíveis consequências, ainda que arriscado, na confiança que Deus lhe merece.

- Um sim enamorado, como o da noiva de Deus. Deus é todo o seu amor e nada Lhe poderá negar;

- Um sim maternal, com entranhas de Mãe, aberto à ternura e à misericórdia.

- Um sim entregue, sinal de obediência radical; pelo que põe toda a sua vida nas mãos de Deus;

- Um sim reparador, por todos os nãos pronunciados, desde as origens, por todas as ruturas do Homem com Deus; Por este «sim», por esta porta aberta de Maria, abre-se-nos, de novo, a porta do Paraíso, as portas do encontro de toda a humanidade com Deus. Abrem-se as portas ao Redentor. Abrem-se as portas da salvação a toda a humanidade.

**5.** Que poderíamos aprender de Maria neste advento? Ela ensina-nos, nesse silêncio humilde, a esperança dos pobres. Neste especial tempo de advento, afinal o mais mariano de todos, a Virgem Mãe ensina-nos a não desistir, perante tantas portas, que se nos fecham. A não desesperar, quando, por exemplo, parece esgotado o diálogo no casal, quando se julgam jogadas todas as hipóteses de reconciliação, num intrincado conflito de família, quando já nem encontramos mais portas onde bater, para obter uma ajuda, para encontrar o próprio emprego, quando até se nos fecham as portas do mundo, para a evangelização. É preciso então não desistir. Nem forçar, de modo algum, a porta do paraíso. Porque pior do que nos fecharem todas portas, é não termos as nossas abertas, ao Senhor que vem e até gosta bem de nos surpreender. É preciso, como Maria, deixar apenas Deus entrar, pela brecha do nosso desejo, pela porta aberta do nosso coração, a Deus e ao irmão. Só abrindo estas portas, se terá acesso ao Presépio de Belém.

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO C 2004**

**1.** Depois do valor da ***espera***e da necessidade de um tempo de ***preparação***, eis-nos ainda e, sem perder o rumo, em direção a Belém, à Casa do Pão, ***pelos caminhos da família de Nazaré***. Tomemos hoje, como especial referência deste caminho, a figura luminosa de *Maria, a Mãe de Jesus*. Mais e melhor do que ninguém, Ela esperou com inefável a vinda do seu Filho. E a sua conceção Imaculada revela, desde logo, como Maria foi *preparada* por Deus, para se tornar a digna morada de seu Filho. Para nós, que neste Advento andamos «*pelos caminhos da família de Nazaré*», é oportuno e interessante registar, desde já e a partir da escuta da Palavra de Deus, um pormenor significativo: a Sagrada Escritura, ao representar *o drama original do pecado e a promessa da salvação*, conta-nos uma história de amor do par humano e situa-nos na trama dessa *relação conjugal*. Vale a pena ir até lá.

**3.** Se tivermos em conta as páginas anteriores, tratava-se de uma relação conjugal, chamada, desde o princípio, à *alegria do dom e da comunhão*. O Homem e a Mulher não se envergonhavam da sua nudez, no preciso sentido de que a ternura brotava da descoberta maravilhada que um fazia do outro. Homem e Mulher descobrem-se um no outro, um ao outro, como alguém tão igual a si, como diferente de si. Cada um procura-se no outro, por causa do outro. Neste âmbito do primeiro amor, *o desejo* é ainda uma pura força de vida e um dom de alegria, que se abre para o par humano em fonte de ternura!

**4.** Mas este é apenas *o lado luminoso e maravilhoso do desejo e da ternura, da sexualidade e do amor*. Porque, na realidade, o homem, desde sempre, é minado e tentado pela cobiça, de modo a transformar o dom em domínio, a ternura em violência, o gozo puro em puro uso e abuso do outro. Vê-se bem, no quadro do pecado original, como o amor é um *tesouro,* desde sempre ameaçado pela fragilidade do nosso barro humano. O próprio homem que tinha acolhido a Mulher com um grito de alegria incontível (Gén.2,23), ao recebê-la, como *carne da sua carne, osso dos seus ossos,* atribui agora as culpas à Mulher, que Deus lhe dera por sua igual e companheira. E a relação do casal ameaça a rutura.

**5.** Somos assim alertados, com realismo, para *o* ***dom e para o risco*** que comporta a vivência da sexualidade e do amor entre o Homem e a Mulher. Se a sexualidade é uma expressão do amor e um dom do criador, e por isso mesmo dotada de bondade, isso afasta-nos claramente de uma visão diabólica, que só vê “pecado” em tudo o que é a linguagem dos afetos e dos gestos de amor; mas se há, como se vê, o risco de manipulação e de exploração em tudo o que são afetos, sentimentos e gestos de amor, também não podemos cair numa visão angélica, como se esse mundo da nossa vida íntima estivesse livre de toda a *ambiguidade e isento do pecado*. E fosse tudo amor! A *maravilha e o trágico* deixam igualmente a sua marca na experiência original do amor humano.

De facto, chamada, desde o princípio, a ser experiência do *dom e da exultação*, a relação de corpo e alma entre homem e mulher, sem a vigilância da ternura e sem a procura da generosidade, rapidamente se transforma em lugar de domínio e de violência: «*o teu desejo impelir-te-á para o teu marido e ele te dominará*» (Gén.3,16), diz a Escritura. **De resto,** quanta profanação da palavra “amor”, que esconde o egoísmo, a insensibilidade, a incapacidade de ternura e de comunhão.

6. Assim, caros irmãos, neste ser humano, enfraquecido pelo pecado, **verificamos que o nosso *pobre coração chamado a tamanha grandeza, precisa de ser redimido*,** purificado, educado, dilatado, preenchido, para realizar a sua altíssima vocação ao amor. Nesse sentido, a vivência digna da sexualidade e do amor conjugal é uma luta de todos os dias e de toda uma vida, é uma construção generosa de vitória, sobre os possíveis desvios do pecado humano. Nós cristãos sabemos que chegar a este coração novo, alcançar este coração puro, *é impossível* sem *a graça de Deus, sem o impulso, o fogo, a sombra do seu Espírito Santo.* Todavia essa *graça* só pode invadir-nos e possuir-nos*,* se previamente nos dispusermos a limpar o coração, a cultivar *nele* a humana virtude da *castidade*. A castidade anuncia o desejo de viver generosamente o amor e renuncia a experiências sexuais facilitantes, isto é, renuncia a uma sexualidade desligada do amor e da responsabilidade de um compromisso definitivo. O caminho do amor é o caminho da generosidade e da coragem. Não o da experimentação prévia ou provisória.

**7.** Eis porque o amor também se aprende… e as suas linguagens e manifestações, também se educam, sob pena de caírem rapidamente na vulgaridade e no vazio do consumo. Ainda assim, a última palavra é de esperança. A queda do primeiro casal é acompanhada de uma promessa de auxílio e de salvação, com a qual o casal sempre deve contar. No projeto de Deus, o casamento é uma ***Promessa*** que Deus não esqueceu, apesar de tudo o que nos factos pareça desmenti-la. Também aí Maria, no seu amor virginal, nos há de abrir à esperança de *um coração novo*, redimido pela graça de Cristo. Ela é a primeira criatura de uma humanidade chamada a voltar sempre ao primeiro amor! Olhando para a Virgem Imaculada, podemos contemplar a pureza do desejo e o rosto da ternura, o amor, sem sombra de pecado!

**SERMÃO EM FREGIM IMACULADA CONCEIÇÃO 2004**

**1.** "*Eu sou a Imaculada Conceição*". As palavras que Maria dirigiu em Lourdes, a Bernadette, no dia 25 de março de 1858, ressoam com uma intensidade totalmente particular hoje, ao celebrarmos os 150 anos da solene definição do dogma proclamado pelo Papa Pio IX, na Constituição Apostólica *Ineffabilis Deus*. Diz-se expressamente na proclamação do Dogma:

“A doutrina segundo a qual a Bem-aventurada Virgem Maria,

**no primeiro instante da sua conceição**, **foi**,

por especial privilégio de Deus Omnipotente,

com vista aos méritos de Jesus Cristo, Salvador do género humano,

**preservada imune de toda a mácula do pecado original**,

é revelada por Deus e deve por isso ser acreditada por todos os fiéis,

firmemente e com constância”

**2.** Embora, se refira a Maria, este é um acontecimento que continua a glorificar a Santíssima Trindade.

É ***Deus Pai*** que é glorificado na Imaculada, pois, ao ser preservada, desde a sua conceção, de toda a mácula do pecado original, significa que Maria foi cumulada inteira e plenamente da graça de Deus, desse Deus Pai, que olhou para a sua Filha predileta e primeiro a amou, a escolheu e consagrou para ser a Mãe de seu Filho;

É **Jesus Cristo, o Filho Unigénito** de Deus, que é glorificado na Imaculada Conceição, pois Maria é preservada do pecado, tendo em vista preparar e encontrar para seu Filho uma digna morada.

Ela é a primeira criatura redimida por Cristo… e redimida de modo único, em previsão dos méritos da sua Cruz. Nesse sentido a imaculada conceção de Maria é obra de seu Filho Jesus. Libertando-a do pecado que, desde as origens afeta a nossa liberdade e capacidade para amar, Deus fez espelhar em Maria, por antecipação e por excelência, o rosto de uma *humanidade nova e redimida*, graças à obra redentora de seu Filho. Nesse sentido, Maria apresenta-se ao mundo como expressão perfeita da redenção levada a cabo por seu Filho;

É o **Espírito Santo** que é glorificado na Imaculada Conceição, pois essa graça é o ponto de partida de uma vida totalmente disponível à ação do Espírito Santo.

Para que fique mais claro, a Imaculada Conceição é a afirmação clara de que toda a criatura humana precisa de redenção, precisa de ser salva, precisa de ser liberta do pecado. Maria foi «salva», «redimida», por antecipação e por excelência, a fim de que a sua liberdade para amar e a sua capacidade para servir o Senhor, não fosse perturba ou ensombrada pelo pecado. O mérito de Maria não está em ter sido «*preservada*», mas em ter *acolhido, respondido e correspondido por inteiro à graça que recebera*. A doutrina da Imaculada Conceição abre assim a nossa vida à necessidade e à esperança de uma salvação, de uma redenção, que começou, de modo singular e único em Maria, e nos é oferecida a todos, pelo Batismo.

**3.** Esta definição dogmática, como aliás a de todos os dogmas, não é uma imposição à fé. É apenas a confirmação da fé já sentida, vivida e assumida pelo Povo de Deus. A proclamação do dogma da Imaculada Conceição nada acrescentou à fé e devoção do povo português, mas contribuiu, e muito, para as confirmar e robustecer. Prova disso, foi o dinamismo suscitado entre os fiéis de Portugal, no sentido de erguer um monumento nacional que assinalasse a definição de Pio IX. Em 1869 concluía-se esse primeiro monumento, no Sameiro, seguindo-se-lhe a construção dum santuário dedicado à Imaculada Conceição de Maria, cuja imagem foi coroada solenemente há cem anos.

Desde os primórdios da sua história, Portugal soube sempre acolher-se ao regaço da Mãe de Jesus. Como povo em crescimento e em busca da consolidação de fronteiras, dedicou, desde os primeiros tempos da sua história, uma terna e filial afeição à Virgem Maria que escolhera como sua Senhora. De entre as inúmeras invocações, com que a Ela se dirige, sobressai, desde muito cedo, no horizonte de um culto sempre crescente, a da Imaculada Conceição. No Calendário de Salisbury, adotado pelo primeiro bispo de Lisboa reconquistada, Gilberto Hastings (1147-1166), já figurava a referência ao mistério de Maria Imaculada.

À medida que Portugal se consolidava e se expandia pelo mundo, a veneração e devoção à sua Senhora ia aumentando. No século XVII, o culto de Maria, no Mistério da sua Imaculada Conceição, fazia parte da cultura nacional. Sinais disso, entre muitos outros, são: a consagração de Portugal a Maria Imaculada, a entrega da coroa real à imagem da Senhora da Conceição de Vila Viçosa, pelo Rei D. João IV, e o juramento a que se obrigou o corpo docente da Universidade de Coimbra - de defender e ensinar que Maria fora concebida sem pecado.

**4.** Caríssimos irmãos: Renova-se hoje, *8 de dezembro*, esta devota peregrinação, neste lugar, na qual quisestes levantar este monumento mariano, onde vimos todos os anos para recordar a proclamação do *dogma da Imaculada Conceição*. Prestamos aqui homenagem a Maria Santíssima, preservada desde o primeiro instante do contágio da culpa original e de toda a *sombra de pecado*, em virtude dos méritos de seu Filho Jesus Cristo, nosso único Redentor. Como já há alguns anos, uno-me de boa vontade a esta tradicional homenagem, símbolo eloquente de uma entrega de todos ao Coração Imaculado da Mãe do Senhor.

**5.** Estimados Irmãos e Irmãs! Daqui, como de Lourdes e de Fátima, a Virgem Imaculada fala-nos também a nós, cristãos do terceiro milénio.  Coloquemo-nos  à  sua escuta, porque a Imaculada Conceição tem *uma mensagem para todos.* Ei-la:

“*Sede mulheres e homens livres!* Contudo, recordai-vos:  a liberdade humana é uma liberdade  marcada  pelo  pecado.  Ela tem necessidade de ser libertada. *Cristo é o seu  libertador,*  Ele  que  "*nos  libertou para que sejamos verdadeiramente livres*" (*Gl* 5, 1). Defendei a vossa liberdade!

Queridos Amigos, para isto sabemos que podemos contar com Aquela que, sem jamais ter cedido ao pecado, é a única criatura perfeitamente livre. É a Ela que vos confio. Caminhai com Maria, ao longo do trajeto da plena realização da vossa humanidade!

Queira Deus que este gesto de consagração se transforme num permanente apelo, para todos, no sentido de cultivarmos e mantermos sempre *viçosas* as rosas do nosso amor a Maria. Que ela não nos deixe murchar a fé e a devoção que tantos séculos de história construíram no coração das gentes desta terra de Santa Maria de Fregim. Que Maria Santíssima, nossa Mãe Imaculada, olhe para vós e por vós, bem como por toda a humanidade, nos difíceis caminhos da paz e da justiça, no Natal que se aproxima. Com Maria, caminhemos generosamente ao encontro do Senhor que vem!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2005**

***“Ouvi o rumor dos vossos passos no jardim e tive medo”!***

**1.** Estranho medo, no jardim da Paz! O medo é, desde as origens, o grande inimigo da Paz. O terrorismo vive desse medo, um inimigo sem rosto, escondido, como um leão que ruge, procurando a quem devorar! Por causa desse medo, a Terra da liberdade e da fraternidade, tornara-se um jardim proibido e sombrio! “Que fizeste”? (Gen.3,13) Pergunta o Senhor Deus? Que foi feito dessa tranquilidade da ordem, na Terra Prometida, desse jardim de Paz, desse lugar primeiro da Vida, no qual todos podiam conviver amorosamente entre si, e na amizade com Deus? Porque não desperta mais o Vento Norte, porque não se aproxima o Vento Sul, para espalhar os seus perfumes neste jardim de Deus (Cant.4,16)? Porque se ouvem apenas rumores e se calaram agora todos os hinos de Paz? Porque se transformou o Jardim da Terra, num mar de problemas? Que vírus tão poderoso se espalhou pela Terra, que não deixa a pomba da Paz, poisar sobre ela (Gén.8,8-9)?

**2.** A **Sagrada Escritura,** reconduz-nos hoje ao **Jardim do Paraíso**, e vai à **raiz** do problema: na raiz de todo o mal, está o pecado! O mal não é uma força anónima, que age no mundo, como se ninguém tivesse culpa ou o provocasse. O mal passa através da liberdade humana. *O mal tem sempre um rosto e um nome:* o rosto e o nome de homens e mulheres que o escolhem livremente!

Minado pelo pecado, sobretudo da soberba, Adão e Eva, o Homem e Mulher, entram em rutura com Deus. E a partir dai, a desvergonha e a divisão conjugal! E quem segue as primeiras páginas da Bíblica, vê como esta rutura provocada pelo pecado das origens, afetará também a relação dos irmãos entre si, de que a História de Abel, morto por Caim é exemplar (Gen.4). Esta desordem do pecado, mina a relação entre as nações, com a disputa e confusão entre os povos, descrita no episódio de Babel (Gen.11).

Quer dizer, depois do pecado, dessa escolha livre do Homem, em viver sem Deus ou contra Ele, escusando o amor, a inimizade está estabelecida, a Paz está comprometida. “*Os tesouros da terra já não estão ao serviço da edificação do jardim de Deus, no qual todos podem viver, mas estão ao serviço dos poderes da exploração e da destruição*” (Bento XVI)[[1]](#footnote-1).

**3.** Mas a última palavra da História não é o mal. Deus promete de novo a Paz. O seu desígnio para o mundo e para o Homem é de Paz. A humanidade, apesar de ferida pelo pecado, pelo ódio e pela violência, é chamada por Deus a formar uma única família e a viver na Paz.E, surpreendentemente, eis que no coração deste desígnio de Paz, está a figura de uma Mulher, a mãe de todos os viventes, Maria, nova Eva, aquela a quem hoje queremos invocar, como Senhora da Paz! A Paz apoderou-se de Maria, de modo radical. Nela, o pecado, o principal agente ou vírus corrosivo da Paz, não entrou, nem prosperou! O seu coração, imaculado, não conheceu qualquer espécie de desordem, está tranquilo e em paz! Por isso Maria, se tornou essa terra fértil, onde floresceram “*a justiça e a Paz para sempre”* [Sal.72 (71) 7]).

**4.** Em Maria, Imaculada, vemos bem que só a libertação do pecado, nos pode dar a Paz! Só, empenhando-nos, por viver «*sem pecado nem motivo algum de censura, é que Deus nos pode encontrar na Paz*» (II Pe.3,14). Maria apresenta-se-nos, desde a Sua Conceção Imaculada, como ícone (imagem transparente) dessa Paz de Deus. Ela não se esconde de Deus. Está onde Deus está. Maria, entre todas as criaturas, refulge como o mais belo exemplar do esplendor da Paz, como se dos seus olhos irradiasse já a Luz do Filho que «*é, de facto a nossa Paz*» (Ef.2,13). Maria, Virgem Imaculada, por singular privilégio de Deus, traz-nos esta certeza viva da fé: *“por mais radical que seja o mal, nunca é tão profundo como a bondade”[[2]](#footnote-2).*

**5.**Com Maria, aprenderemos a não ceder à tentação do desencorajamento e da desconfiança, na luta pela Paz. Maria recordar-nos-á sempre, sobretudo nos momentos mais difíceis, na construção da Paz, que a Paz é um dom de Deus e que «*a Deus tudo é possível*»! Ela acompanha-nos, como sinal de esperança, nesta «*peregrinação de confiança através da Terra*».

Neste caminho de Advento, Maria levar-nos-á a trabalhar  pela  Paz,  com coragem, com a confiança  de  que  *o  mal  não prevalecerá.* «*Esta confiança permite manter-se de pé,* (como Maria, junto à Cruz) *onde as sociedades humanas são abaladas. Ela permite avançar mesmo quando surge o fracasso*» Logo no início do seu Pontificado, dizia-nos João Paulo II: “*A aspiração à Paz não será desiludida para sempre. O trabalho em prol da Paz produzirá os seus frutos. A Paz será a última palavra da História*”[[3]](#footnote-3). E Bento XVI afirmou e confirmou a mesma convicção: “*dirijo a vós todos, um forte convite a tornarmo-nos, juntos, artífices da paz. (…)*”[[4]](#footnote-4).

**[6.** João Paulo II confessava, em longa entrevista, uma confidência do Cardeal Wyszynski, segundo a qual, o antecessor deste lhe assegurara que a vitória da *Paz quando viesse*, viria por Maria[[5]](#footnote-5)! Não por acaso, no centro de todas as aparições marianas, entre as quais a de Fátima, é constante a solicitude de Maria, por guiar a Humanidade, nos caminhos da Paz, mostrando-lhe os meios de a alcançar.**]**

**7.** Neste feliz dia, do 40º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, peçamos a Maria que leve a Igreja, no seu conjunto, e nela os seus Pastores, a pôr-se a caminho, tal como Cristo, para conduzir os homens para fora do deserto, para o Jardim de Deus, lugar da vida, para a amizade com o Filho de Deus, para Aquele que nos dá a vida em plenitude e é a nossa Paz!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2006**

"Maria, a Imaculada"? Que tem este título a dizer-nos? A liturgia de hoje esclarece-nos, com duas imagens grandiosas: a da anunciação, no evangelho, e a do primeiro anúncio da salvação, na leitura do livro do Génesis. Comecemos pela imagem da Anunciação e escutemos, de novo, as palavras de saudação do Anjo: «*Alegra-te, ó cheia de graça*».

I. Eram palavras muito familiares a Maria, palavras que ela, pobre e simples, mulher do povo e mulher de fé, bem conheceria do profeta Sofonias; eram palavras conhecidas, porque dirigidas a um pequeno resto do povo, que permaneceu firme e fiel, face a todas as derrocadas da história. Maria fazia parte desse pequeno resto do Povo de Israel, que se manteve irrepreensível na santidade e firme na esperança do Messias. Em Maria, diríamos, está presente a melhor parte, a parte mais bela, desse pequeno resto, do verdadeiro povo de Sião. Se quiséssemos retomar o símbolo da casa e da árvore, com que marcamos a 1ª semana do Advento, podíamos dizer: Maria é a casa onde Deus quer habitar. É o lugar do seu repouso. Ou então, Maria é o rebento que, na obscura noite invernal da história, brota do tronco abatido de David. Diríamos que em Maria se cumpre aquela palavra do Salmo (67,7): "*A terra produziu o seu fruto"*: Jesus, o fruto bendito do seu ventre. Maria é como que o botão, do qual deriva a nova árvore da redenção, a nova descendência dos redimidos.

II. A segunda imagem, bem mais difícil e obscura, aparecia-nos na primeira leitura do livro do Génesis. Voltemos, com paciência, ao texto:

a) Aparece-nos, na figura típica de Adão e Eva, a imagem de toda a Humanidade, a imagem do Homem: homem e Mulher, criados por Deus. Ambos, se deixaram seduzir pela ideia do poder, pela ideia de uma certa autonomia e liberdade. Eles são, no texto, a imagem do ser humano, que suspeita que Deus lhe tire algo da sua vida, ou da sua liberdade e que nós só seremos plenamente livres, quando O tivermos posto de lado e nos tornarmos independentes do seu amor.

b)Mas o texto sugere outra terrível tentação: a do Homem, homem e mulher, que não deseja receber de Deus a sua existência e a plenitude da sua vida. Quer extrair ele mesmo, da árvore da ciência, o poder de formar e dominar o mundo, de se fazer deus, elevando-se ao nível d'Ele. Aqui Adão e Eva fazem figura da Humanidade que não quer contar com o amor, para vencer o mal; o amor não lhes parece confiável; eles confiam unicamente na ciência, o que lhes dá o poder, com que desejam ter nas suas mãos a própria vida. E ao fazê-lo, confiam na mentira, e assim mergulham a sua vida no vazio e na desgraça.

III. Queridos irmãos e irmãs! Esta narrativa tão antiga descreve não só a história do princípio, *mas a história de todos os tempos*. Todos trazemos dentro de nós próprios uma gota do veneno daquele modo de pensar e de se comportar*.* A esta *gota de veneno, chamamos pecado original*. Este “veneno” inquinou, desde o princípio, o coração do Homem, e com ele se expandiu o mal. E todos experimentamos todos os dias os seus efeitos.

IV. Estaremos então condenados a sofrer a desventura de um pecado alheio? Seremos então vítimas, sem cura, dessa gota de veneno mortal que se transmitiu, de geração em geração, à espécie humana? Não. A mesma *página* que nos descrevia a queda da humanidade, também nos anunciava, em primeira-mão, a promessa de uma redenção. Lá se dizia que a Mulher havia de *esmagar a cabeça da serpente*. Da sua linhagem ou da sua descendência, nasceria o Filho de Deus. Assim, sobre a página mais negra da história, vislumbra-se já a alvura da Mulher Imaculada, e por meio dela, a aurora da nossa redenção!

V. A lição comum às duas imagens, é esta: Deus não falha. Ou mais exatamente: no início Deus falha sempre; deixa existir a liberdade do Homem, e este, na sua liberdade, diz continuamente "não". Mas a fantasia de Deus é inesgotável; a força criadora do seu amor é maior do que o nosso "não". Deus não falha, mesmo perante os fracassos sucessivos da Humanidade, pois daí tira novas oportunidades de uma misericórdia sempre maior, que se manifesta de geração em geração. A cada "não" humano é acrescentada por Deus uma nova dimensão do seu amor. Deus, no seu amor criativo e criador, encontra sempre novas formas para alcançar os homens, até encontrar em “Maria” o «sim» da nova Humanidade e no seu seio se fazer Homem.

VI. É sobretudo isto que devemos guardar no coração neste dia da Imaculada: em Maria, Deus faz-se Homem, para salvar o Homem! Maria diz-nos a todos que aquele que se abandona totalmente nas mãos de Deus, não se torna um fantoche de Deus e não perde a sua liberdade. O homem que recorre a Deus, não se torna menor, mas maior. Quanto mais próximo de Deus o homem está, tanto mais próximo está dos homens. Vemo-lo em Maria.

VII. O facto de Maria estar totalmente junto de Deus é a razão pela qual se encontra também próxima dos homens. Por isso, pode ser uma Mãe à qual, em qualquer necessidade, todos podem dirigir-se, porque Ela tudo compreende e para todos constitui a força aberta da bondade criativa de Deus. [Neste dia, creio que Maria se dirige a ti, dizendo-te]:

*(podia ser uma voz feminina, a ler este texto, no final da Homilia)*

"Meu filho:

Tem a coragem de ousar, com Deus!

Tenta! Não tenhas medo d'Ele!

Tem a coragem de arriscar com a fé!

Tem a coragem de arriscar com a bondade!

Tem a coragem de arriscar com o coração puro!

Compromete-te com Deus,

e a tua vida há de tornar mais ampla e iluminada,

sem tédio nem tristeza, repleta de surpresas e de maravilhas!

Estou contigo, meu filho, no teu caminho,

Sou para ti, portadora da luz

que te ajuda a atravessar as noites

da História e da Vida.

Iluminado pela Luz do Meu Filho,

leva esta Luz aos outros,

leva esta certeza e esta confiança,

de que Deus não falha.

E onde Ele está, está o Amor,

E onde está o nosso Deus,

cada Homem é livre, grande e maior”.

Amém!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2007**

1. Celebramos, no Advento, a Solenidade da «*Imaculada Conceição*»! Palavra d’honra, que me apetecia passar pela assembleia uma *folha em branco* e pedir-vos, um a um, que respondessem a duas perguntas: 1) Que significa para Maria, este título da “Imaculada Conceição”? 2) Que significado tem para nós este mistério da Imaculada Conceição, para que seja celebrado como fonte de esperança? Por certo, voltaria em branco, “virgem” e “imaculada” a folha de resposta, que vos fora dada!

2. Ora, para responder a estas duas perguntas tão difíceis, o melhor é contar-vos brevemente uma longa história! Digo-vos já que não é original a bela história, que vos vou contar. Pois é “a antiga e sempre nova” história do pecado original. E que diz ela afinal?

2.1. Diz que «*Deus nos escolheu, antes da Criação do Mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, em caridade, na sua presença*» (cf. Ef.1, 3-12). Por palavras mais simples: o único sonho de Deus é fazer-nos conhecer e viver no seu Amor; do seu Amor, para o seu Amor”. Deus criou o Homem, homem e mulher, para viver e conviver, na sua presença, para ser, estar e caminhar, na alegria da sua companhia. De certo modo, o Homem é chamado a viver no coração de Deus, como em sua casa. Nisto estava a vida e alegria do Homem: conhecer e amar a Deus, ser conhecido e amado por Ele. O maior risco, para o Homem - e Deus advertira-o disso - era querer «saltar para fora» do coração de Deus. Criar raízes fora dele!

2.2. E assim aconteceu. O Homem cedeu à tentação de usar a sua liberdade, para escapar ao amor de Deus. E então a tal liberdade que lhe parecia prometer a verdadeira alegria, trouxe-lhe o medo e a solidão; a inteligência, com que julgava transformar o seu mundo num jardim, fez dele um deserto. A promessa de uma vida exaltante, fora de Deus, desembocou rapidamente na desordem e no vazio. Por fim, o homem que julgava encontrar, sem Deus, o Paraíso, vê-se metido no inferno da solidão, da inimizade e da destruição.

2.3. Uma história cheia de “poesia”, direis… mas acaba tão mal assim?! Não. Neste cenário “triste e escuro”, abre-se um clarão de esperança. Deus não abandona a Humanidade. Anuncia-se já a vitória do amor de Deus, sobre o pecado. O mal não terá a última palavra. O amor de Deus é invencível, e fá-lo-á descer e vir ao nosso encontro, para nos salvar. E é nesta prometida “viagem” ou “viragem histórica” que se anuncia já o aparecimento da mais alta “estrela da nossa esperança”; vê-se já desenhada no céu, a figura nova de uma Mulher. Da sua descendência, havia de nascer Aquele que esmagaria o poder terrível do mal, com a força frágil do amor.

3. Ora, foi nesta esperança, que a humanidade esperou ansiosamente um Salvador. Nenhum poder ou reinado, por mais virtuoso que fosse, se revelou capaz de devolver à Humanidade o Paraíso perdido. Nenhuma descoberta ou progresso, pôde dar resposta aos mais profundos anseios do coração humano. Nenhuma história de amor, por mais bela que fosse, escapou à sua própria morte. Só um amor incondicionado e ilimitado, um amor divino, maior do que o nosso coração, poderia dar à Humanidade a esperança da salvação! E a Deus bastou o «sim» livre, amoroso, humilde e confiante de uma Mulher, para acolher esse «amor». É aqui que entra em cena, a figura de Maria. Ela é “a Mulher”, escolhida por Deus, completa e repleta do seu Amor. Uma mulher simples e pobre, que vivia de Deus, vivia em Deus, vivia para Deus e n’Ele punha toda a sua esperança. Maria é «a Imaculada» porquanto nela o “vírus” do pecado, não entrou nem a manchou. Por um especial ato de amor, Deus preservou-a do pecado, preparando para o seu Filho “uma digna morada” (Oração Coleta).

4. Deste modo respondemos à primeira pergunta: que significa, Maria, a «imaculada»? A resposta é simples: Em Maria, por graça de Deus, não há nada que não seja puro; não há nada que em Maria não seja de Deus ou para Deus. E isto desde sempre, desde a sua «conceção». Quer dizer, desde o primeiro instante da sua vida, Deus tomou Maria para si, sem que qualquer sombra de pecado lançasse nela a sua raiz. De certo modo, Deus realizou, de maneira única e antecipada em Maria, o que queria fazer de cada um de nós: santos e salvos, pela graça abundante do seu amor!

5. Assim, - e respondemos agora à segunda pergunta - celebrar a ‘Imaculada Conceição” tem para nós este significado: “há no nosso mundo uma criatura humana, já radicalmente redimida, isto é, assumida, salva e transformada, pelo amor misericordioso de Deus”. Esta boa-nova não pode deixar de ser para nós fonte de alegria e de esperança: a partir da «Imaculada conceção de Maria», sabemos que o poder do mal foi esmagado e o coração humano foi redimido pelo Amor. Neste sentido, Maria é justamente aclamada como nossa “Estrela de Esperança”.

«Quem mais do que Maria, poderia ser para nós, Estrela da Esperança? Ela, que, pelo seu sim, abriu ao próprio Deus, a porta do nosso mundo!» (Spe Salvi, 49)! Para Ti, nos voltamos, ó Estrela da Esperança: brilhai sobre nós e guiai-nos no caminho de regresso ao Paraíso, para que Deus possa entrar e Cristo venha a nascer e a viver em nós, como em Ti!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2008**

1. Uma intensa luz, brilha sobre a página mais negra da nossa história humana e divina! Ali, onde abundou o pecado e a desobediência do Homem e da Mulher, sobreveio, como uma luz intensa, na mais densa noite dos tempos, a promessa da salvação, a garantia da nossa cura e da nossa libertação! Ali, onde a humanidade falhou, num abuso de liberdade criada, Deus não abandonou à desgraça a sua criatura! A história do pecado original faz brilhar, sobre os escombros da miséria humana, a promessa do amor divino, verdadeira luz invencível.

2. Mas que nos diz afinal, e de essencial, esta história, tão antiga e sempre nova, do pecado original?

Ela, de algum modo, desenha-nos um forte contraste de luzes e de sombras, a partir do coração do homem! A pessoa humana, é «capaz de Deus» e de viver em comunhão com Ele. Essa é a sua vocação original. Mas a mesma criatura humana é também vulnerável, na sua liberdade, a ponto de se deixar seduzir pelo mal e de se furtar ao amor de Deus! Esta contradição, no mais íntimo do ser da pessoa, não é um dogma nem uma teoria. Cada um de nós a experimenta todos os dias. Disse-o com toda a sinceridade o Apóstolo Paulo: “*Não faço o bem que quero e faço o mal que não desejo*” (Rom.7,18-19) O mal existe simplesmente! E sobre isso, não há sombra de dúvida! Como consequência deste poder do mal, desenvolveu-se, desde as origens e ao longo dos séculos, um rio sujo, que envenena a geografia da história humana! Estamos assim, perante dois mistérios: o *da luz e o da escuridão*!

3. Como mistério da luz, podemos enunciar esta primeira certeza da fé: não há neste mundo, dois princípios, um bom e um mau! Há um só princípio, um só Deus criador! E este princípio é bom, unicamente bom, sem sombra de mal. E por isso também o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, não é uma mistura de bem e de mal! O ser humano, como tal, é bom, e por isso é bom existir, é bom viver! Este é o alegre anúncio da fé: só há uma fonte boa, Deus Criador, do qual recebemos tudo o que somos e vivemos. E por isso, viver é um bem! É bom ser homem, é bom ser mulher!

4. Mas paira ainda sobre nós, e tão densamente, o mistério do mal. Como foi possível, como aconteceu? Isso permanecerá, sempre obscuro para nós, tão obscuro e irracional, como é a escuridão do próprio mal! A imagem, descrita na primeira leitura, poderá ajudar-nos a intuir algo da origem desse mal, mas não pode explicar o que, em si mesmo, não tem lógica. O que podemos saber, no meio de toda esta escuridão, é que o mal não provém do próprio ser de Deus, nem pertence ao ser da pessoa. O pecado permanece como uma marca de origem, mas não como um defeito de fabrico! O mal vem e provém de uma liberdade abusada!

Mas, ainda assim, neste jogo de luzes e sombras, Deus, com a sua luz, é sempre mais forte. E por isso, o mal pode ser superado. A criatura humana pode ser curada. Para isso, Cristo veio a este mundo e fez brotar, para nós, uma fonte de graça, abriu, no mar das nossas desgraças, um rio de luz!

5. Meus queridos irmãos: Estamos em Advento e todos nos propusemos ser e receber dessa luz, que é Jesus! Essa luz, aliás, já brilha e devemos abrir os olhos do coração para a vermos e assim entrarmos nesse rio da luz. Mas este caminho, com frequência, torna-se escuro, duro e cansativo, porque a noite escura do mal é ainda muito forte.

Por isso, para chegarmos a ser e a receber esta Luz, precisamos de luzes próximas de nós, de pessoas que reflitam a luz de Cristo e iluminem o nosso caminho a percorrer!

E que pessoa mais luminosa do que Maria? Quem, melhor, do que Maria, pode ser para nós essa “estrela de esperança (cf. Enc. [*Spe salvi*](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi_po.html), 49) que nos guia? Ela é a primeira criatura, redimida pela Luz, daquele que veio a dar à Luz. Com o seu "sim", Maria consentiu, que a Luz de Deus entrasse neste mundo. Por meio d’Ela, Deus fez-se carne, entrou na história, como nova fonte do bem! Por isso, animados por filial confiança, pedimos-lhe:

"*Maria, Estrela da nossa esperança,* *indica-nos o caminho da Luz.* *Tu, nossa companheira, no caminho para a luz, brilha sobre nós! Tu que trepidante nos esperas nessa luz sem ocaso, guia-nos nas dificuldades de cada dia, agora e na hora da nossa morte. Amém*!"

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2009**

**“E o Anjo entrou em casa dela”! (Lc.1.28)**

**1.** E dentro daquela casa, está Maria! Afinal, Deus não encontrou Maria, como Eva, fora de casa, fugindo de si mesma, ocultando-se, por medo, ao olhar de Deus. Maria, pelo contrário, está na sua própria casa, habitada por um silêncio, que se faz morada do invisível. A sua casa é o lugar da sua clausura, do seu silêncio, da sua vida quotidiana, onde ela existe recolhendo-se, e não dispersando-se; onde ela concentra todo o seu desejo no desejo único de Deus. E por isso, vive na beleza esplêndida daquilo que é simples, humilde e pobre.

**2.** Quando Deus entra, em toda a sua luz, Maria não está cercada pelas coisas, nem fora de casa, dispersa, estranha, distante do seu próprio lugar, mas habitada por Deus, atenta e livre, disponível para a surpresa do mistério. Está em casa, o lugar onde se faz a unidade entre o que está dentro e o que está fora, através do acolhimento e da hospitalidade. Maria começa a existir, para nós, no evangelho, como Virgem recolhida na sua própria casa.

**3.** Na realidade, vistas bem as coisas, a verdadeira casa, é mesmo Maria. Ela, sim, é o verdadeiro lugar, onde ela se acolhe à graça de Deus e onde se acolhe o hóspede divino. Em toda a cena da anunciação, Maria é a Virgem do acolhimento, em expectativa tão altíssima, que pode ser Mãe. Ela acolhe a voz do anjo, acolhe a semente da Palavra, acolhe-se à sombra do Espírito, acolhe o Filho de Deus, no seu seio. Graças a esse acolhimento, Maria abre espaço ao outro, esvazia-se de si, para Deus. Deus pôde entrar nela, de mansinho, porque encontrou nela um vazio de tudo aquilo que é inautêntico.

**4.** Queridos irmãos e irmãs: Lembro-me, de criança, que era este o dia, em que começávamos a fazer o presépio, com o pinheiro, uma cabana de palha, pedras, areia e musgo e muitas figurinhas de barro, pintadas à mão. Este sábio costume esbarra agora na impaciência de uma campanha de Natal antecipada e barulhenta, onde a pressa mata qualquer espaço de acolhimento e o ruído nos impede o mínimo recolhimento. Mas faz todo o sentido, começar a dar forma ao presépio, a primeira casa de Jesus, precisamente neste dia da Imaculada Conceição. De facto, Maria mostra-nos como dar espaço, na nossa vida, à entrada da luz de Deus, tornando-se um oásis de escuta e de silêncio, corpo e alma, um ser inteiramente disponível para a graça de Deus e para a sua obra. Recolhida e hospitaleira, Maria tornara-se a mais bela casa de Deus, a digna morada, que o Pai preparou para o seu Filho!

**5.** Duas sugestões muito simples:

1.º: Cada um, remova dentro da sua própria casa, o que impede a entrada à luz de Deus, a essa luz que tudo cria e recria! Façamo-lo, começando por celebrar, (amanhã) esta vitória da misericórdia divina sobre o pecado, através do sacramento da Reconciliação. É uma forma de arrumar, por dentro a nossa casa, tornando-a mais limpa, pronta a ser habitada por Deus.

2.º: E, todos juntos, façamos desta Paróquia de Nossa Senhora da Hora, às portas da missão, verdadeira “*Casa de Maria*”, comunidade acolhedora, onde cada filho, regressado, da periferia, encontre aqui um espaço aberto ao Céu!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2010**

1. Caminhamos, dia a dia, atravessando as frias noites do Advento, de candeia na mão! Afinal, apenas uma trémula luz, que se acende, num tempo que se quer de esperança! Porém, a mesma luz, que irradia, a partir de dentro, vai-se inflamando, pouco a pouco, de várias cores. Essa mesma luz pode refletir todo o seu calor e beleza, através de quatro pequenas vidraças, a que a linguagem do nosso coração quis chamar simplesmente de «*janelas*»! Dizemos, então, com a simplicidade das crianças, que abrimos, domingo a domingo, mais uma janela, como quem abre os olhos e as portas do coração, em todas as direções! Queremos que a Luz de Deus possa entrar em nós e irradiar, através de nós, por toda a parte!

**2.** Esta dinâmica de Advento não se destina nem confina a um entretenimento infantil. Ela quer lembrar-nos, a todos, e todos os dias, como é urgente deixar a luz de Deus entrar e refletir-se na nossa vida. Pois todos os dias, facilmente nos escondemos de Deus, e lhe trancamos portas e janelas! Há em nós claras sombras desse medo tão antigo e original, de deixar Deus entrar e fazer brilhar em nós o esplendor da sua graça!

**3.** O negro quadro, que nos descrevia a primeira leitura, apresentava-nos, desde as origens da nossa condição humana, a imagem do homem e da mulher, escondidos, tomados por um medo ou pesadelo de Deus! Eles desconfiavam de Deus! Pensavam mesmo que Deus entraria nas suas vidas, para lhes tirar a vida, a alegria, o prazer de viver! E por isso, desafiando a própria Luz de Deus, ficaram cegos, sem norte e entregues à sua sorte, condenados a viver à sombra de uma vida destruída! Todavia, o mesmo quadro bíblico, mostra-nos como Deus sempre procura e bate à porta do coração, do homem e da mulher, mesmo se ambos temem expor-se à sua luz, e se cobrem, como quem encobre a sua fraqueza, para pôr a descoberto a culpa do outro. Mas Deus não desiste de nós. E nessa hora de escuridão absoluta, fez brilhar um raio de luz, a promessa de uma vitória esmagadora sobre o mal. Abre-se, para a humanidade, uma janela de oportunidade! E dessa mesma janela, vislumbra-se já a figura da Mulher, de cuja descendência, havia de nascer o único Salvador!

**4.** Caríssimos irmãos e irmãs: Esta janela de esperança abre-se à plena Luz, quando contemplamos, na cena do evangelho, a atitude de Maria, escolhida para ser a Mãe de Jesus! Que luminoso é este quadro da Anunciação, se comparado com o das origens: em vez de negros demónios de acusação, um anjo de boas novas! Em vez de castigos, a Promessa! Em vez da desgraça, a cheia de graça! Em vez de medos e dúvidas, a fé destemida! Em vez de uma fuga cobarde, a obediência amorosa! Em vez do orgulho da raça, a humildade da criatura! Em vez de Eva, «Ave»…Maria»! Maria é verdadeiramente a nova Eva, a Mulher que, no silêncio humilde da sua espera, abre todas as portas, para Deus entrar! Maria torna-se a esplêndida, a grandiosa janela, pela qual a luz de Deus pode entrar e irradiar em todo o seu esplendor! E Deus entra assim, em Maria, a cheia de graça, como a luz do sol, pela vidraça!

**5.** Irmãos e irmãs: Maria, com o seu «sim», imediato e incondicional, abriu a porta, para Deus, entrar neste mundo! E Deus entrou n’Ela, de tal modo, que Ela própria, cheia da Sua luz, se tornou a «*janela do mistério*», pura transparência da luz de Deus e da sua presença, no meio de nós! Num mundo trancado e fechado a Deus, como é ainda o nosso, tão convencido de se bastar a si próprio, Deus continuará a chegar até nós e nós até Ele, através de Maria! Em pleno Advento, a Mãe de Jesus é, por isso, a melhor «*companheira em direção à luz*» (R.M.35). Maria é mesmo «*a candeia que vai à frente*» e mais alumia. Ela acolhe e irradia, a partir dentro, a luz de Deus, que não se apaga e a todos ilumina, para todo o sempre! Ámen!

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO 2011**

**1.** Imaculada Conceição de Maria! Estamos diante do mistério do excesso e do sucesso da graça de Deus, que envolveu Maria, desde o primeiro instante da sua existência! Chamada a ser a Mãe do Redentor, Maria foi preservada do pecado original, e assim “radicalmente” preparada, por Deus, para ser a digna morada de Seu Filho! Olhando para Maria, toda bela, santa e imaculada, nós conhecemos a grandeza e a beleza do projeto inicial de Deus, para cada pessoa: tornarmo-nos santos e imaculados no amor (cf. *Ef* 1, 4)! Em Maria Imaculada, contemplamos o reflexo daquela beleza de Deus, que resplandece sobre a face de Cristo! Em Maria, esta beleza é totalmente pura, humilde, livre de qualquer soberba e presunção! Por isso, o «**sim**» livre de Maria desata o nó cego da desobediência, que está origem do pecado, um «não» da criatura humana ao «sim» irrevogável do amor divino!

**2.** Curiosamente, a Sagrada Escritura, ao representar o *drama original deste pecado*, traz à cena, um casal, figura da humanidade inteira! Diríamos que toda a nossa história, de amor e de desamor em relação a Deus e ao próximo mais próximo, é representada, nas vicissitudes deste par humano! Eles foram chamados, desde o princípio, à *alegria do dom e da comunhão*. Homem e Mulher não se envergonhavam da sua nudez, pois a sua ternura brotava da descoberta maravilhada, que cada um fazia do outro. Homem e Mulher descobriam-se um no outro, um para o outro, um graças ao outro! Neste âmbito do primeiro amor, *o desejo* era ainda uma pura força de vida, e um dom de alegria, que abria ao par humano, uma promessa de felicidade irresistível!

**3.** Mas este é apenas *o lado luminoso e maravilhoso do desejo e da ternura*. Porque, na realidade, o coração humano depressa se deixou minar e contaminar pela cobiça! E assim transformou o dom em domínio, a ternura em violência, o gozo do prazer mútuo em uso ou abuso do outro! Vê-se bem, na cena do pecado original, como o amor é um *tesouro,* sempre ameaçado, pela fragilidade do nosso barro humano. Somos assim alertados, com realismo, para *o* ***dom e para o risco*** que comporta a vivência da sexualidade e do amor na pessoa humana! Por um lado, a sexualidade é uma expressão do amor e um dom do criador, e por isso mesmo dotada de bondade! Por outro lado, este dom está sempre exposto ao risco de manipulação e de exploração! A *maravilha e o trágico* deixam, desde o princípio, a sua marca, na experiência do amor humano!

**4.** De resto, esta história do “pecado original” peca por não ser original! **“***Infelizmente todos os dias experimentamos o mal, que se manifesta de muitos modos, nas relações e nos acontecimentos, mas que tem a sua raiz no coração humano, um coração ferido, incapaz de se curar sozinho. Penso nos jovens de hoje, que parecem órfãos do verdadeiro amor, que enche a vida de significado e de alegria. Infelizmente, adolescentes, jovens, e até crianças, podem tornar-se, com facilidade, vítimas fáceis de amor corrupto. Também as realidades mais sagradas, como o corpo humano, se tornam objetos de consumo; e isto acontece cada vez mais cedo, já na pré-adolescência. Como é triste, quando rapazes e raparigas perdem a admiração, o encanto dos mais belos sentimentos, o valor do respeito pelo corpo, que são revelação da pessoa e do seu insondável mistério*” (Bento XVI, Angelus, 8.12.2007).

**5.** Queridos irmãos e irmãs: *Tudo isto nos é lembrado por Maria, Imaculada, que hoje contemplamos em toda a sua beleza e santidade!* Maria abre-nos à esperança de *um coração novo*, redimido pela graça de Cristo, capaz de responder e corresponder ao amor de Deus! Que imensa alegria, e que dom grandioso é o nosso, de ter como mãe Maria Imaculada! Uma Mãe resplandecente de beleza, transparente ao amor de Deus. Na «*Mãe do belo amor*», contemplemos, maravilhados, a pureza do desejo, o rosto da ternura e a beleza do amor, sem sombra de pecado! Ámen.

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO 2012**

**1.** Eis que está à porta e bate (Ap.3,20). Desde o princípio, Deus não faz outra coisa, senão bater à nossa porta. Bate à porta do Homem, do primeiro e de cada Homem, e pergunta-lhe: «*Onde estás?*» (Gn3,9). Mas o Homem, ontem, como hoje, tranca-se dentro de portas, para se defender e isolar de Deus. E por isso, ao toque de Deus, que lhe bate à porta do coração, o homem responde, a tremer, sem dizer onde está. Nem ele sabe porventura onde está. Sabe que não está em Deus. E, por isso, reage, como a um estranho, com medo de abrir a porta, a um concorrente da sua liberdade!

**2.** Doravante, como um verdadeiro mendigo, que não força a porta da nossa liberdade, Deus baterá, constantemente, à porta da nossa fé, p*a*ra entrar, neste mundo que é seu, e quantas as vezes a encontra fechada! Até que, por fim, Deus baterá à porta de Maria, para nos abrir, de novo, a porta do paraíso. E, para nossa alegria, a porta de Maria, a sua porta da fé, estava inteiramente aberta para Deus!

**3.** E como abre Maria, esta Porta da Fé? É uma porta, que se abre, em três tempos:

**3.1.** ***Num primeiro tempo***, a reação de Maria é feita de ***perturbação e ponderação***, sem, todavia, se deixar tomar por um temor paralisante. Ao ouvir as palavras do mensageiro divino, “*Maria perturbou-se e inquiria de si mesma o que significa aquela saudação*” (Lc.1,29), que lhe soava e ressoava, como um convite à alegria perene da salvação. Num confronto íntimo com a Palavra (cf. Lc.2,19.51), Maria reflete, em diálogo consigo mesma, tais palavras da saudação. Todavia, Maria não se fixa, neste primeiro sentimento de perturbação, que a assalta; antes, procura escutar, meditar, ler e entender, com o coração e a mente, toda a mensagem de Deus. E fá-lo, sem nunca perder o controlo, com grande humildade e serenidade interior, perante o inaudito mistério que a visita.

**3.2.** Num ***segundo tempo***, Maria formula uma pergunta breve e incisiva: “*como será isto se eu não conheço homem*” (Lc.1,34). Não se trata, aqui, de pôr em dúvida, o cumprimento da promessa de Deus. Maria não levanta questões, sobre esse facto, mas interroga-se sobre o “*como*” havia de ser mãe, se não conhecera ainda homem algum. O próprio Anjo oferece a Maria a chave deste Mistério: ela será Mãe, através da força do altíssimo, por meio da vinda do Espírito Santo!

**3.3.** Por fim, o passo decisivo de Maria. Pela fé, Maria diz um simples «sim», e com este «sim» torna a Deus possível o impossível. Pela sua fé, abre a porta, à entrada de Deus, neste mundo! “*Pela fé, Maria acolheu a Palavra do Anjo e acreditou no anúncio de que seria a Mãe de Deus, na obediência da sua dedicação*” (Bento XVI, PF, 13). Maria torna-se Mãe, através do seu «sim». E pronuncia este «*fiat», mediante a fé*! Por isso, se diz que ela concebe, primeiro, pela fé, aquele que conceberá em seu seio.

**4.** Diz, o evangelho, a concluir, que “*o anjo se retirou de junto dela*” (Lc.1,38). Doravante, Maria ficará *sem anjos ao seu redor*, com uma tarefa que supera toda a capacidade humana. Ela deverá prosseguir o seu caminho, na fé e pela fé. É um caminho, que passará através de muitas obscuridades. Meditaremos nesse caminho de fé, no domingo anterior ao Natal!

**5.** Por agora, peçamos a Maria, que nos dê a chave da fé; que nos abra a porta do impossível; que nos abra aquelas portas, que, todos os dias, se fecham para nós, com o desemprego, os negócios encalhados, tantos diálogos familiares bloqueados. Maria abre-nos, com certeza, a porta, mas deverá perguntar-nos: “*já entraste, decididamente, por essa porta da fé, ou só espreitaste por ela”?* Neste Natal, Deus bate, uma vez mais, à nossa porta, e espera encontrá-la aberta, de par em par. O desafio deste ano ganha ainda mais força, na palavra e no testemunho de Maria, que não cessa de nos dizer: “*Abri nos corações a porta da fé*”!

**HOMILIA NA IMACULADA CONCEIÇÃO 2013 – II Domingo Advento**

**1.** Nada de novo, afinal, no “*pecado original*”! A narrativa exemplar, que escutávamos hoje, põe a nu este “*defeito de origem*” que é nossa “*marca de fabrico*”: a tendência, tão antiga, e sempre nova, para distorcer a verdadeira imagem de Deus: em vez de um Deus, fonte de bênçãos, fazemos d’Ele, um agente supremo de proibições! Em vez de um Deus, que nos confia o mundo como dom, imaginamo-l’O cioso de reservar para Si a melhor parte. A “*serpente*”, que aqui fala, é bem a representação dessa voz, *astuta e sedutora*, que nos ilude e engana; a serpente é figura dessa “*louca da casa*”, a nossa imaginação, sempre pronta a fabricar falsas imagens de deus, como se Deus fosse um concorrente da nossa felicidade, um empecilho da nossa liberdade! E o que é então este pecado original? É recusar viver em aliança com Deus, é pretender viver fora do seu amor, é querer viver como se Deus não existisse! E qual a sua consequência? Com o pecado, fica embaciada e desfigurada, na criatura humana, a imagem e a semelhança do Criador! O conflito, a inveja e a cobiça, tomam o lugar do amor!

**2.** Mas nem assim, o pecado consegue pôr Deus fora de cena, porque a imagem de Deus, em cada homem, jamais se apagará! “*Ningúem nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere*” (Papa Francisco, E.G.3). Por isso, depois da primeira queda, e de todas as quedas, Deus vem deitar-nos a mão, à nossa consciência, à nossa fragilidade! Volta uma vez, e outra vez, e pergunta-nos: “*onde estás?*”, “*que fizestes?*”, desnudando assim a nossa fraqueza, não para nos condenar, mas para nos cobrir e revestir do seu amor! E assim, na mesma hora negra, em que o homem cai, sobressai a luz do primeiro anúncio da salvação, o primeiro evangelho da esperança: “*Esta te esmagará a cabeça e tu a atingirás no calcanhar*”. O mesmo é dizer: o mal será vencido, por um descendente de outra Mulher!

**3.** Caríssimos irmãos e irmãs: “*Tudo o que foi escrito do passado foi escrito para que tenhamos esperança* (cf. 2ª leitª)! Na verdade, vislumbra-se já, e desde aqui, como a luz de um farol que se projeta no mar, a figura da nova Eva, a criatura escolhida por Deus, para ser a Mãe do Redentor! É Maria! N’Ela, não há sombra de pecado! Ela é a cheia de graça! N’Ela a luz do Espírito Santo entra, como o sol pela vidraça! Cheia de Deus, Maria é a verdadeira “*Casa da Luz*”! E esta luz de Deus, em Maria, brilha e rebrilha, aparece e transparece, como num vitral. Maria é janela aberta a esta luz; é espelho, sem mancha, que reflete e irradia toda a luz, da luz recebida!

**4.** Irmãos e irmãs: Como desembaciar a janela da nossa Casa, por onde a luz de Deus, quer entrar e irradiar? O que fazer, para não deixar refletir em nós, uma imagem de Deus, distorcida ou desfigurada? Assumamos e confessemos humildemente as nossas culpas, o nosso pecado! “*Este é o momento para dizer: «Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me, mais uma vez, nos vossos braços redentores». Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Deus nunca Se cansa de perdoar; somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia*” (Papa Francisco, E.G.3).

**5.** Voltemos então, neste advento, ao confessionário, mesmo se temos vergonha de confessar os nossos pecados! Pois “*é melhor corar uma vez do que empalidecer mil vezes; coramos uma vez, mas os pecados são-nos perdoados*” (Papa Francisco, Audiência, 20.11.2013) e então ficaremos “*mais brancos do que a neve*” (Sal.50,9). Olhai: não é assim, pura e branca, como a neve, que imaginamos a “*Casa da Luz*”, na noite de Natal? Maria Imaculada, a cheia de graça, é o modelo perfeito, que nos inspira, nesta limpeza interior! Com Ela e como ela, sejamos imaculados no amor, para nos tornarmos luzeiros de esperança, para um mundo melhor!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2014**

**1.** Envolver-se pelo amor de Deus, deixar-se tocar pela sua ternura, é a mais bela experiência da graça, que precisamos de fazer, em primeiro lugar, para a partir daí, nos podermos aproximar e abaixar, correr e apressar a consolar e a tratar as feridas dos nossos irmãos feridos! Se bem se recordam, *envolver e envolver-se* é o nosso programa para esta segunda semana de advento, como ontem aqui vos propunha. E, hoje, neste segundo dia da semana, contemplamos a Virgem Maria, que espelha, de modo impecável, este duplo desafio de nos envolvermos no serviço aos outros, deixando-nos envolver primeiro pela ternura de Deus.

**2.** Maria é, em primeiro lugar, a humilde serva, para quem Deus olha, com toda a Sua ternura. Ela é a mais pura criatura, a quem Deus “acha graça”. Maria é, na verdade, a acariciada do Pai, «a cheia de graça», envolta pela ternura de Deus, que a cobre com a sua sombra. Maria é toda ela obra das mãos de Deus, que a formam, tocam e acariciam. E, por isso, cheia da ternura de Deus, Maria torna-se expressão dessa ternura para nós.

**3.** “Sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto! N’Ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. Fixando-A, descobrimos que aquela que louvava a Deus porque «derrubou os poderosos de seus tronos» e «aos ricos despediu de mãos vazias» (*Lc* 1, 52.53) é mesma que assegura o aconchego de um lar à nossa busca de justiça” (EG 288). “Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e **uma montanha de ternura**” (EG 286). É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai «à pressa» (*Lc* 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros.

**4.** Pode parecer uma heresia, mas é a maior verdade, que se reflete em Maria: mais difícil do que amar a Deus é deixarmo-nos amar por Deus! É este, de resto, o único modo justo de lhe restituir  tanto grande amor: abrir o nosso coração e deixarmo-nos envolver pelo seu amor. É deixar que Ele se aproxime de nós, e senti-lo próximo. Deixar que Ele se torne terno, que nos acaricie.

**5.** Peçamos então a Maria duas coisas: que ela nos ensine a difícil ciência de nos deixarmos amar por Deus, de sentirmos o toque da sua ternura. E que Maria nos ajude, a todos, com a sua oração materna, para que não falte em nossa casa e nesta casa, a ternura de Deus e assim a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos, uma mãe de coração aberto!

**Homilia na Imaculada Conceição 2015 – início do ano da misericórdia**

**1.** Abre-se, neste dia da Imaculada Conceição, a Porta Santa! Com este gesto, o Papa Francisco inaugura o Ano Santo extraordinário, o Jubileu da Misericórdia, fazendo memória agradecida dos cinquenta anos do encerramento do Concílio Vaticano II. Na abertura do Concílio, São João XXIII dizia que «*a Igreja prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade (…)*». E, no mesmo horizonte, havia de colocar-se o Beato Paulo VI ao referir que “a *história do bom samaritano foi exemplo e norma, segundo os quais se orientou o concílio*”. São João Paulo II não deixará de afirmar, com vigor, a misericórdia divina como “*o mais admirável atributo do Criador e do Redentor*” (DM 13). E Bento XVI marcará o início do seu magistério, com a encíclica «*Deus é amor*», insistindo aí no laço indissociável entre a ternura para com Deus e o amor ao próximo (cf. DCE, 18). E o Papa Francisco apresenta-se-nos como um “*pecador para quem Deus olhou com misericórdia*”. Na Bula de proclamação do Jubileu, diz, de modo magistral: “*a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para connosco*” (MV 9) e insiste: “*a arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia*”. Na Carta Pastoral “*Felizes os misericordiosos*”, datada de 3 de dezembro último, o Bispo do Porto, com os seus auxiliares, diz-nos que esta misericórdia nos “*envolve a todos: como destinatários e como atores*” (nº1), e que não basta “*fazer misericórdia”* mas é preciso *“ser misericordiosos*” (nº6). Isso mesmo está em sintonia com um dos objetivos delineados no plano diocesano de pastoral: “*anunciar e testemunhar que a vida e a estrada da Igreja é a misericórdia*” (PDP, 2ª edição, pág.38).

**2.** Conhecemos bem este caminho da misericórdia divina, desde as primeiras páginas da Sagrada Escritura. Desde os primórdios da nossa história, Deus não quis deixar a humanidade sozinha e à mercê do mal. Adão e Eva, que aqui simbolizam toda a humanidade, pecaram e, na sua desobediência, fecharam as portas a Deus, pondo-O fora de casa, dispensando-O da sua vida. Ora, precisamente nesse momento, ressoa o *mais primitivo evangelho*, a primeira boa-nova, de que há memória: o mal, simbolizado na astúcia da serpente, seria esmagado, pelo descendente da Mulher! “*Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa*” (MV 3). O veneno do mal é curado pela misericórdia de Deus, que é eterna, e que se “*manifesta de geração em geração*” (Lc.1.50). A história da salvação é, toda ela a história da compaixão divina de um Deus, que nos procura, que bate continuamente à porta dos seus filhos, para poder oferecer o Seu amor.

**3.** E Deus bateu, um dia, à porta de Maria. Mas, desde toda a eternidade, “*Deus pensou e quis Maria santa e imaculada no amor (cf. Ef 1, 4), para que Se tornasse a Mãe do Redentor do Homem*” (MV3). Em Maria, Deus faz atuar, de modo absolutamente «*particular e excecional*» (DM 9), toda a força e ternura da Sua misericórdia, ao preservá-la, desde a conceção, de toda a mancha do pecado! Maria é assim agraciada pela superabundância da misericórdia de Deus, que a redime, de modo radical. E Maria corresponderá, em toda a sua vida, inteira e livremente, à misericórdia de Deus. Em Maria, a misericórdia divina refulge, como num espelho, em todo o seu esplendor! Diríamos que Maria é a “Porta Santa”, por onde Deus Se atravessa e por onde faz passar toda a Sua graça.

**4.** Queridos irmãos e irmãs: Voltemos o nosso pensamento para Maria, Mãe da Misericórdia. “*A doçura do Seu olhar nos acompanhe neste Ano Santo, para podermos todos nós redescobrir a alegria da ternura de Deus. (…) Dirijamos-Lhe a oração, antiga e sempre nova, da Salve Rainha, pedindo-Lhe que nunca se canse de volver para nós os seus olhos misericordiosos e nos faça dignos de contemplar o rosto da misericórdia, seu Filho Jesus*” (MV 24).

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2016 - 1**

**A Porta do Sonho**

**1.** “*Com Maria e José, sonhar a alegria do Natal*”. Na verdade, é Deus que sonha, desde sempre, o melhor para os seus filhos. Ainda não existia sequer o mundo e Deus já amava, já sonhava em mim, em ti, em nós! Nós fazemos parte do sonho de Deus. E qual foi a coisa mais bela que Deus fez ao criar o mundo, e ao pensar em nós? Foi a família! Ele criou o ser humano, o homem e a mulher. E entregou-lhes o mundo inteiro. Todo o amor, com que Deus fez esta maravilhosa Criação, entregou-o a uma família. Por isso, uma família é tanto mais família quanto mais é capaz de abrir os braços e acolher todo esse grande amor de Deus!

**2.** Mas, de repente - dizia-nos a primeira leitura - o sonho de Deus, torna-se um pesadelo! Homem e mulher batem, com a porta, na cara de Deus; querem viver sem Ele, esconder-se d’Ele. Deixam-se seduzir pelo mal, representado naquela serpente. E começam a acusar-se um ao outro, a dividir-se, a passar as culpas. Quantas vezes se desfaz o sonho de uma família, porque fechamos as portas a Deus e deixamos de O ouvir. Quantas vezes começa assim a destruição de uma família, com a desavença no casal, o ciúme entre irmãos... E, assim, todo esse amor, que Deus nos deu, «quase» se perde! «Quase», porque, mesmo aí, quando se desfaz o sonho, Deus abre uma janela de esperança: da descendência da Mulher, diz-se então, havia de nascer um Salvador, para cumprir o sonho de Deus!

**3.** Em boa verdade, Deus nunca desiste de sonhar. Quando o homem e a mulher se afastaram e esconderam, Deus jamais os deixou sozinhos. Tanto era o Seu amor, por nós, que começou a caminhar com o Seu povo, ao longo de séculos. Até que, um dia, Deus quis dar a demonstração maior do Seu amor por nós: enviar ao mundo o Seu próprio Filho!

**4.** E, para isso, Deus bate à porta de quem? De Maria e de José. Esta porta aberta reabre a porta batida e fechada, pelos nossos primeiros pais, no Paraíso. Pensemos em Maria, tão jovenzinha. Não tinha como entender aquela gravidez: «*Como pode isso acontecer?*». E quando Lhe explicaram, Ela obedeceu! Pensemos em José, cheio de esperanças de formar um lar, e encontra-se agora com esta surpresa, que não entende. Aceita entrar no sonho de Deus e obedece sem dizer palavra. E, assim, na obediência do amor desta mulher, Maria, e deste homem, chamado José, forma-se uma família! Deus entra no nosso mundo, através de uma família. E pôde fazê-lo porque essa família tinha um coração aberto ao amor, tinha as portas abertas da sua casa, a Deus e aos outros.

**5.** Deus gosta especialmente de bater à porta das famílias. Mas *“para ouvir e aceitar esta chamada de Deus, é preciso encontrar, em cada dia, um pouco de tempo para rezar; mas, se não rezarmos, nunca conheceremos a vontade de Deus a nosso respeito****.*** *É, antes de tudo, em família, que aprendemos a rezar”* (Papa Francisco, *Discurso em Manila*, 16.01.2015).

**6.** [Por isso, hoje vimos aqui, com as dezenas e os terços na mão, porque não se pode sonhar a família, como Deus a sonha, sem a oração! *“Família que reza unida, permanece unida”* (AL 227)]. Durante este tempo do Advento e do Natal, encontremos tempo, para rezar, ao menos, um mistério do rosário, em família. Quando estamos a rezar, criamos um espaço onde Deus pode entrar, nos pode falar e transformar! Que a nossa Casa, lá em casa, e a nossa Casa, aqui na Igreja, tenham sempre abertas, de par em par, as portas ao sonho de Deus.

Assim, quando Deus bater à porta, poderemos dizer «Sim», como Maria e José, ao sonho de Deus. E então será possível, “*com Maria e José, sonhar a alegria do Natal*”!

**SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO 2016 – 2**

1. Celebramos esta solenidade, em plena segunda semana do Advento, destacando-se hoje a figura de Maria, a Mãe de Jesus. Além do mais, estamos a viver um ano pastoral, em que nos é proposto: “*Com Maria, renovai-vos, nas fontes da alegria*”. Por isso, este dia merece sempre, e este ano, mais do que nunca, a sua solenidade.
2. É importante, no quadro do Advento, apresentar Maria, dentro do grande “sonho” de Deus para a humanidade e ver nela “a porta” por onde Deus entrou no mundo e através de uma família: uma porta completamente escancarada à livre iniciativa de Deus, que escolhe Maria, como digna morada de Seu Filho.
3. Esta “Porta aberta” reabre a porta batida e fechada, pelos nossos primeiros pais, no Paraíso (Gn 3,9-15.20), mesmo se o protoevangelho aí já enunciado deixa aberta a janela da esperança da salvação de toda a humanidade, através d’Aquele que havia de nascer “da descendência da Mulher”, de Maria, a nova Eva.
4. A nível da vida em família e da vida em comunidade, Maria, figura da Porta aberta, inspira a família e comunidade a ser uma “Casa de portas abertas”. Diz o Papa Francisco: *“A Igreja «em saída» é uma Igreja com as portas abertas (…) Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade”* (EG 46). *“A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas”* (EG 47).
5. Por que não pensar em ampliar os tempos e espaços abertos na vida da comunidade: *“Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza duma porta fechada. Mas há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a «porta»: o Batismo. A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prémio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos. Estas convicções têm também consequências pastorais, que somos chamados a considerar com prudência e audácia. Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante”* (EG 47).
6. O acolhimento pleno de Maria à iniciativa de Deus, num clima de plena recetividade à Palavra e à vontade de Deus, podem inspirar-nos, quer à valorização da oração em família e em comunidade, quer à exigência de abrir as portas de casa às necessidades do próximo: *“Para ouvir e aceitar a chamada de Deus, para construir uma casa para Jesus, deveis ser capazes cada dia de encontrar tempo para repousar no Senhor, para rezar.* ***Rezar é repousar no Senhor.*** *Mas poderíeis dizer-me: «Santo Padre, isso sabemos nós; eu quero rezar, mas há tanto que fazer! Devo cuidar dos meus filhos; tenho os deveres de casa; estou demasiado cansado até mesmo para dormir bem». É justo. Isto até pode ser verdade; mas, se não rezarmos, nunca conheceremos a coisa mais importante de todas: a vontade de Deus a nosso respeito. Além disso, durante toda a nossa atividade, na multiplicidade das nossas ocupações, com a nossa oração tudo conseguiremos.* ***Repousar na oração é particularmente importante para as famílias.*** *É, antes de tudo, na família que* ***aprendemos como rezar****. Não esqueçais: quando a família reza unida, permanece unida. Isto é importante. Nela chegamos a conhecer Deus, a crescer como homens e mulheres de fé, a considerar-nos como membros da família mais ampla de Deus, a Igreja”* (Papa Francisco, *Discurso em Manila*, 16.01.2015).

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2016 - 3**

**– Missa com Catequese**

1. “Uma vez, um menino perguntou-me: «Padre, o que Deus estava a fazer antes de criar o mundo?». Garanto-vos que me custou responder. E eu disse-lhe o que eu vos digo agora: antes de criar o mundo, Deus amava, porque Deus é amor; mas tal era o amor que Ele tinha em si mesmo – esse amor entre o Pai e o Filho no Espírito Santo era tão grande, que não podia ser egoísta. Tinha que sair de si mesmo para ter a quem amar fora de si. E assim, Deus criou o mundo. Então Deus fez esta maravilha onde vivemos. E que, como estamos um pouco desnorteados, estamos a destrui-la.

2. Mas a coisa mais bela que Deus fez – diz a Bíblia – foi a família. Ele criou o homem e a mulher. E entregou-lhes tudo. Entregou-lhes o mundo: «Sede fecundos e multiplicai, cultivai a terra, fazei-a dar fruto, fazei-a crescer». Todo o amor com que fez esta maravilhosa Criação, entregou-o a uma família.

Vamos voltar um pouco. Todo o amor que Deus tem em si, toda a beleza que Deus tem em si, toda a verdade que Deus tem em si mesmo, entrega-a para a família. E uma família é verdadeiramente família quando ela é capaz de abrir os braços e receber todo esse amor. É evidente que o paraíso terrestre não existe mais, que a vida tem os seus problemas, que os homens aprenderam a dividir-se. E todo esse amor que Deus nos deu quase se perde. E logo em seguida, teve lugar o primeiro assassinato, o primeiro fratricídio. Um irmão mata o outro irmão: a guerra. O amor, a beleza e a verdade de Deus, e a destruição da guerra. E é entre essas duas posições que nós caminhamos hoje. Cabe-nos a nós escolher, cabe-nos a nós decidir o caminho a percorrer.

Mas voltemos ao início. Quando o homem e a sua esposa se equivocaram e se afastaram de Deus, Deus não os deixou sozinhos. Tanto era o amor. Tanto era o amor que começou a caminhar com a humanidade, Ele começou a caminhar com o seu povo, até que chegou o momento maduro e deu a demonstração do maior amor: o Seu Filho. E para onde mandou o Seu Filho?

Para um palácio, para uma cidade, para construir uma empresa? Enviou-o para uma família. Deus entrou no mundo numa família. E pôde fazê-lo porque essa família era uma família que tinha um coração aberto ao amor, que tinha as portas abertas.

Pensemos em Maria, jovenzinha. Não tinha como entender: «Como pode isso acontecer?». E quando lhe explicaram, ela obedeceu. Pensemos em José, cheio de esperanças de formar um lar, e encontra-se com esta surpresa, a qual não entende. Aceita, obedece. E na obediência de amor desta mulher, Maria, e deste homem, José, forma-se uma família na qual veio Deus.

Vede: Deus sempre bate às portas dos corações. Ele gosta de fazê-lo. Vem do seu interior. Mas sabeis do que Deus mais gosta? Bater às portas das famílias” (Papa Francisco, *Discurso na Festa das Famílias e Vigília de Oração, em Filadélfia*, 26.09.2015). *“Para ouvir e aceitar a chamada de Deus, deveis ser capazes cada dia de encontrar tempo para repousar no Senhor, para rezar.* ***Rezar é repousar no Senhor.*** *Mas poderíeis dizer-me: «Padre, isso sabemos nós; eu quero rezar, mas há tanto que fazer! Devo cuidar dos meus filhos; tenho os deveres de casa; estou demasiado cansado até mesmo para dormir bem». É justo. Isto até pode ser verdade; mas, se não rezarmos, nunca conheceremos a coisa mais importante de todas: a vontade de Deus a nosso respeito. Além disso, durante toda a nossa atividade, na multiplicidade das nossas ocupações, com a nossa oração tudo conseguiremos.* ***Repousar na oração é particularmente importante para as famílias.*** *É, antes de tudo, na família que* ***aprendemos como rezar****. Não esqueçais: quando a família reza unida, permanece unida. Isto é importante”* (Papa Francisco, *Discurso em Manila*, 16.01.2015).

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2017**

1. “*Fiel*” é a marca que deixamos no primeiro *par de pegadas*. A mesma marca sinaliza, desde o primeiro dia do Advento, o primeiro canto da Estrela Maior, a do Amor de Deus, que “*move o sol e as altas estrelas*” (Dante, *Paraíso XXXIII*, 45) e nos move a nós, rumo ao Presépio de Belém. E que bom é podermos dar este primeiro passo na fidelidade, dizer o nosso “sim” e mantê-lo todos os dias e firme até ao fim, seguindo as pegadas do itinerário percorrido por Maria, a *Virgem fiel*.

2.Na verdade, Maria é fiel desde o primeiro *sim,* na Anunciação. Não diz ao Senhor: «*Bem, desta vez cumprirei a Tua vontade, dando a minha disponibilidade, e depois verei*». Ou “*Sim, mas agora não*”, ou “*Sim, desde que*”. Não! O seu *sim* é completo, total, para a vida inteira, numa disponibilidade sem condições, sem restrições, sem calculismos. É um *sim* sem garantias, confiante na fidelidade de Deus à sua Palavra; um *sim* sem reservas, totalmente aberto às surpresas de Deus. Um *sim sempre às ordens*, sem defesas, sem adiamentos. Um sim *tipo* “*seja o que Deus quiser*”.

3. Como viveu Maria a sua fidelidade ao *sim* da Anunciação, ao longo de toda a sua vida? Viveu-a, em primeiro lugar, procurando conhecer e realizar a vontade de Deus, na simplicidade dos numerosos trabalhos e preocupações de cada mãe, como prover à comida, à roupa, aos afazeres de casa. Precisamente esta existência normal da vida doméstica foi o terreno onde desenvolveu uma atenção concreta a cada coisa, uma relação singular e um diálogo profundo entra Ela e o seu Deus, entre Ela e o seu Filho. Maria viveu sempre imersa no mistério deste Deus que Se fez homem, meditando e ponderando tudo em seu coração, examinando todas as coisas à luz do Espírito Santo, para assim compreender e pôr em prática a vontade de Deus. No silêncio da oração, da meditação, da contemplação, Maria suplica e recebe a graça de uma fidelidade a toda a prova, de uma fidelidade *todo o terreno*, que a mantém fiel ao *sim* da primeira hora, sem nunca arrefecer o fervor do primeiro amor. Maria permanece fiel até ao fim, nesta união ao seu Filho Jesus, nos altos e baixos, mesmo quando as coisas não correm bem. Permanecerá fiel e firme na fé, até na desolação da noite escura da Cruz (cf. LG 58), quando outros hão de desertar e trair o Senhor. Em todo o caso, e sempre, “*Maria é a Virgem que mantém íntegra e pura a fidelidade prometida*” (LG 64). Ela é, para todos nós, testemunha da fidelidade, na perseverança, na constância e na coerência de toda a sua vida. Em Maria, “*palavra dada é mesmo palavra honrada*”!

4.Vivemos um tempo em que a fidelidade parece opor-se à felicidade e à liberdade! A fidelidade aparece como um estorvo para agarrar uma nova oportunidade, fazer novas experiências e tirar todo o partido da vida.Faz-nos, por isso, muito bem, deixarmo-nos inspirar e guiar pela fidelidade de Maria ao seu *sim*, uma fidelidade esmaltada pela alegria do primeiro amor.Maria convida-nos a pronunciar este *sim*, que parece tão difícil, quando se trata de assumir a decisão de casar ou de permanecer no casamento, a decisão de se consagrar ou de perseverar na vocação. Somos tentados a seguir os nossos desejos e sentimentos. Maria diz-nos: “*Tem coragem! Dá o teu sim, sem medo. Diz ao Senhor o teu temor, mas entrega-te ao Seu amor. Quando não compreenderes bem aonde te leva esse sim, diz-lhe: «Seja feita a tua vontade*»”. Manter a fidelidade ao primeiro amor, perseverar no *sim* à vontade de Deus, pode parecer-nos um peso insuportável, um jugo impossível de carregar. Mas, na realidade, a vontade de Deus não é um peso: é o verdadeiro bem que nos orienta para a felicidade autêntica. A infidelidade, pelo contrário, é sempre causa de tristeza, de amargura e desconfiança.

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2018**

*Construir e habitar o Presépio* foi a primeira sugestão, para tornar mais leve o Natal e fazer do *Presépio um lugar de encontro para todos*. Uma vez construído o Presépio, lá em casa, aqui na Igreja, ou lá fora nas ruas, agora é preciso habitá-lo. Que significa e implica isto de *habitar* o Presépio? Digamo-lo em dois modos, tão femininos como marianos*: saber recolher-se para poder acolher a presença do Senhor, que vem ao encontro de todos!*

1.º Como Maria, ***façamos do nosso coração uma casa que recolhe.*** Diz São Lucas que “*o Anjo entrou em casa de Maria”* **(***Lc* 1,28)! Deus não encontrou Maria, como outrora encontrara Eva, fora de casa, fugindo de si mesma, ocultando-se, por medo. Maria, pelo contrário, está na sua própria casa. Quando Deus entra, em toda a Sua luz, Maria não está cercada pelas coisas, nem fora de casa, dispersa, estranha, distante do seu próprio lugar, mas recolhida, habitada por Deus. Está na sua própria casa, o lugar onde se faz a unidade entre o que está dentro e o que está fora. Esta é a primeira imagem que temos de Maria: *a Virgem recolhida na sua própria casa*.

Quantas vezes Deus vem até nós e não nos damos conta, porque estamos imersos e dispersos nos nossos pensamentos, nos nossos afazeres ou obcecados nos preparativos do Natal. Então, para nós, habitar o Presépio, à semelhança de Maria, é escavar a gruta no próprio coração, é criar espaço livre e limpo, para deixar Deus entrar e fazer de nós a digna morada do Seu Filho. Habitar o Presépio significa, então, recolher-se à porta do Presépio, em silêncio, à espera que Deus nos toque e deste modo O possamos ouvir e abrir-Lhe o coração. É preciso saber recolher-se diante do Presépio, para poder acolher quem já lá está e os pobres que lá vão. Aqui na Paróquia, valorizemos mais os tempos de adoração, de celebração, de oração. Lá em casa, procuremos fazer do Presépio um lugar de *recolhimento*!

2*.º* ***Como Maria, façamos do nosso coração uma casa que acolhe*.** Desde a soleira da sua porta, Maria abre-Se como figura, por excelência, do acolhimento de quem chega, do acolhimento da própria vida com as suas surpresas, do acolhimento do mistério de Deus que A habita. Maria é a cheia de graça, porque é inteiramente habitada por Deus; n’Ela não há lugar para o pecado, para nenhuma sombra de pecado. Respondendo ao Anjo, Maria disse: “*Hinneni*”, “Aqui estou*”* (*Lc* 1,38), para o que Deus der, quiser e vier. Maria não tem a sua casa cheia de coisas. Ela só é a cheia de graça. Por isso, Maria é uma casa virgem, pronta a ser habitada, por quem procura nela um abrigo e um refúgio.

*Habitar o Presépio* à semelhança de Maria, significa, para nós, acolher a vontade de Deus, acolher as surpresas da vida, acolher quem chega de imprevisto e precisa de mais atenção, acolher aqueles que vêm para nos tirar o lugar. Em perspetiva de missão, “*trata-se de ser presença na escuta de gente só, de gente ferida no coração e no corpo, de ser companhia ao longo das ruas cheias da cidade, de partilhar o caminho, de comunicar a alegria do Evangelho em conversa amiga. Trata-se de ser lugares-soleira. Estar disponíveis para o inesperado, ser pessoas-soleira, nas salas de espera, nas saídas da escola, nos centros comerciais, fora dos espaços paroquiais*” (Dom Carlos Azevedo). Lá em casa, pode ser algo de mais simples: que as respostas que damos uns aos outros não sejam “Vai tu”, “Faz tu”, “Não vou” ou “Não fui eu”, mas seja simplesmente esta que ouvimos e aprendemos de Maria: “Aqui estou”. E então, sim, faremos do nosso coração, da nossa casa, da nossa família, da nossa Paróquia um Presépio, um lugar de encontro para todos!

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição – II Domingo do Advento A 2019**

1. Desde pequenino, que este dia da Imaculada Conceição tem, para mim, uma marca especial. Lembro-me, de quando era criança, que era este o dia em que começávamos a fazer o Presépio, com o pinheiro, uma cabana de palha, pedras, areia, musgo e muitas figurinhas de barro, pintadas à mão. Havia lugar no Presépio para as montanhas e para os riachos, para o burro e para o boi, para as ovelhas e pastores, num jeito de dizer que toda a criação participava na festa da vinda do Messias. E não faltavam os pobres, a gente simples do campo, e outras figuras, até chegar a vez dos senhores Magos. Do pastor ao ferreiro, do padeiro aos músicos, das mulheres, com a bilha de água ao ombro, às crianças que brincam… tudo isso nos lembrava a santidade do dia a dia, a alegria de realizar de modo extraordinário as coisas de todos os dias, quando Jesus partilha connosco a sua vida divina. No centro, é claro, estava, está e estará sempre Jesus, Deus feito Menino, que tem a seu lado as figuras de Maria, a Mãe que O contempla e mostra a quantos vêm visitá-l’O, e a de José, que guarda e protege a Sagrada Família.

2. Pensando bem, fazia todo o sentido começar a dar forma ao Presépio, a primeira casa de Jesus, precisamente neste dia da Imaculada Conceição. Recolhida e hospitaleira, Maria tornara-Se a mais bela casa de Deus, a digna morada, que o Pai preparou para o seu Filho! Para Jesus, como para nós, a sua primeira morada é o seio de sua Mãe. Maria é a primeira e a mais digna morada, que Jesus podia encontrar, para nascer e habitar no meio de nós. Uma morada, que não é um palácio em ruínas, destruído pela desordem, ou uma casa atulhada de luxo ou de lixo. Mas um coração puro, recetivo e harmonioso, sem sombra de pecado. Maria, a cheia de graça, é a criatura humana, plenamente habitada pelo amor de Deus!

3. Também nós, pelo nosso Batismo, somos habitados por Deus! O mesmo Espírito Santo, que gerou Jesus no seio da Virgem Maria, faz com que a água da fonte batismal nos regenere, nos lave e nos purifique do pecado, para nos tornarmos morada santa de Deus, templos vivos do Espírito Santo. Não deixamos, por isso, de ser pecadores, mas doravante lutamos contra o vírus egoísta do pecado, na certeza de que o mal não terá sobre nós a última palavra. A unção no peito, com o óleo da fortaleza, recorda-nos que “*esta luta é magnífica, porque nos permite cantar vitória, todas as vezes que o Senhor triunfa na nossa vida*” (GE 158).

4. *Somos habitados por Deus*! Isto faz-nos voltar a pensar, não apenas em Maria, a mais santa das moradas do Altíssimo, mas na primeira habitação material de Jesus: o pobre curral de Belém. Segundo certa tradição, este curral aparece do meio de um palácio em ruínas, sinal visível da nossa humanidade decaída e destruída pelo pecado. Este cenário diz-nos que Jesus é a novidade, no meio de um mundo velho, e que Ele veio para curar e reconstruir, para reconduzir a nossa vida e o mundo à beleza inaugural da criação, nas suas origens. Pensemos então: *assim como o curral, onde Jesus nasce, é o que sobra do mundo velho, assim da nossa ruína, da nossa desgraça, Deus é capaz de abrir um caminho de salvação* (cf. Prefácio Dominical III) e reconstruir em nós o templo santo da Sua morada. Tenhamos esperança!

5. Caríssimos irmãos e irmãs: não deixemos então de construir o Presépio, em família, em nossa casa, mas façamo-lo ao jeito de Maria, a Mãe que preparava o berço do Menino, não atulhando-o de coisas, mas com um coração silencioso e recolhido, puro e imaculado, despojado e acolhedor, esperançoso e confiante; enfim, um coração totalmente preenchido pela graça de Deus, um coração que só sabe dizer “sim” a Deus. Um coração que não deseja mais nada do que fazer de Si mesma o mais belo Presépio para Deus habitar o nosso mundo.

Como Maria, deixemos Jesus nascer e habitar em nós. Se O deixarmos nascer e habitar em nós, seremos também nós a nascer, de novo com Ele, neste Natal.

**Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição 2020**

1. No início do Advento, recordávamos que a fraternidade autêntica, que nos faz *todos irmãos,* tem a sua raiz na paternidade de Deus. Porque temos um só Pai, somos verdadeiramente irmãos (*Mt* 23,8). Por isso – dizíamos – uma fraternidade autêntica só é alcançável com uma abertura do nosso coração a Deus, o Pai de todos nós (cf. FT 272; DCE 19).

2. Hoje, ao celebrarmos a beleza e a santidade da Virgem Maria, a Liturgia da Solenidade da Imaculada Conceição vem dizer-nos isto: Deus Pai, que nos faz irmãos, também quis ter uma Mãe. Mais ainda: Deus nosso Pai quis oferecer-nos a todos, com o dom do Seu próprio Filho, a graça de uma Mãe. Para quê? Para que nunca nos sentíssemos estranhos, filhos de uma mãe incógnita, mas *todos irmãos*, todos filhos. Para estabelecer esta nova fraternidade, Deus olhou para Maria, escolheu-A, preparou-A e preservou-A de toda a mancha do pecado. Maria é a *cheia de graça*, inteiramente habitada por Deus. N’Ela não há sombra de pecado. Só assim, Maria poderia tornar-Se a primeira e a mais digna morada do Filho de Deus, onde o Filho de Deus Se faz Homem e é *de casa*.

3. Doravante, sabemo-lo: somos todos irmãos, não apenas porque temos um mesmo e único Pai. Somos todos irmãos, porque temos uma mesma e única Mãe: Maria. Daí que, para nós, cristãos*,* este caminho de fraternidade tenha também uma Mãe, chamada Maria(cf. FT 278).Na Cruz, Maria receberá esta maternidade universal para cuidar não só de Jesus, mas também de todos nós, seus filhos.

4. “*Eis a tua Mãe*” (*Jo* 19,26), diz-nos, aqui e agora, Jesus a cada um, como se nos pedisse: “*Olha para Maria, tua Mãe; recebe-A entre as tuas coisas mais próprias; tem-n’A entre os teus bens mais pessoais; toma-A a peito como o teu tesouro mais precioso. Guarda Maria no teu coração, na tua casa, na tua família, para que Ela te guarde, te eduque e te modele, até que Cristo esteja plenamente formado em ti”.*

5. Neste caminho da fraternidade, que estamos a percorrer, Maria, nossa Mãe, é a nossa *Estrela, “Aquela que nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha*” (GE 176). Neste Advento, saibamos acolher Maria em nossa casa, não como uma imagem decorativa, entre tantas outras. Saibamos receber Maria como Mãe “*de casa*”, como a Mãe da nossa própria casa, para aprendermos d’Ela a “dizer sim” à presença do Senhor (“*Say yes”*), que quer nascer precisamente em nossa casa; para aprendermos d’Ela a levantarmo-nos (*“Rise up”*), para sairmos de casa ao encontro de quem mais precisa; para aprendermos d’Ela a acompanharmos a vida, a sustentarmos a esperança, a lançarmos pontes, a abatermos muros, a semearmos reconciliação (FT 276); para aprendermos d’Ela a guardar, a proteger e a cuidar da vida de cada pessoa, a quem Jesus chama *“meu irmão, minha irmã e minha mãe”* (*Mt* 12,50). Com Jesus e connosco, Maria quer, mais que todos, mais do que nunca, dar à luz um mundo novo, onde todos sejamos irmãos, um mundo onde haja lugar para cada descartado das nossas sociedades, um mundo mais digno, sem fome, sem pobreza, sem violência, onde resplandeçam a justiça e a paz (cf. FT 278) para sempre.

6. Nestes dias difíceis de confinamento, rezemos a Maria, a Mãe Imaculada:

*Mãe da fidelidade e da ternura, fica nas nossas casas. Fica na Casa comum da nossa família e do nosso mundo, ó Estrela da Santidade. Se nos momentos de escuridão, ó Imaculada Conceição, Tu estiveres junto de nós e nos disseres que também esperas o parto de um mundo mais fraterno, então enxugar-se-ão as nossas lágrimas e, juntos, despertaremos a aurora de um Natal viral, um Natal nunca visto, onde somos todos necessários, todos importantes, “todos irmãos, todos de casa”.*

**OUTROS TEXTOS**

**Homilia do Papa Bento XVI**

**Solenidade da Imaculada Conceição 2005**

***O que significa "Maria, a Imaculada"?*** Este título tem algo a dizer-nos? A liturgia hodierna esclarece-nos o conteúdo desta palavra com duas imagens grandiosas. Em primeiro lugar, há a maravilhosa narração do anúncio a Maria, a Virgem de Nazaré, da vinda do Messias.

**I. O EVANGELHO DA ANUNCIAÇÃO**

A saudação do Anjo é tecida com fios do Antigo Testamento, especialmente do profeta Sofonias. Ele faz ver que Maria, humilde mulher de província que vem de uma estirpe sacerdotal e traz em si o grande património sacerdotal de Israel, é "o santo resto" de Israel ao qual os profetas, em todos os períodos de dificuldade e de trevas, fizeram referência. Nela está presente o verdadeiro Sião, a morada pura e viva de Deus. O Senhor habita nela, e nela encontra o lugar do seu repouso. Ela é a casa viva de Deus, que não habita em edifícios de pedra, mas no coração do homem vivo. Ela é ***o rebento que, na obscura noite invernal da história, brota do tronco abatido de David***. É nela que se cumpre a palavra do *Salmo:* "*A terra produziu o seu fruto*" (67, 7). ***Ela é o botão do qual deriva a árvore da redenção e dos redimidos***.

Deus não fracassou, como podia parecer já no início da história com Adão e Eva, ou durante o período do exílio babilónico, e como novamente parecia no tempo de Maria, quando Israel se tornou definitivamente um povo sem importância, numa região ocupada, com poucos sinais reconhecíveis da sua santidade. Deus não fracassou. Na humildade da casa de Nazaré vive o Israel santo, o resto puro. Deus salvou e salva o seu povo. Do tronco abatido resplandece de novo a sua história, tornando-se uma nova força que orienta e impregna o mundo. Maria é o Israel santo; ela diz "sim" ao Senhor, coloca-se plenamente à sua disposição e assim torna-se o templo vivo de Deus.

**II. O DRAMA DO PECADO ORIGINAL**

A segunda imagem é muito mais difícil e obscura. Esta metáfora tirada do *Livro do Génesis* fala-nos de uma grande distância histórica, e somente com dificuldade pode ser esclarecida; somente durante a história foi possível desenvolver uma compreensão mais profunda daquilo que ali é mencionado. Prediz-se que durante toda a história continuará a luta entre o homem e a serpente, ou seja, entre o homem e os poderes do mal e da morte. Porém, é também prenunciado que "a estirpe" da mulher um dia vencerá e esmagará a cabeça da serpente, da morte; prenuncia-se que a linhagem da mulher e nela a mulher e a própria mãe vencerá e que assim, mediante o homem, Deus vencerá. Se, juntamente com a Igreja crente e orante, nos colocarmos à escuta diante deste texto, então poderemos começar a compreender o que é o pecado original, o pecado hereditário, e também o que é a tutela contra este pecado hereditário, o que é a redenção.

*Qual é o quadro que nesta página nos é apresentado?*

a) O homem não confia em Deus. Ele tentado pelas palavras da serpente, alimenta a suspeita de que Deus, em última análise, tira algo da sua vida, que Deus é um concorrente que limita a nossa liberdade e que nós só seremos plenamente seres humanos, quando O tivermos posto de lado; em síntese, somente deste modo podemos realizar na plenitude a nossa liberdade. O homem vive na suspeita de que o amor de Deus cria uma dependência e que é necessário libertar-se desta dependência para ser plenamente ele mesmo.

*b) A ciência, em vez do amor*

O homem não deseja receber de Deus a sua existência e a plenitude da sua vida. ***Quer haurir ele mesmo, da árvore da ciência***, o poder de plasmar o mundo, de se fazer deus elevando-se ao nível d'Ele e de vencer com as próprias forças a morte e as trevas. Não quer contar com o amor, que não lhe parece confiável; ele conta unicamente com a ciência, dado que ela lhe confere o poder.

*c) O poder em vez do amor*

Em vez de visar o amor, tem como objetivo o poder com que deseja ter nas suas mãos, de modo autónomo, a própria vida. E ao fazê-lo, confia na mentira e não na verdade, e assim mergulha com a sua vida no vazio, na morte. Amor não é dependência, mas dom que nos faz viver. A liberdade de um ser humano é a liberdade de um ser limitado e, portanto, ela mesma é limitada. Só a podemos possuir como liberdade compartilhada, na comunhão das liberdades: a liberdade pode desenvolver-se unicamente se vivermos do modo justo uns com os outros, e uns para os outros.

Nós vivemos do modo justo, se vivermos segundo a verdade do nosso ser, ou seja, segundo a vontade de Deus. Porque a vontade de Deus não é para o homem uma lei imposta a partir de fora, que o obriga, mas a medida intrínseca da sua natureza, uma medida que está inscrita nele e que o torna imagem de Deus e, assim, criatura livre. Se nós vivermos contra o amor e contra a verdade contra Deus então destruir-nos-emos uns aos outros e aniquilaremos o mundo. Então, não encontraremos a vida, mas defenderemos o interesse da morte. Tudo isto é narrado com imagens imortais na história do pecado original e da expulsão do homem do Paraíso terrestre.

**III. UMA HISTÓRIA QUE SE REPETE**

Estimados irmãos e irmãs! Se refletirmos sinceramente sobre nós mesmos e sobre a nossa história, devemos dizer que com esta narração se descreve não só a história do princípio, ***mas a história de todos os tempos***, e que todos trazemos dentro de nós próprios uma gota do veneno daquele modo de pensar explicado nas imagens do *Livro da Génesis.* A esta ***gota de veneno, chamamos pecado original***.

Precisamente na festa da Imaculada Conceição manifesta-se em nós a suspeita de que uma pessoa que não peque de modo algum, no fundo, seja tediosa; que falte algo na sua vida: a dimensão dramática do ser autónomo; que faça parte do verdadeiro ser homem, a liberdade de dizer não, o descer às trevas do pecado e o desejar realizar sozinho; que somente então seja possível desfrutar até ao fim toda a vastidão e a profundidade do nosso ser homens, do ser verdadeiramente nós mesmos; que devemos pôr à prova esta liberdade também contra Deus, para nos tornarmos realmente nós próprios. Em síntese, pensamos que o mal no fundo seja bem, que dele temos necessidade, pelo menos um pouco, para experimentar a plenitude do ser. Julgamos que Mefistófeles o tentador tem razão, quando diz que é a força "***que deseja sempre o mal e realiza sempre o bem***" (J.W. v. Goethe, *Fausto* I, 3). Pensamos que pactuar com o mal, reservando para nós mesmos um pouco de liberdade contra Deus, em última análise, seja um bem, talvez até necessário.

***O mal envenena sempre***

Contudo, quando olhamos para o mundo à nossa volta, podemos ver que não é assim, ou seja, que *o mal envenena sempre*, que não eleva o homem mas o rebaixa e humilha, que não o enobrece, não o torna mais puro nem mais rico, mas o prejudica e faz com que se torne menor. É sobretudo isto que devemos aprender no dia da Imaculada: o homem que se abandona totalmente nas mãos de Deus não se torna um fantoche de Deus, uma maçadora pessoa conscientemente; ele não perde a sua liberdade. Somente o homem que confia totalmente em Deus encontra a verdadeira liberdade, a grande e criativa vastidão da liberdade do bem. O homem que recorre a Deus não se torna menor, mas maior, porque graças a Deus e juntamente com Ele se torna grande, divino, verdadeiramente ele mesmo. O homem que se coloca nas mãos de Deus não se afasta dos outros, retirando-se na sua salvação particular; pelo contrário, só então o seu coração desperta verdadeiramente e ele torna-se uma pessoa sensível e por isso benévola e aberta.

**IV. DEUS ENGRANDECE O HOMEM**

***Quanto mais próximo de Deus o homem está, tanto mais próximo está dos homens. Vemo-lo em Maria*.** O facto de Ela estar totalmente junto de Deus é a razão pela qual se encontra também próxima dos homens. Por isso, pode ser a Mãe de toda a consolação e de toda a ajuda, uma Mãe à qual, em qualquer necessidade, todos podem dirigir-se na própria debilidade e no próprio pecado, porque Ela tudo compreende e para todos constitui a força aberta da bondade criativa. É nela que Deus imprime a sua própria imagem, a imagem daquela que vai à procura da ovelha perdida, até às montanhas e até ao meio dos espinhos e das sarças dos pecados deste mundo, deixando-se ferir pela coroa de espinhos destes pecados, para salvar a ovelha e para a reconduzir a casa.

Como Mãe que se compadece, Maria é a figura antecipada e o retrato permanente do Filho. E assim vemos que também a imagem da Virgem das Dores, da Mãe que compartilha o sofrimento e o amor, é uma verdadeira imagem da Imaculada. Mediante o ser e o sentir juntamente com Deus, o seu coração alargou-se. Nela a bondade de Deus aproximou-se e aproxima-se muito de nós.

**V. A MENSAGEM DE MARIA**

Assim, Maria está diante de nós como sinal de consolação, de encorajamento e de esperança. Ela dirige-se a nós, dizendo:

"*Tem a coragem de ousar com Deus! Tenta! Não tenhas medo d'Ele! Tem a coragem de arriscar com a fé! Tem a coragem de arriscar com a bondade! Tem a coragem de arriscar com o coração puro! Compromete-te com Deus, e então verás que precisamente assim a tua vida se há de tornar ampla e iluminada, não tediosa, mas repleta de surpresas infinitas, porque a bondade infinita de Deus jamais se esgota!".*

Neste dia de festa, queremos agradecer ao Senhor o grande sinal da sua bondade, que nos concedeu em Maria, sua Mãe e Mãe da Igreja. Queremos pedir-lhe que ponha Maria no nosso caminho, como luz que nos ajuda a tornar-nos também nós luz e a levar esta luz pelas noites da história. Amém!

***ANGELUS***

***Solenidade da Imaculada Conceição   
 Sexta-feira, 8 de dezembro de 2006***

Celebramos hoje uma das festas mais bonitas e populares da Bem-Aventurada Virgem: a Imaculada Conceição. Maria não só não cometeu pecado algum, mas foi preservada até da herança comum do género humano, que é o pecado original. E isto devido à missão para a qual Deus a destinou desde o início: ser a Mãe do Redentor. Tudo isto está contido na verdade da fé da "Imaculada Conceição”. O fundamento bíblico deste dogma encontra-se nas palavras que o Anjo dirigiu à jovem de Nazaré: "Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo" (*Lc* 1, 28).

"Cheia de graça" no original grego *kecharitoméne* é o nome mais bonito de Maria, nome que lhe foi conferido pelo próprio Deus, para indicar que ela é desde sempre e para sempre a amada, a eleita, a predestinada para acolher o dom mais precioso, Jesus, "o amor encarnado de Deus" (Enc. [*Deus caritas est*](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est_po.html), 12).

Podemos perguntar: por que, entre todas as mulheres, Deus escolheu precisamente Maria de Nazaré? A resposta está escondida no mistério insondável da vontade divina.

Contudo há uma razão que o Evangelho ressalta: a sua humildade. Ressalta isto muito bem Dante Alighieri no último Canto do Paraíso: "Virgem Mãe, filha do teu Filho, / humilde e alta mais do que criatura, / fim firme do conselho eterno" (*Par*. XXXIII, 1-3).

A própria Virgem no "Magnificat", o seu cântico de louvor, diz isto: "A minha alma glorifica o Senhor... porque pôs os olhos na humildade da sua serva" (*Lc* 1, 46.48).

Sim, Deus foi atraído pela humildade de Maria, porque achou graça diante dos olhos de Deus (cf. *Lc* 1, 30). Tornou-se assim a Mãe de Deus, imagem e modelo da Igreja, eleita entre os povos para receber a bênção do Senhor e difundi-la a toda a família humana.

Esta "bênção" mais não é do que Jesus Cristo. É Ele a Fonte da graça, da qual Maria foi repleta desde o primeiro momento da sua existência. Acolheu Jesus com fé e com amor o deu ao mundo. Esta é também a nossa vocação e a missão da Igreja: acolher Cristo na nossa vida e doá-lo ao mundo, "para que o mundo seja salvo por Ele" (*Jo* 3,17).

Queridos irmãos e irmãs, a festa da Imaculada ilumina como um farol o tempo do Advento, que é tempo de vigilante e confiante expectativa do Salvador.

Enquanto nos encaminhamos ao encontro do Deus que vem, olhamos para Maria que "brilha como sinal de esperança segura e de consolação aos olhos do Povo de Deus peregrino" (*[Lumen gentium](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)*, 68).

**Bento XVI, Angelus, 2007**

No caminho do Advento, brilha a estrela de Maria Imaculada, "sinal certo de esperança e de conforto" (Conc. Vat. II, Const. Lumen gentium, 68). Para chegar a Jesus, luz verdadeira, sol que dissipou todas as trevas da história, precisamos de luzes próximas de nós, pessoas humanas que reflitam a luz de Cristo e iluminam assim o caminho a percorrer. E qual pessoa é mais luminosa do que Maria? Quem pode ser para nós estrela de esperança melhor do que ela, aurora que anunciou o dia da salvação (cf. Enc. Spe salvi, 49)?

Por isso, a liturgia nos faz celebrar hoje, na proximidade do Natal, a festa solene da Imaculada Conceição de Maria: o mistério da graça de Deus que envolveu desde o primeiro momento da sua existência a criatura destinada a tornar-se a Mãe do Redentor, preservando-a do contágio do pecado original. Olhando para ela, nós reconhecemos a altura e a beleza do projeto de Deus para cada homem: tornar-se santos e imaculados no amor (cf. Ef 1, 4), à imagem do nosso Criador.

Que dom grandioso ter como mãe Maria Imaculada! Uma mãe resplandecente de beleza, transparente ao amor de Deus. Este foi um tema muito querido ao meu predecessor João Paulo II, que muitas vezes propôs Maria à juventude do nosso tempo como "Mãe do belo amor".

Penso nos jovens de hoje, que cresceram num ambiente saturado de mensagens que propõem falsos modelos de felicidade. Estes jovens correm o risco de perder a esperança porque com frequência parecem ser órfãos do verdadeiro amor, que enche a vida de significado e de alegria. Infelizmente muitas experiências nos dizem que os adolescentes, os jovens e até as crianças são vítimas fáceis da corrupção do amor, enganados por adultos sem escrúpulos que, mentindo a si mesmos e a eles, os atraem para os becos sem saída do consumismo: também as realidades mais sagradas, como o corpo humano, templo do Deus do amor e da vida, se tornam assim objetos de consumo; e isto acontece sempre mais cedo, já na pré-adolescência. Que tristeza quando os jovens perdem a admiração, o encanto dos sentimentos mais belos, o valor do respeito do corpo, manifestação da pessoa e do seu mistério insondável!

Maria, a Imaculada que contemplamos em toda a sua beleza e santidade, recorda-nos tudo isto. Da cruz Jesus confiou-a a João e a todos os discípulos (cf. Jo 19, 27), e desde então tornou-se Mãe de toda a humanidade, Mãe da esperança.

A ela dirigimos com fé a nossa oração. Maria Imaculada, "estrela do mar, brilha sobre nós e guia-nos no nosso caminho!" (Enc. Spe salvi, 50).

***Bento XVI, Angelus, 8.12.2009***

***Amados irmãos e irmãs!***

No dia 8 de dezembro celebramos uma das mais bonitas festas da Bem-Aventurada Virgem Maria: a solenidade da sua Imaculada Conceição. Mas o que significa que Maria é "Imaculada"? E o que diz a nós este título? Antes de mais, façamos referência aos textos bíblicos da liturgia hodierna, especialmente ao grande "fresco" do terceiro capítulo do *Livro do Génesis* e à narração da Anunciação do *Evangelho de Lucas.*

Depois do pecado original, Deus dirige-se à serpente, que representa Satanás, amaldiçoa-a e acrescenta uma promessa: "Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça, ao tentares mordê-la no calcanhar" (*Gn* 3, 15). É o anúncio de uma vitória: Satanás, no início da criação parece estar em vantagem, mas virá um filho de mulher que lhe esmagará a cabeça. **Assim, mediante a descendência da mulher, o próprio Deus vencerá**. Aquela mulher é a Virgem Maria, da qual nasceu Jesus Cristo que, com o seu sacrifício, derrotou de uma vez para sempre o antigo tentador. Por isso, em muitos quadros ou imagens da Imaculada, Ela é representada no ato de esmagar uma serpente sob os seus pés.

Ao contrário, o Evangelista Lucas mostra-nos a Virgem Maria quando recebe o anúncio do Mensageiro celeste (cf. *Lc* 1, 26-38). Ela aparece como a humilde e autêntica filha de Israel, verdadeira Sião na qual Deus quer estabelecer a sua morada. É o rebento do qual deve nascer o Messias, o Rei justo e misericordioso. Na simplicidade da casa de Nazaré vive o "resto" puro de Israel, do qual Deus quer fazer renascer o seu povo, como uma árvore nova que estenderá os seus ramos no mundo inteiro, oferecendo a todos os homens frutos bons de salvação. Diferentemente de Adão e Eva, Maria permanece obediente à vontade do Senhor, pronuncia o seu "sim" total e põe-se plenamente à disposição do desígnio divino. É a nova Eva, verdadeira "mãe de todos os vivos", isto é, de quantos pela fé em Cristo recebem a vida eterna.

Queridos amigos, que imensa alegria ter por mãe Maria Imaculada! Cada vez que experimentamos a nossa fragilidade e a sugestão do mal, podemos dirigir-nos a Ela, e o nosso coração recebe luz e conforto. Também nas provações da vida, nas tempestades que fazem vacilar a fé e a esperança, pensemos que somos seus filhos e que as raízes da nossa existência afundam na graça infinita de Deus. A própria Igreja, embora exposta às influências negativas do mundo, encontra sempre nela a estrela para se orientar e seguir a rota que lhe foi indicada por Cristo. De facto, Maria é a Mãe da Igreja, como solenemente proclamaram o Papa Paulo VI e o [Concílio Vaticano II](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm). Por isso, enquanto damos graças a Deus por este sinal maravilhoso da sua bondade, confiemos cada um de nós, as nossas famílias, as comunidades, toda a Igreja e o mundo inteiro à Virgem Imaculada.

**SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO   
DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA**

**PALAVRAS DO PAPA BENTO XVI**

*Praça de Espanha*

*Sexta-feira, 8 de dezembro de 2006*

Ó Maria, Virgem Imaculada! A liturgia celebra a tua Imaculada Conceição, mistério que é fonte de alegria e de esperança para todos os remidos.

Saudamos-te e invocamos-te com as palavras do Anjo: "cheia de graça" (*Lc* 1, 28), o nome mais bonito, com o qual o próprio Deus te chamou desde a eternidade.

"Cheia de graça" és tu, Maria, repleta do amor divino desde o primeiro momento da tua existência, providencialmente predestinada para ser a Mãe do Redentor, e intimamente associada a Ele no mistério da salvação. Na tua Imaculada Conceição resplandece a vocação dos discípulos de Cristo, chamados a tornar-se, com a sua graça, santos e imaculados no amor (cf. *Ef* 1, 14).

Em ti brilha a dignidade de cada ser humano, que é sempre precioso aos olhos do Criador.

Quem para ti dirige o olhar, ó Mãe Toda Santa, não perde a serenidade, por muito difíceis que sejam as provas da vida.

Mesmo se é triste a experiência do pecado, que deturpa a dignidade dos filhos de Deus, quem a ti recorre redescobre a beleza da verdade e do amor, e reencontra o caminho que conduz à casa do Pai.

"**Cheia de graça**" és tu, Maria, que aceitando com o teu "sim" os projetos do Criador, nos abristes o caminho da salvação.

Na tua escola, ensina-nos a pronunciar também nós o nosso "sim" à vontade do Senhor. Um "sim" que se une ao teu "sim" sem reservas e sem sombras, do qual o Pai celeste quis precisar para gerar o Homem novo, Cristo, único Salvador do mundo e da história.

Dá-nos a coragem de dizer "não" aos enganos do poder, do dinheiro, do prazer; aos lucros desonestos, à corrupção e à hipocrisia, ao egoísmo e à violência. "Não" ao Maligno, príncipe enganador deste mundo. "Sim" a Cristo, que destrói o poder do mal com a omnipotência do amor.

Nós sabemos que só corações convertidos ao Amor, que é Deus, podem construir um futuro para todos.

"Cheia de graça" és tu, Maria! O teu nome é para todas as gerações penhor de esperança certa. Sim! Porque, como escreve o sumo poeta Dante, para nós mortais, Tu "és fonte viva de esperança" (Par., XXXIII, 12). A esta fonte, à nascente do teu Coração imaculado, voltamos mais uma vez peregrinos confiantes para haurir fé e conforto, alegria e amor, segurança e paz

***DISCURSO DO PAPA BENTO XVI***

***Solenidade da Imaculada Conceição   
da Bem-Aventurada Virgem Maria  
Sábado, 8 de dezembro de 2007***

Num encontro que já se tornou tradicional, estamos aqui, na Praça de Espanha, para oferecer a nossa homenagem floreal a Nossa Senhora, no dia em que toda a Igreja celebra a festa da sua Imaculada Conceição. Seguindo os passos dos meus Predecessores, também eu me uno a vós, queridos irmãos de Roma, para vir aqui com afeto e amor honrar Maria, que há cento e cinquenta anos vela do alto desta coluna sobre a nossa Cidade. Portanto, o nosso gesto de hoje é um gesto de fé e de devoção que a nossa comunidade cristã repete de ano para ano, quase a recordar o próprio compromisso de fidelidade para com Aquela que, em todas as circunstâncias da vida quotidiana, nos garante a sua ajuda e a sua proteção materna.

Esta manifestação religiosa é ao mesmo tempo uma ocasião para oferecer a quantos em Roma vivem ou transcorrem alguns dias como peregrinos e turistas, a oportunidade de se sentirem, mesmo na diversidade das culturas, uma única família que se reúne à volta de uma Mãe que compartilhou as fadigas quotidianas de cada mulher e mãe de família. Contudo, uma mãe totalmente singular, escolhida por Deus para uma missão única e misteriosa, a de gerar para a vida terrena o Verbo eterno do Pai, que veio ao mundo para a salvação de todos os homens. E Maria, Imaculada na sua conceção assim a veneramos hoje com reconhecimento devoto percorreu a sua peregrinação terrena amparada por uma fé intrépida, seguindo as pegadas do seu filho Jesus. Esteve ao seu lado com solicitude materna desde o nascimento até ao Calvário, onde assistiu à sua crucifixão petrificada pela dor, mas inabalável na esperança. Depois experimentou a alegria da sua ressurreição, na alvorada do terceiro dia, do novo dia, quando o Crucificado deixou o sepulcro vencendo para sempre e de modo definitivo o poder do pecado e da morte.

Maria, em cujo seio virginal Deus se fez homem, é nossa Mãe! De facto, do alto da cruz Jesus, antes de cumprir o seu sacrifício, no-la deu como mãe e a ela nos confiou como seus filhos. Mistério de misericórdia e de amor, dom que enriquece a Igreja com uma fecunda maternidade espiritual. Dirijamos sobretudo hoje o nosso olhar para ela, queridos irmãos e irmãs, e, implorando a sua ajuda, predisponhamo-nos a fazer tesouro de todos os seus ensinamentos maternos.

Esta nossa Mãe celeste não nos convida porventura a evitar o mal e a cumprir o bem seguindo docilmente a lei divina inscrita no coração de cada cristão? Ela, que conservou a esperança mesmo na máxima provação, não nos pede porventura para não desanimar quando o sofrimento e a morte batem à porta das nossas casas? Não nos pede para olharmos para o nosso futuro? Não nos exorta a Virgem Imaculada a ser irmãos uns dos outros, todos irmanados pelo compromisso de construir juntos um mundo mais justo, solidário e pacífico?

Sim, queridos amigos! Mais uma vez, neste dia solene, a Igreja indica ao mundo Maria como sinal de esperança certa e de vitória definitiva sobre o bem e sobre o mal. Aquela que invocamos "cheia de graça" recorda-nos que somos todos irmãos e que Deus é nosso Criador e nosso Pai. Sem Ele, ou ainda pior, contra Ele, nós homens nunca poderemos encontrar o caminho que leva ao amor, nunca poderemos derrotar o poder do ódio e da violência, nunca poderemos construir uma paz estável.

Que os homens de todas as nações e culturas acolham esta mensagem de luz e de esperança: acolham-na como dom das mãos de Maria, Mãe da inteira humanidade.

Se a vida é um caminho, e este caminho com frequência se torna escuro, duro e cansativo, poderá aquela estrela iluminá-lo? Na minha encíclica [*Spe salvi*](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi_po.html)*,* publicada no início do Advento, escrevi que a Igreja olha para Maria e invoca-a como "estrela da esperança" (n. 49). Na nossa viagem comum pelo mar da história precisamos de "luzes de esperança", isto é, de pessoas que haurem luz de Cristo "e assim oferecem orientação para a nossa travessia" (cf. [*ibid*](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi_po.html)*.).* E quem, melhor que Maria, pode ser para nós "Estrela de esperança"? Ela, com o seu "sim", com a oferenda generosa da liberdade recebida do Criador, consentiu que a esperança dos milénios se tornasse realidade, que entrasse neste mundo e na nossa história. Por seu meio Deus fez-se carne, tornou-se um de nós, ergueu a sua tenda entre nós.

Por isso, animados por filial confidência, pedimos-lhe:

"Ensina-nos Maria,

a crer, a esperar e a amar contigo;

indica-nos o caminho que conduz à paz,

o caminho para o reino de Jesus.

Tu, Estrela da esperança,

que trepidante nos esperas na luz sem ocaso da eterna Pátria,

brilha sobre nós

e guia-nos nas vicissitudes de cada dia,

agora e na hora da nossa morte.

Amém!".

***DISCURSO DO PAPA BENTO XVI***

***Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria  
Terça-feira, 8 de dezembro de 2009***

*Queridos irmãos e irmãs*

No coração das cidades cristãs, Maria constitui uma presença dócil e tranquilizadora. Com o seu estilo discreto, doa a todos paz e esperança nos momentos alegres e tristes da existência. Nas igrejas, nas capelas, nas paredes dos edifícios: uma pintura, um mosaico, uma imagem recorda a presença de Maria que vela constantemente sobre os seus filhos. Também aqui, na Praça de Espanha, Maria é colocada no alto, como que a velar sobre Roma.

**O que diz Maria à cidade?** Que recorda a todos, com a sua presença? Ela lembra que "onde abundou o pecado, superabundou a graça" (*Rm* 5, 20) – como escreve o apóstolo Paulo. Ela é a Mãe Imaculada que repete inclusive aos homens do nosso tempo: não tenhais medo, Jesus venceu o mal; venceu-o pela raiz, libertando-nos do seu domínio.

Como temos necessidade desta boa notícia! Com efeito, cada dia através dos jornais, da televisão e da rádio, o mal é narrado, repetido e amplificado, habituando-nos às coisas mais horríveis, fazendo-nos tornar-nos insensíveis e, de certa maneira, intoxicando-nos, porque o negativo não se dilui totalmente, e acumula-se dia após dia. O coração endurece-se e os pensamentos obscurecem-se. Por isso, a cidade tem necessidade de Maria, que com a sua presença nos fala de Deus, nos recorda a vitória da Graça sobre o pecado e nos induz a esperar também nas situações humanamente mais difíceis.

Na cidade vivem – ou sobrevivem – pessoas invisíveis, que de vez em quando aparecem na primeira página ou nos ecrãs televisivos e são exploradas até ao último, enquanto a notícia e a imagem chamam a atenção. Trata-se de um mecanismo perverso, ao qual infelizmente é difícil resistir. A cidade primeiro esconde e depois expõe ao público. Sem piedade, ou com uma piedade falsa. No entanto, em cada homem existe o desejo de ser acolhido como pessoa e considerado uma realidade sagrada, porque cada história humana é sagrada, e exige o maior respeito.

**Caros irmãos e irmãs, a cidade somos todos nós!** Cada um contribui para a sua vida e para o seu clima moral, no bem e no mal. No coração de cada um de nós passa o confim entre o bem e o mal, e nenhum de nós deve sentir-se no direito de julgar os outros mas, ao contrário, cada um deve sentir o dever de melhorar-se a si mesmo! Os *mass media* tendem a fazer com que nos sintamos sempre "espectadores", como se o mal se referisse somente aos outros, e como se certas coisas nunca nos pudessem acontecer. Contudo, somos sempre "atores" e, tanto no mal como no bem, o nosso comportamento tem influência sobre os outros.

Queixamo-nos muitas vezes da poluição do ar, que em certos lugares da cidade é irrespirável. É verdade: é necessário o compromisso de todos para tornar mais limpa a cidade. E todavia, há outra poluição, menos percetível aos sentidos, mas igualmente perigosa. Trata-se da poluição do espírito; ela torna os nossos rostos menos risonhos, mais obscuros, que nos leva a não nos cumprimentarmos, a não olharmos uns nos rostos dos outros... A cidade é feita de rostos, mas infelizmente as dinâmicas coletivas podem fazer-nos perder a perceção da sua profundidade. Vemos tudo superficialmente. As pessoas tornam-se corpos, e estes corpos perdem a alma, tornam-se coisas, objetos sem rosto, que se podem trocar e consumir.

Maria Imaculada ajuda-nos a redescobrir e defender a profundidade das pessoas, porque nela existe a transparência perfeita da alma no corpo. É a pureza em pessoa, no sentido que nela espírito, alma e corpo são plenamente coerentes entre si e com a vontade de Deus. Nossa Senhora ensina-nos a abrir-nos à ação de Deus, a fim de olharmos para os outros como Ele o faz: a partir do coração. E a olharmos para eles com misericórdia, com amor, com ternura infinita, especialmente para aqueles mais sozinhos, desprezados, explorados. "Onde abundou o pecado, superabundou a graça"*.*

Quero prestar homenagem publicamente a todos aqueles que em silêncio, não com palavras mas com atos, se esforçam por praticar esta lei evangélica do amor, que faz progredir o mundo. São numerosos, também aqui em Roma, e raramente fazem notícia. Homens e mulheres de todas as idades, que compreenderam que não é preciso condenar, queixar-se, recriminar, mas é mais válido responder ao mal com o bem. Isto muda as coisas; ou melhor, muda as pessoas e, por conseguinte, melhora a sociedade.

A cada um de nós, Ela diz: onde abundou o pecado, possa superabundar a graça, precisamente a partir do teu coração e da tua vida! E a cidade será mais bonita, mais cristã, mais humana.

Obrigado, Mãe Santa, por esta tua mensagem de esperança. Obrigado pela tua presença silenciosa mas eloquente no coração da nossa cidade.

Virgem Imaculada, intercede por nós!

**ORAÇÃO FINAL DIANTE DA BASÍLICA DO ROSÁRIO DE LOURDES**

Ave Maria,   
Mulher pobre e humilde,   
abençoada do Altíssimo!

Virgem da esperança,   
profecia dos novos tempos,   
nós nos associamos   
ao teu hino de louvor   
para celebrar   
as misericórdias   
do Senhor,   
para anunciar   
a vinda do Reino   
e a libertação   
integral do homem.

Ave Maria,   
humilde serva do Senhor,   
gloriosa Mãe de Cristo!   
Virgem fiel,   
santa morada do Verbo,   
ensina-nos a perseverar   
na escuta da Palavra,   
a ser dóceis à voz do Espírito,   
atentos aos seus apelos   
na intimidade da nossa consciência   
e às suas manifestações   
nos acontecimentos da história.

Ave Maria,   
Mulher da dor, Mãe dos viventes!

Virgem esposa junto da cruz,   
nova Eva, sê nossa guia   
pelos caminhos do mundo,   
ensina-nos a viver e a propagar   
o amor de Cristo,   
ensina-nos a permanecer contigo,   
junto das numerosas cruzes   
nas quais teu Filho   
ainda é crucificado.

Ave Maria,   
Mulher de fé,   
primeira entre os discípulos!

Virgem, Mãe da Igreja,   
ajuda-nos a dizer sempre a razão   
da esperança que nos anima,   
tendo confiança na bondade   
do homem e no amor do Pai.

Ensina-nos a construir o mundo   
a partir do interior: na profundidade   
do silêncio e da oração,   
da alegria do amor fraterno,   
na fecundidade insubstituível   
da Cruz.

Santa Maria, mãe dos crentes,   
Nossa Senhora de Lourdes,   
intercede por nós.

Amém.

***João Paulo II***

**Avé, ó cheia de graça!**

De facto, Maria, desde o momento em que foi concebida pelos seus pais, foi objeto de uma singular predileção da parte de Deus, o qual, no seu desígnio eterno, a escolheu para ser a mãe do seu Filho feito homem e, por conseguinte, a preservou do pecado original. Por isso o Anjo dirige-se a ela com este nome, que literalmente significa: *«desde o início cheia do amor de Deus»,* da sua graça.

O mistério da Imaculada Conceição é fonte de luz interior, de esperança e de conforto.

No meio das provações da vida e sobretudo das contradições que o homem experimenta dentro de si e à sua volta, Maria, Mãe de Cristo, diz-nos que a Graça é maior que o pecado, que a misericórdia de Deus é mais poderosa que o mal e sabe transformá-lo em bem.

Infelizmente todos os dias experimentamos o mal, que se manifesta de muitos modos nas relações e nos acontecimentos, mas que tem a sua raiz no coração do homem, um coração ferido, doente e incapaz de se curar sozinho.

A Sagrada Escritura revela-nos que na origem de cada mal está a desobediência à vontade de Deus, e que a morte ganhou domínio porque a liberdade humana cedeu à tentação do Maligno.

Mas Deus não falta ao seu desígnio de amor e de vida: através de um caminho de reconciliação longo e paciente preparou a aliança nova e eterna, selada no sangue do seu Filho, que para se oferecer a si mesmo em expiação «nasceu de mulher» *(Gl* 4, 4). Esta mulher, a Virgem Maria, beneficiou antecipadamente da morte redentora do seu Filho e desde a conceção foi preservada do contágio da culpa. Por isso, com o seu Coração imaculado, Ela diz-nos: *confiai-vos a Jesus, Ele salvar-vos-á.*

Queridos amigos, que imensa alegria ter por mãe Maria Imaculada! Cada vez que experimentamos a nossa fragilidade e a sugestão do mal, podemos dirigir-nos a Ela, e o nosso coração recebe luz e conforto.

Também nas provações da vida, nas tempestades que fazem vacilar a fé e a esperança, pensemos que somos seus filhos e que as raízes da nossa existência afundam na graça infinita de Deus. A própria Igreja, embora exposta às influências negativas do mundo, encontra sempre nela a estrela para se orientar e seguir a rota que lhe foi indicada por Cristo.

E que nos diz Maria? Ela fala-nos com a Palavra de Deus, que se fez carne no seu seio. A sua «mensagem» mais não é que Jesus, Ele que é toda a sua vida.

É graças a Ele e por Ele que ela é a Imaculada. E como Filho de Deus fez-se homem por nós, de modo que também ela, a Mãe, foi preservada do pecado para nós, para todos, como antecipação da salvação de Deus para cada homem.

Assim Maria diz-nos que todos somos chamados a abrir-nos à ação do Espírito Santo para podermos chegar, no nosso destino final, a ser imaculados, plena e definitivamente livres do mal. Diz-nos isto com a sua própria santidade, com um olhar cheio de esperança e de compaixão, que evoca palavras como estas: «*Não temas, filho, Deus ama-te; ama-te pessoalmente; pensou-te antes que tu viesses ao mundo e chamou-te à existência para te encher de amor e de vida; e por isto veio ao teu encontro, fez-se como tu, tornou-se Jesus, Deus-Homem, em tudo semelhante a ti, exceto no pecado; entregou-Se a Si mesmo até à morte de cruz, e assim «deu-te uma vida nova, livre, santa e imaculada*» (cf. *Ef* 1, 3-5).

Caríssimos, em Maria Imaculada nós contemplamos o reflexo da Beleza que salva o mundo: a beleza de Deus que resplandece sobre a face de Cristo. Em Maria esta beleza é totalmente pura, humilde, livre de qualquer soberba e presunção.

**REZAR COM MARIA NO ADVENTO**

O que te peço, Senhor, é a graça de ser.

Não te peço mapas, peço-te caminhos.

O gosto dos caminhos recomeçados,

com suas surpresas, suas mudanças, sua beleza.

Não te peço coisas para segurar,

mas que as minhas mãos vazias

se entusiasmem na construção da vida.

Não te peço que pares o tempo na minha imagem predileta,

mas que ensines meus olhos a encarar cada tempo

como uma nova oportunidade.

Afasta de mim as palavras,

que servem apenas para evocar cansaços, desânimos, distâncias.

Que eu não pense saber já tudo acerca mim e dos outros.

Mesmo quando eu não posso ou quando não tenho,

sei que posso ser, ser simplesmente.

É isso que te peço, Senhor:

a graça de ser de novo.

Tolentino Mendonça

**CHAÎRE MARIA!**

Dezembro 8, 2010

1. «*Fazendo memória da Toda Santa, imaculada, sobrebendita, gloriosa Senhora nossa, Mãe de Deus e Sempre Virgem Maria, juntamente com todos os Santos, consagramo-nos nós e toda a nossa vida a Cristo Deus*». Assim se conclui, no rito bizantino, a oração que abre a celebração deste Dia, à qual a assembleia responde: «a Ti, Senhor!». É o «fiat», o «faça-se» dito por Maria (Lucas 1,38), a Serva do Senhor, a ecoar também no nosso coração e a brotar dos nossos lábios. É o eco daquele «faça-se» de Deus na primeira página da Escritura Santa a ecoar no coração de Maria e no nosso também. É aquele «Sim» imenso que atravessa as primeiras 452 palavras da Escritura Santa (Génesis 1,1-2,4a), onde não se lê um único «Não». «Tudo, na verdade, foi feito pelo Verbo» (João 1,3), e o Verbo incarnado, Jesus Cristo, no dizer do Apóstolo, «foi sempre Sim, e nunca não» (2 Coríntios 1,19).

2. É bom sabermos e sentirmos que as Igrejas do Oriente e do Ocidente, embora divididas entre si, nos dias 8 e 9 de dezembro (8 no Ocidente e 9 no Oriente), nove meses antes da Festa da sua Natividade (8 de setembro), juntam as suas vozes em maravilhosa harmonia para celebrar a Mãe de Deus no singular privilégio da Conceição Imaculada da sua humanidade.

3. Bem sabemos, além disso, que os Coptos dedicam a Maria o inteiro mês de Kiahq, que coincide mais ou menos com o nosso mês de dezembro, e os Caldeus, os Antioquenos e os Maronitas celebram, também nesta altura do ano, e durante pelo menos quatro Domingos, o tempo do chamado Sûbbarâ ou «Anunciação», Vinda de Deus ao nosso mundo, notícia após notícia, para abrir as nossas trincheiras e fazer nascer em nós um mundo novo, um cântico novo.

4. «Onde estás?», pergunta o Deus-Que-Vem por amor ao encontro da sua criatura dileta. *«Tive medo e escondi-me*», respondemos nós, amedrontados. A narrativa exemplar de Génesis 3, que hoje lemos, desvenda todas as nossas inúteis estratégias de defesa, e faz-nos ver como nós nos escondemos de nós mesmos e de Deus, e como alijamos facilmente as nossas culpas sobre os outros. Correto, limpo, terapêutico, salvador, era assumirmos e confessarmos humildemente as nossas culpas. Mas não. Fugimos, escondemo-nos de nós, e respondemos: «Foi a mulher», «foi aquele», «foi aquela», e, em última análise, «foste Tu, foste Tu, Deus», porque foste Tu que me deste a maravilha de um irmão, de uma irmã, e foi esse irmão dado por Ti, essa irmã dada por Ti, que me deu a comer aquele fruto! És Tu, portanto e em última análise, o culpado. Aí estamos nós a fugir de nós mesmos, e a acusar os outros! E se não assumimos as nossas culpas, como podemos corrigir os nossos erros, e como podemos chegar a descobrir a realidade humana e divina do perdão? Sim, porque quando nos escondemos de Deus, estamos também a esconder Deus e os seus dons, a Alegria, o Amor, o Perdão.

5. É usual dizer-se que esta conhecida página do Livro do Génesis narra a entrada do mal no coração do homem e no mundo. Mas do que se trata mesmo é da importância da relação do homem com Deus, e diz-nos que o mal entra no mundo quando o homem quebra esta relação e se desliga de Deus. Por isso também, daí para a frente, a Escritura Santa ocupa-se em mostrar que a resposta a dar ao mal não é apenas o bem, mas o santo. Entenda-se: não o homem fechado sobre si, autossuficiente, mas completamente aberto e voltado para Deus, de quem por amor tudo recebe e se recebe. E completamente voltado para os outros, a quem tudo entrega por amor. Como Maria, a figura deste luminoso Dia.

6. Em perfeita sintonia, aí está o Apóstolo a dizer o fundamental: «que Deus nos escolheu para sermos santos» (Efésios 1,4), isto é, para andarmos sempre na presença do Deus Santo. Ele é o Santo, Santo, Santo, que nos santifica.

7. O ícone desta santidade, neste mundo, é Maria. Vale a pena contemplá-la demoradamente, como fazem as Igrejas do Oriente e do Ocidente. Ao contrário de nós, Maria, visitada por Deus, não foge, não se esconde de si mesma, não se esconde de Deus, não esconde Deus na sua vida. *Tinha consagrado a Deus toda a sua vida, a sua virgindade*. Não sendo usual no mundo judaico do seu tempo, esta maneira de viver está, porém, solidamente documentado por parte de homens e mulheres. Ao contrário do homem do Génesis e desta sociedade em que vivemos, Maria não se esconde de Deus, nem esconde Deus. Expõe-se, na sua verdade e simplicidade, ao imenso clarão de Deus.

É assim que se expõe a Deus e que expõe Deus, recebendo e aceitando com amor intenso a sua nova Vocação que lhe vem de Deus. Maria vai ser a Mãe, não de um filho, mas do Filho há muito ansiado, esperado e anunciado nas páginas da Escritura Santa Antiga. É o Filho de Deus, totalmente consubstancial a Deus, e é o Filho de Maria, totalmente consubstancial à sua Mãe. Santa Maria, Mãe de Deus.

8. Por isso, «Alegra-te, Maria», «não tenhas medo», «o Senhor está contigo». Alguns anos mais tarde, as mulheres que vão ao túmulo de Jesus ouvirão também a mesma música divina: «Alegrai-vos», «não tenhais medo». E nós, Assembleia Santa que hoje se reúne para celebrar os mistérios do seu Senhor e também de Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, também estamos permanentemente a ouvir esta divina melodia. Portanto, irmãos amados em Cristo, Alegrai-vos, não tenhais medo, o Senhor está no meio de nós!

9. «Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua Palavra» (Lucas 1,38). Deus chama, mas não impõe. A Maria, e a cada um de nós. Podemos sempre aceitar Deus ou esconder-nos de Deus. Deixar Deus entrar, ou fechar-lhe a porta. Maria aceitou, e, por isso, todas as gerações a proclamarão Bem-aventurada. É o que estamos hoje e aqui a fazer: Feliz és tu, Maria, pioneira de um mundo novo, porque acreditaste em tudo quanto te foi dito da parte do Senhor! Feliz também aquele que ouve a Palavra de Deus e a põe em prática!

10. Esta celebração da Mãe de Deus e nossa Mãe e Padroeira Principal de Portugal é um desafio imenso para o homem «em fuga» deste tempo, que se esconde de si mesmo, que continua a esconder-se de Deus, e que pretende esconder Deus, retirando-o da vida pública. Atravessamos verdadeiramente a «noite do mundo» (Weltnacht), diz Martin Heidegger, onde «Cada um está sozinho no coração da terra/ atravessado por um raio de sol:/ e é logo noite», como bem escreve o escritor italiano Salvatore Quasimodo. Homem deste tempo às escuras, engessado, triste, exilado, escondido, anestesiado, volta para a Luz, reentra em tua casa, no teu coração despedaçado. há de por lá haver ainda, caída no fundo da alma, uma lágrima dorida e uma mão de Mãe à tua espera!

**António Couto**

**ORAÇÃO DE CONSAGRAÇÃO – DEPOIS DA COMUNHÃO (ou em vez da O.F.)**

Ó Virgem Imaculada,

neste momento gostaria de te confiar especialmente os "pequeninos":

em primeiro lugar, as crianças,

os jovens em dificuldade,

e quantos padecem as consequências de pesadas situações familiares.

Vela sobre eles e faz com que possam sentir,

no carinho e na ajuda, de quem está ao seu lado,

o calor do amor de Deus!

Confio-te, ó Maria,

os idosos sozinhos,

os enfermos, os imigrantes que têm dificuldade em ambientar-se,

os núcleos familiares que sofrem para equilibrar o orçamento

e as pessoas que não encontram um emprego

ou que perderam um trabalho indispensável, para seguir em frente.

Ensina-nos, Maria,

a ser solidários com quem está em dificuldade,

a superar as desigualdades sociais cada vez mais gritantes;

ajuda-nos a cultivar um sentido mais vivo do bem comum,

e do respeito por aquilo que é público,

estimula-nos a desempenharmos, com consciência e compromisso,

a nossa parte para construir uma sociedade mais justa e solidária.

Ó Mãe Imaculada,

que és para todos um sinal de esperança certa e de consolação,

faz com que nos deixemos atrair pela tua candura imaculada.

A tua Beleza assegura-nos que a vitória do amor é possível; aliás, que é certa; garante-nos que a graça é mais forte que o pecado

e portanto que é possível o resgate de qualquer escravidão.

Sim, ó Maria,

Tu ajudas-nos a acreditar com maior confiança no bem,

a apostar na gratuidade, no serviço, na não-violência, na força da verdade;

encoraja-nos a permanecer acordados,

a não ceder à tentação de fáceis evasões,

a enfrentar a realidade, com os seus problemas,

com coragem e responsabilidade.

Assim fizeste tu, jovem mulher,

chamada a apostar tudo na Palavra do Senhor.

Sê mãe amorosa para os nossos jovens,

para que tenham a coragem de viver na pureza de coração,

e concede esta virtude a todos os cristãos,

para que sejam a alma do mundo

neste não fácil período da história.

Virgem Imaculada, Mãe de Deus e nossa Mãe*,* intercede por nós!

**BENTO XVI, Discurso, 8.12.2008**

***ANGELUS***

Praça de São Pedro  
II Domingo de Advento, 8 de Dezembro de 2013

Este segundo domingo do Advento celebra-se no dia da festa da Imaculada Conceição de Maria, e então o nosso olhar é atraído pela beleza da Mãe de Jesus, nossa Mãe! Com grande alegria, a Igreja contempla-a «cheia de graça» (*Lc* 1, 28) e, começando com estas palavras, saudemo-la todos juntos: «Cheia de graça!». Digamos três vezes: «Cheia de graça!». Todos juntos: Cheia de graça! Cheia de graça! Cheia de graça! E assim Deus contemplou-a desde o primeiro instante do seu desígnio de amor. Viu-a bela, precisamente cheia de graça! A nossa Mãe é linda! Maria sustém-nos no nosso caminho rumo ao Natal, porque nos ensina a viver este tempo do Advento à espera do Senhor. Porque este tempo do Advento é uma expectativa do Senhor, que visitará todos nós na festividade, mas também cada um de nós, no nosso coração. O Senhor vem! Esperemo-lo!

O Evangelho de são Lucas apresenta-nos Maria, uma jovem de Nazaré, pequena localidade da Galileia, nos arrabaldes do império romano e também na periferia de Israel. Um pequeno povoado. E no entanto, sobre ela, uma jovem daquela aldeia pequena e longínqua, sobre ela pousou-se o olhar do Senhor, que a escolheu para ser a Mãe do seu Filho. Em vista desta maternidade, Maria foi preservada do pecado original, ou seja, daquela ruptura na comunhão com Deus, com os outros e com a criação que fere cada ser humano em profundidade. Mas esta ruptura foi curada antecipadamente na Mãe daquele que veio para nos libertar da escravidão do pecado. A Imaculada está inscrita no desígnio de Deus; é fruto do amor de Deus que salva o mundo.

E Nossa Senhora nunca se afastou daquele amor: a sua vida inteira, todo o seu ser constitui um «sim» àquele amor, é um «sim» a Deus. Mas certamente isto não foi fácil para Ela! Quando o Anjo lhe chama «cheia de graça» (*Lc* 1, 28), Ela permanece «muito perturbada», porque na sua humildade se sente como nada diante de Deus. O Anjo consola-a: «Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus» (vv. 30-31). Este anúncio inquieta-a ainda mais, também porque ainda não estava casada com José; mas o Anjo acrescenta: «O Espírito Santo descerá sobre ti... Por isso, Aquele que nascer de ti será santo, chamar-se-á Filho de Deus» (v. 35). Maria ouve, obedece interiormente e responde: «Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra» (v. 38).

O mistério desta jovem de Nazaré, que se encontra no Coração de Deus, não nos é alheio. Não significa que Ela está lá e nós aqui. Não, estamos unidos. Com efeito, Deus pousa o seu olhar de amor sobre cada homem e mulher! Com um nome e um sobrenome. O seu olhar de amor está sobre cada um de nós. O Apóstolo Paulo afirma que Deus «nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis» (*Ef* 1, 4). Também nós, desde sempre, fomos escolhidos por Deus para levar uma vida santa, livre do pecado. É um desígnio de amor que Deus renova cada vez que nós O frequentamos, especialmente nos Sacramentos.

Então na festa hodierna, contemplando a nossa bela Mãe Imaculada, reconhecemos inclusive o nosso destino mais autêntico, a nossa vocação mais profunda: sermos amados, sermos transformados pelo amor, sermos transformados pela beleza de Deus. Contemplemos a nossa Mãe, deixando que Ela olhe para nós, porque se trata da nossa Mãe, que nos ama muito; deixemo-nos velar por Ela para aprendermos a ser mais humildes, mas também mais intrépidos na sequela da Palavra de Deus; para recebermos o abraço terno do seu Filho Jesus, um abraço que nos confere vida, esperança e paz.

**PAPA FRANCISCO**

***ANGELUS*** - Praça de São Pedro - Segunda-feira, 8 de Dezembro de 2014

*Amados irmãos e irmãs, bom dia! Boa festa!*

A mensagem da hodierna festa da Imaculada Conceição da Virgem Maria pode resumir-se com estas palavras: tudo é dom gratuito de Deus, tudo é graça, tudo é dom do seu amor por nós. O Arcanjo Gabriel chama Maria «cheia de graça» (*Lc*1, 28): nela não há lugar para o pecado, porque Deus a escolheu desde sempre como mãe de Jesus e preservou-a do pecado original. E Maria corresponde à graça e a ela se abandona dizendo ao Anjo: «Faça-se em mim segundo a tua palavra» (v. 38). Não diz: «farei segundo a tua palavra»: não! Mas: «Faça-se em mim...». E o Verbo fez-se carne no seu seio. Também a nós é pedido que ouçamos Deus que nos fala e que acolhamos a sua vontade; segundo a lógica evangélica nada é mais activo e fecundo do que ouvir e acolher a Palavra do Senhor, que vem do Evangelho, da Bíblia. O Senhor fala-nos sempre!

A atitude de Maria de Nazaré mostra-nos que o*ser*vem antes do*fazer*, e que é preciso*deixar*que Deus*faça*para ser verdadeiramente como Ele quer. É Ele quem faz em nós tantas maravilhas. Maria é receptiva, mas não passiva. Assim como, a nível físico, recebe o poder do Espírito Santo mas depois doa carne e sangue ao Filho de Deus que se forma nela, também a nível espiritual, acolhe a graça e corresponde a ela com a fé. Por isso santo Agostinho afirma que a Virgem «concebeu primeiro no coração e depois no seio» (*Discursos*, 215, 4). Concebeu primeiro a fé e depois o Senhor. Este mistério do acolhimento da graça, que em Maria, por um privilégio único, era sem o obstáculo do pecado, é uma possibilidade para todos. Com efeito, são Paulo abre a sua Carta aos Efésios com estas palavras de louvor: «Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais no céu em Cristo» (1, 3). Como Maria é saudada por santa Isabel, assim também nós fomos desde sempre «abençoados», ou seja, amados, e por isso «escolhidos antes da criação do mundo para ser santos e imaculados» (*Ef*1, 4). Maria foi*preservada*, enquanto nós fomos*salvos*graças ao Baptismo e à fé. Mas todos, tanto ela como nós, por meio de Cristo, «em louvor do esplendor da sua graça» (v. 6), daquela graça da qual a Imaculada foi colmada em plenitude.

Diante do amor, face à misericórdia, à graça divina derramada nos nossos corações, a consequência que se impõe é uma só: a *gratuitidade*. Ninguém pode comprar a salvação! A salvação é um dom gratuito do Senhor, um dom gratuito de Deus que vem em nós e habita em nós. Assim como recebemos gratuitamente, também gratuitamente somos chamados a dar (cf.*Mt*10, 8); à imitação de Maria que, logo depois de ter acolhido o anúncio do Anjo, vai partilhar o dom da fecundidade com a sua prima Isabel. Porque, se tudo nos foi doado, tudo deve ser doado de novo. De que modo? Deixando que o Espírito Santo faça de nós um dom para os outros. O Espírito é dom para nós e nós, com a força do Espírito, devemos ser dom para os outros e deixar que o Espírito Santo nos torne instrumentos de acolhimento, instrumentos de reconciliação, instrumentos de perdão. Se a nossa existência se deixa transformar pela graça do Senhor, porque a graça do Senhor nos transforma, não podemos reter para nós a luz que vem do seu rosto, mas deixaremos que ela passe para que ilumine os outros. Aprendamos de Maria, que manteve o olhar fixo constantemente no Filho e o seu rosto tornou-se «a face que mais se assemelha a Cristo» (Dante,*Paraíso*, XXXII, 87). E a ela nos dirijamos agora com a oração que recorda o anúncio do Anjo.

**PAPA FRANCISCO**

***ANGELUS*** - *Praça São Pedro - Quinta-feira, 8 de dezembro de 2016*

As leituras da hodierna Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria apresentam duas passagens cruciais na história das relações entre o homem e Deus: poderíamos dizer que nos conduzem *à origem do bem e do mal*. Estes dois trechos levam-nos à origem do bem e do mal.

O Livro do Génesis mostra o primeiro *não*, o não das*origens*, o não humano, quando o homem preferiu olhar para si mesmo, e não para o seu Criador; quis agir sem consultar ninguém, preferiu ser autossuficiente. Mas comportando-se assim, saindo da comunhão com Deus, perdeu-se a si mesmo e começou a ter medo, a esconder-se e a acusar quem lhe estava próximo (cf. *Gn* 3, 10.12). São estes os sintomas: o medo é sempre um sintoma de um não a Deus, indica que eu digo não a Deus; acusar os outros sem olhar para mim mesmo demonstra que me afasto de Deus. É isto que o pecado faz. Mas o Senhor não deixa o homem à mercê do seu mal; procura-o imediatamente e dirige-lhe uma interrogação cheia de apreensão: «Onde estás?» (v. 9). Como se dissesse: «Detém-te, pensa: onde estás?». É a pergunta de um pai ou de uma mãe que se põe à procura do filho perdido: «Onde estás? Em que situação te puseste?». E este Deus fá-lo com muita paciência, até preencher a lacuna que se criou em relação às origens. Esta é uma das passagens.

O segundo trecho crucial, narrado no Evangelho de hoje, é quando Deus vem habitar no meio de nós, fazendo-se homem como nós. E isto tornou-se possível através de *um grande sim* — o do pecado foi um não; este é o sim, um grande sim — o sim de Maria no momento da Anunciação. Mediante este *sim* Jesus encetou a sua vereda ao longo dos caminhos da humanidade; começou-o em Maria, transcorrendo os primeiros meses de vida no ventre da sua Mãe: não se manifestou já adulto e forte, mas seguiu todo o percurso de um ser humano. Fez-se igual a nós em tudo, mas não numa coisa, aquele não, exceto no pecado. Para isso escolheu Maria, a única criatura sem pecado, Imaculada. No Evangelho, com uma única palavra Ela é chamada «cheia de graça» (*Lc* 1, 28), ou seja, repleta de graça. Quer dizer que nela, *imediatamente* cheia de graça, não há espaço para o pecado. E também nós, quando nos dirigimos a Ela, reconhecemos esta beleza: invocamo-la como «cheia de graça», sem sombra do mal.

Maria responde à proposta de Deus, dizendo: «Eis a serva do Senhor» (v. 38). Não diz: «Bem, desta vez cumprirei a vontade de Deus, dando a minha disponibilidade, e depois verei...». Não! O seu sim é completo, total, para a vida inteira, sem condições. E do mesmo modo como o não das origens tinha impedido a passagem do homem rumo a Deus, assim o sim de Maria abriu o caminho a Deus no meio de nós. É o sim mais importante da história, o sim humilde que inverte o não soberbo das origens, o sim fiel que cura a desobediência, o sim disponível que aniquila o egoísmo do pecado.

Inclusive para cada um de nós existe uma história de salvação feita de sins e de nãos. Mas às vezes somos especialistas nos *meios sins:* somos bons quando se trata de fingir que não entendemos bem o que Deus gostaria e o que a consciência nos sugere. Somos também espertos, e para não dizer um verdadeiro não a Deus, dizemos: «Desculpa, não posso», «hoje não, pensarei amanhã»; «amanhã serei melhor, amanhã rezarei, amanhã praticarei o bem». E esta astúcia afasta-nos do sim, distancia-nos de Deus, levando-nos ao não, ao não do pecado, ao não da mediocridade. O famoso «sim, mas...»; «sim, Senhor, mas...». No entanto, assim fechamos a porta ao bem, e o mal aproveita-se destes *sins malogrados*. Dentro, cada um de nós tem uma coleção deles. Pensemos, encontraremos muitos sins falhados. Ao contrário, cada sim pleno a Deus dá origem a uma nova história: dizer sim a Deus é verdadeiramente «original», é origem, não como o pecado, que nos envelhece dentro. Já pensastes nisto, que o pecado nos envelhece dentro? E envelhece-nos rapidamente! Cada sim a Deus dá origem a uma história de salvação, tanto para nós como para os outros. Como fez Maria com o seu sim pessoal.

Neste caminho de Advento, Deus deseja visitar-nos e espera o nosso sim. Pensemos: hoje, qual sim devo dizer a Deus? Pensemos nisto que nos fará bem. E encontraremos a voz do Senhor dentro de Deus, que nos pede algo, um passo em frente. «Creio em ti, espero em ti, amo-te; que se cumpra em mim a tua vontade de bem»: eis o meu sim. Com generosidade e confiança como Maria, digamos hoje, cada um de nós, este sim pessoal a Deus!

PAPA FRANCISCO

***AUDIÊNCIA GERAL*** - *Praça de São Pedro - Quarta-feira, 23 de Outubro de 2013*

Continuando as catequeses sobre a Igreja, hoje gostaria de contemplar Maria como imagem e modelo da Igreja. E faço-o, retomando uma expressão do Concílio Vaticano II. Lê-se na Constituição *[Lumen gentium](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)*: «A Mãe de Deus é o modelo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava santo Ambrósio» (n. 63).

1. Comecemos a partir do primeiro aspeto: *Maria, como modelo de fé*. Em que sentido Maria representa um modelo para a fé da Igreja? Pensemos em quem era a Virgem Maria: uma jovem judia que, com todo o seu coração, esperava a redenção do seu povo. Mas naquele coração de jovem filha de Israel havia um segredo, que Ela mesma ainda não conhecia: no desígnio de amor de Deus, estava destinada a tornar-se a Mãe do Redentor. Na Anunciação, o Mensageiro de Deus chama-lhe «cheia de graça», revelando-se este desígnio. Maria responde «sim» e, a partir daquele momento, a fé de Maria recebe uma luz nova: concentra-se em Jesus, o Filho de Deus que dela recebeu a carne e em quem se realizam as promessas de toda a história da salvação. A fé de Maria é o cumprimento da fé de Israel, pois nela está concentrado precisamente todo o caminho, toda a senda daquele povo que esperava a redenção, e neste sentido Ela é o modelo da fé da Igreja, que tem como fulcro Cristo, encarnação do amor infinito de Deus.

Como viveu Maria esta fé? Viveu-a na simplicidade dos numerosos trabalhos e preocupações de cada mãe, como prover à comida, à roupa, aos afazeres de casa... Precisamente esta existência normal de Senhora foi o terreno onde se desenvolveram uma relação singular e um diálogo profundo entre Ela e Deus, entre Ela e o seu Filho. O «sim» de Maria, já perfeito desde o início, cresceu até à hora da Cruz. Ali a sua maternidade dilatou-se, abarcando cada um de nós, a nossa vida, para nos orientar rumo ao seu Filho. Maria viveu sempre imersa no mistério do Deus que se fez homem, como sua primeira e perfeita discípula, meditando tudo no seu coração, à luz do Espírito Santo, para compreender e pôr em prática toda a vontade de Deus.

Podemos interrogar-nos: deixamo-nos iluminar pela fé de Maria, que é nossa Mãe? Ou então pensamos que Ela está distante, que é demasiado diversa de nós? Nos momentos de dificuldade, de provação, de obscuridade, olhamos para Ela como modelo de confiança em Deus que deseja, sempre e somente, o nosso bem? Pensemos nisto, talvez nos faça bem voltar a encontrar Maria como modelo e figura da Igreja nesta fé que Ela tinha!

2. Venhamos ao segundo aspeto: *Maria, modelo de caridade*. De que modo Maria é para a Igreja exemplo vivo de amor? Pensemos na sua disponibilidade em relação à sua prima Isabel. Visitando-a, a Virgem Maria não lhe levou apenas uma ajuda material — também isto — mas levou-lhe Jesus, que já vivia no seu ventre. Levar Jesus àquela casa significava levar o júbilo, a alegria completa. Isabel e Zacarias estavam felizes com a gravidez, que parecia impossível na sua idade, mas é a jovem Maria que lhes leva a alegria plena, aquela que vem de Jesus e do Espírito Santo e que se manifesta na caridade gratuita, na partilha, no ajudar-se, no compreender-se.

Nossa Senhora quer trazer também a nós, a todos nós, a dádiva grandiosa que é Jesus; e com Ele traz-nos o seu amor, a sua paz e a sua alegria. Assim a Igreja é como Maria: a Igreja não é uma loja, nem uma agência humanitária; a Igreja não é uma ONG, mas é enviada a levar a todos Cristo e o seu Evangelho; ela não leva a si mesma — seja ela pequena, grande, forte, ou frágil, a Igreja leva Jesus e deve ser como Maria, quando foi visitar Isabel. O que lhe levava Maria? Jesus. A Igreja leva Jesus: este é o centro da Igreja, levar Jesus! Se, por hipótese, uma vez acontecesse que a Igreja não levasse Jesus, ela seria uma Igreja morta! A Igreja deve levar a caridade de Jesus, o amor de Jesus, a caridade de Jesus.

Falamos de Maria, de Jesus. E nós? Nós que somos a Igreja? Qual é o amor que levamos aos outros? É o amor de Jesus que compartilha, perdoa e acompanha, ou então é um amor diluído, como se dilui o vinho que parece água? É um amor forte ou frágil, a ponto de seguir as simpatias, procurar a retribuição, um amor interesseiro? Outra pergunta: Jesus gosta do amor interesseiro? Não, não gosta, porque o amor deve ser gratuito, como o seu. Como são as relações nas nossas paróquias, nas nossas comunidades? Tratamo-nos como irmãos e irmãs? Ou julgamo-nos, falamos mal uns dos outros, cuidamos cada um dos próprios «interesses», ou prestamos atenção uns dos outros? São perguntas de caridade!

3. E, brevemente, um último aspeto: *Maria, modelo de união com Cristo*. A vida da Virgem Santa foi a existência de uma mulher do seu povo: Maria rezava, trabalhava, ia à sinagoga... Mas cada gesto era realizado sempre em união perfeita com Jesus. Esta união alcança o seu apogeu no Calvário: aqui Maria une-se ao Filho no martírio do coração e na oferenda da sua vida ao Pai, para a salvação da humanidade. Nossa Senhora fez seu o sofrimento do Filho, aceitando com Ele a vontade do Pai naquela obediência fecunda, que confere a vitória genuína sobre o mal e a morte.

É muito bonita esta realidade que Maria nos ensina: estarmos sempre unidos a Jesus. Podemos perguntar: recordamo-nos de Jesus só quando algo não funciona e temos necessidades, ou a nossa relação é constante, uma amizade profunda, mesmo quanto se trata de o seguir pelo caminho da cruz?

Peçamos ao Senhor que nos conceda a sua graça, a sua força, a fim de que na nossa vida e na existência de cada comunidade eclesial se reflicta o modelo de Maria, Mãe da Igreja. Assim seja!

[**ATO DE VENERAÇÃO À IMACULADA NA PRAÇA DE ESPANHA**](http://www.vatican.va/news_services/liturgy/libretti/2016/20161208-libretto-veneraz_immacolata-concezione.pdf)

***ORAÇÃO DO PAPA FRANCISCO***

*Praça Espanha, Roma - Quinta-feira, 8 de dezembro de 2016*

Ó Maria, Nossa Mãe Imaculada,  
no dia da tua festa venho a ti,   
e não venho sozinho:  
trago comigo todos aqueles que o teu Filho me confiou,  
nesta Cidade de Roma e no mundo inteiro,  
para que Tu os abençoes e salves dos perigos.

Trago-te, Mãe, as crianças,  
especialmente quantas estão sozinhas, abandonadas,  
e que por isso são enganadas e exploradas.

Trago-te, Mãe, as famílias,  
que mantêm a vida e a sociedade  
com o seu compromisso diário e escondido;  
de modo particular as famílias que têm mais dificuldade   
devido a tantos problemas internos e externos.

Trago-te, Mãe, todos os trabalhadores, homens e mulheres,  
e confio-te sobretudo quem, por necessidade,  
se esforça por desempenhar um trabalho indigno  
e quem perdeu o trabalho ou não o consegue encontrar.

Temos necessidade do teu olhar imaculado  
para voltar a ter a capacidade de ver as pessoas e as coisas  
com respeito e reconhecimento, sem interesses egoístas nem hipocrisias.

Temos necessidade do teu Coração imaculado,  
para amar de maneira gratuita,  
sem segundos fins, mas procurando o bem do próximo,  
com simplicidade e sinceridade,

renunciando às máscaras e aparências.

Temos necessidade das tuas mãos imaculadas,  
para acariciar com ternura,  
para tocar a carne de Jesus   
nos irmãos pobres, doentes, desprezados,  
para levantar quem caiu e sustentar quantos vacilam.

Temos necessidade dos teus pés imaculados,  
para ir ao encontro de quem não sabe dar o primeiro passo,  
para caminhar pelas veredas de quantos se perderam,  
para ir encontrar as pessoas sozinhas.

Agradecemos-te, ó Mãe, porque mostrando-te a nós   
livre de todas as manchas de pecado,  
Tu nos recordas que antes de tudo há a graça de Deus,  
há o amor de Jesus Cristo que entregou a vida por nós,  
há o vigor do Espírito Santo, que tudo renova.

Faz com que não cedamos ao desânimo  
mas, confiando no teu auxílio constante,  
nos comprometamos até ao fundo

para nos renovarmos a nós mesmos,

esta Cidade e o mundo inteiro.

Intercede por nós, Santa Mãe de Deus!

[**ATO**](http://www.vatican.va/news_services/liturgy/libretti/2016/20161208-libretto-veneraz_immacolata-concezione.pdf) **DE VENERAÇÃO À IMACULADA CONCEIÇÃO**

**PAPA FRANCISCO**

*Praça de Espanha, Roma - quinta-feira, 8 de dezembro de 2016*

Ó Maria, nossa Mãe Imaculada,  
no dia da tua festa venho a Ti,   
e não venho sozinho:  
trago comigo todos aqueles que o teu Filho me confiou,  
para que Tu os abençoes e salves dos perigos.

Trago-Te, Mãe, as crianças,  
especialmente quantas estão sozinhas, abandonadas,  
e que por isso são enganadas e exploradas.

Trago-Te, Mãe, as famílias,  
que mantêm a vida e a sociedade  
com o seu compromisso diário e escondido;  
de modo particular as famílias que têm mais dificuldade   
devido a tantos problemas internos e externos.

Trago-Te, Mãe, todos os trabalhadores, homens e mulheres,  
e confio-Te sobretudo quem, por necessidade,  
se esforça por desempenhar um trabalho indigno  
e quem perdeu o trabalho ou não o consegue encontrar.

Temos necessidade do teu olhar imaculado  
para voltar a ter a capacidade de ver as pessoas e as coisas  
com respeito e reconhecimento, sem interesses egoístas nem hipocrisias.

Temos necessidade do teu Coração imaculado,  
para amar de maneira gratuita,  
sem segundos fins, mas procurando o bem do próximo,  
com simplicidade e sinceridade,

renunciando às máscaras e aparências.

Temos necessidade das tuas mãos imaculadas,  
para acariciar com ternura,  
para tocar a carne de Jesus   
nos irmãos pobres, doentes, desprezados,  
para levantar quem caiu e sustentar quantos vacilam.

Temos necessidade dos teus pés imaculados,  
para ir ao encontro de quem não sabe dar o primeiro passo,  
para caminhar pelas veredas de quantos se perderam,  
para ir encontrar as pessoas sozinhas.

Agradecemos-Te, ó Mãe, porque mostrando-Te a nós   
livre de todas as manchas de pecado,  
Tu nos recordas que antes de tudo há a graça de Deus,  
há o amor de Jesus Cristo que entregou a vida por nós,  
há o vigor do Espírito Santo, que tudo renova.

Faz com que não cedamos ao desânimo  
mas, confiando no teu auxílio constante,  
nos comprometamos a fundo

para nos renovarmos a nós mesmos,

esta Cidade e o mundo inteiro.

Intercede por nós, Santa Mãe de Deus!

[**ATO**](http://www.vatican.va/news_services/liturgy/libretti/2016/20161208-libretto-veneraz_immacolata-concezione.pdf) **DE VENERAÇÃO À IMACULADA CONCEIÇÃO**

**PAPA FRANCISCO**

*Praça de Espanha, Roma - 8 de dezembro de 2018*

Virgem Maria,

neste dia de festa pela tua Imaculada Conceição,

venho apresentar-te a homenagem de fé e de amor

do povo santo de Deus que vive nesta Cidade e Diocese.

Venho em nome das famílias, com as suas alegrias e fadigas;

das crianças e dos jovens, abertos à vida;

dos idosos, carregados de anos de experiência;

de modo particular venho diante de ti

da parte dos doentes, dos presos,

de quem sente mais dificuldade no caminho.

Como Pastor venho também em nome de quantos

chegaram de terras distantes em busca de paz e de trabalho.

Sob o teu manto há lugar para todos,

porque tu és a Mãe da Misericórdia.

O teu coração está cheio de ternura para com todos os teus filhos:

a ternura de Deus, que de ti tomou a carne

e tornou-se nosso irmão, Jesus,

Salvador de todos os homens e mulheres.

Olhando para ti, nossa Mãe Imaculada,

reconhecemos a vitória da divina Misericórdia

sobre o pecado e sobre todas as suas consequências;

e reacende-se em nós a esperança numa vida melhor,

livre de escravidão, rancores e receios.

Hoje, aqui, no coração de Roma, ouvimos a tua voz de mãe

que chama todos a pôr-se a caminho

rumo àquela Porta, que representa Cristo.

A todos tu dizes: «Vinde, aproximai-vos confiantes;

entrai e recebei o dom da Misericórdia;

não tenhais medo, não tenhais vergonha:

o Pai espera por vós de braços abertos

para vos conceder o seu perdão e acolher-vos na sua casa.

Vinde todos à nascente da paz e da alegria».

Agradecemos-te Imaculada,

porque neste caminho de reconciliação

tu não nos deixas ir sozinhos, mas acompanha-nos,

estás ao nosso lado e ampara-nos em todas as dificuldades.

Que tu sejas bendita, agora e sempre, Mãe.

Amém.

SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

ATO DE VENERAÇÃO À IMACULADA CONCEIÇÃO NA PRAÇA ESPANHA

ORAÇÃO DO PAPA FRANCISCO

Praça Espanha Domingo, 8 de dezembro de 2019

Ó Maria Imaculada,

reunimo-nos mais uma vez ao teu redor.

Quanto mais avançamos na vida

tanto mais aumenta a nossa gratidão a Deus,

por nos ter dado como Mãe, a nós que somos pecadores,

a Ti, que és a Imaculada Conceição.

Entre todos os seres humanos, tu és a única

preservada do pecado, como Mãe de Jesus

Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Mas este teu singular privilégio

foi-te conferido para o bem de todos nós, teus filhos.

Com efeito, olhando para ti, nós vemos a vitória de Cristo,

a vitória do amor de Deus sobre o mal:

onde abundava o pecado, isto é, no coração humano,

superabundou a graça,

pelo poder suave do Sangue de Jesus.

Tu, Mãe, lembras-nos que somos pecadores,

mas já não somos escravos do pecado!

O teu Filho, com o seu Sacrifício,

interrompeu o domínio do mal, venceu o mundo.

É isto que narra a todas as gerações o teu coração límpido como o céu, onde o vento dissolveu todas as nuvens.

E por isso tu lembras-nos que ser pecador e ser corrupto

não é a mesma coisa: é muito diferente.

Uma coisa é cair, mas depois, arrependido,

voltar a erguer-se com a ajuda da misericórdia de Deus.

Outra coisa é a conivência hipócrita com o mal,

a corrupção do coração, que por fora se mostra impecável,

mas por dentro está cheio de más intenções e egoísmos mesquinhos.

A tua pureza límpida chama-nos à sinceridade,

transparência, simplicidade.

Como precisamos de ser libertados da corrupção do coração, que é o perigo mais grave!

Isto parece-nos impossível, pois estamos tão habituados,

mas, ao contrário, está ao seu alcance. É suficiente elevar o olhar

ao teu sorriso de Mãe, à tua beleza incontaminada,

para sentirmos novamente que não fomos feitos para o mal,

mas para o bem, para o amor, para Deus!

Por isso, ó Virgem Maria, hoje confio a ti todos aqueles que, nesta cidade

e no mundo inteiro, são oprimidos pelo desânimo,

pelo desencorajamento por causa do pecado;

quantos pensam que não há mais esperança para eles,

que as suas culpas são numerosas e demasiado grandes,

e que Deus certamente não tem tempo a perder com eles.

Confio-os a ti, porque não és apenas Mãe

e, como tal, nunca deixas de amar os teus filhos,

mas és também a Imaculada, a cheia de graça,

e podes refletir até nas trevas mais densas

um raio da luz do Cristo Ressuscitado.

Ele, e só Ele, quebra as correntes do mal,

liberta das dependências mais persistentes,

desata as ligações mais criminosas,

suaviza os corações mais duros.

E se isto acontecer dentro das pessoas,

como mudará o rosto da cidade!

Nos pequenos gestos e nas grandes escolhas,

os círculos viciosos fazem-se gradualmente virtuosos,

melhora a qualidade de vida

e o clima social torna-se mais respirável.

Damos-te graças, Mãe Imaculada, por nos recordares que, por amor a Jesus Cristo,

já não somos escravos do pecado, mas livres, livres para amar, para nos amarmos,

para nos ajudarmos como irmãos, não obstante sejamos diferentes entre nós

— graças a Deus diferentes entre nós!

Obrigado porque, com o teu candor, nos encorajas

a não nos envergonharmos do bem, mas do mal;

nos ajudas a manter longe de nós o maligno,

que com o engano nos atrai a si, às espirais da morte;

nos conferes a dócil lembrança de que somos filhos de Deus,

Pai de imensa bondade,

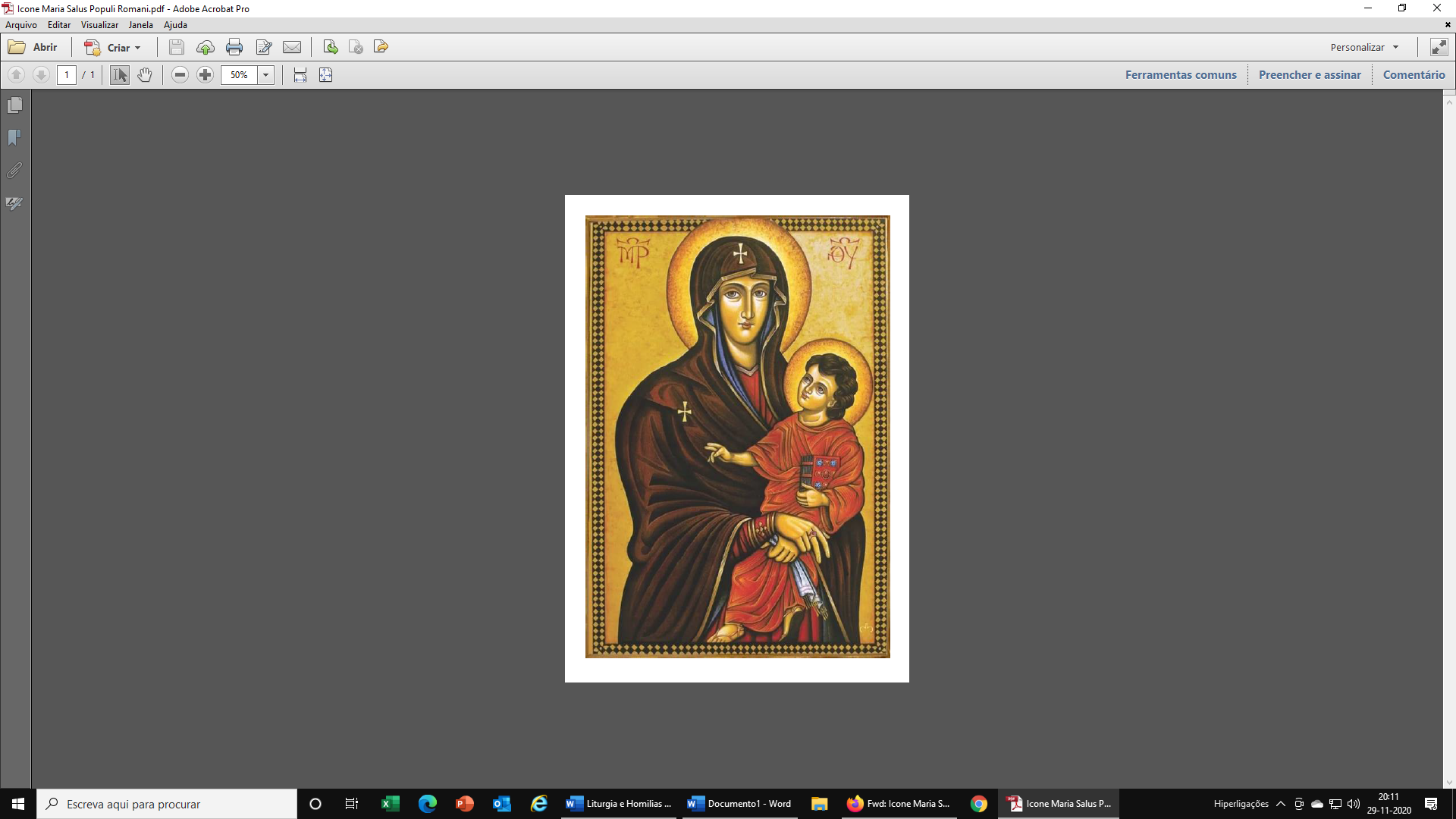
fonte eterna de vida, de beleza e de amor.

Amém!

**RITO DE APRESENTAÇÃO E BÊNÇÃO DO ÍCONE DE NOSSA SENHORA**

**DEPOIS DA HOMILIA | CATEQUESE DA ADOLESCÊNCIA E CRISMANDOS**

**SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO 2020**



***E o discípulo amado recebeu-A em sua casa!***

*Jo* 19,27

1. A cruz, adornada com o logótipo da JMJ Lisboa 2023, encontra-se no presbitério, junto ao sacrário, elevada em relação ao ícone de Nossa Senhora.

2.1. Primeira forma: Dois jovens transportam a réplica do ícone até junto ao altar de Nossa Senhora da Hora, apresentando-o à comunidade. E acendem as velas.

2.2. Segunda forma: O ícone de Nossa Senhora está já coberto no cavalete (ladeado por 2 velas) e 2 jovens destapam-no, para a apresentação / acolhimento ao ícone e acendem as velas.

P. Queridos adolescentes: estais a preparar-vos, com entusiasmo, para a próxima Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa, em 2023. O Papa Francisco colocou como lema desta Jornada a resposta de Maria, depois da Anunciação: “*Maria levantou-se e partiu apressadamente*”(Lc 1,39). Depois de “dizer sim”, depois deste “*Say yes*”, também é feito aos jovens o desafio do “*Rise up*”, isto é: “Levanta-te”. Ides caminhar para esta Jornada sob a guia e a companhia de Maria. Nos últimos tempos, estivestes a construir e a descobrir o ícone de *Maria Salus Populi Romani*, *Maria Salvação do Povo Romano*. Este ícone, cuja pintura é atribuída a São Lucas, foi colocado pela primeira vez ao lado da Cruz da JMJ, pelo Papa São João Paulo II, no ano 2000, e três anos depois, o Papa entregou aos jovens uma réplica para que viajasse junto com a Cruz por todo o mundo. No passado dia 27 de março, todos recordamos o Papa Francisco, sozinho, na Praça de São Pedro, a rezar diante deste ícone, pelo fim da pandemia. Hoje vós trazeis estes ícones, para uma bênção. Que significa este vosso gesto? Significa acolher as palavras de Jesus na Cruz, quando diz ao discípulo amado: *"Eis aí a tua Mãe”*. Recordemos as palavras de São João Paulo II:

Catequista: “*Eis aí a tua Mãe!* Queridos amigos: Jesus dirige estas palavras a cada um de vós. Pede-vos também que recebais Maria como Mãe "na vossa casa", que A acolhais "entre os vossos bens", porque é Ela quem, ao desempenhar o seu ministério materno, vos educa e vos modela até que Cristo esteja plenamente formado em vós. Maria faça com que respondais generosamente à chamada do Senhor e persevereis com alegria e fidelidade na missão cristã! Ao longo dos séculos, quantos jovens ouviram este convite e quantos continuam a ouvi-lo, também nos nossos dias. Jovens do terceiro milénio, não receeis oferecer a vossa vida como resposta total a Cristo! Ele, só Ele, muda a vida e a história do mundo” (*Homilia*, 13.04.2013 – Domingo de Ramos).

Diácono: Levantai os vossos ícones para a bênção (Ritual das Bênçãos, 1014).

P. Pai santo, humildemente Vos suplicamos:

ajudai com a vossa graça os fiéis

que ergueram este ícone da Virgem Santíssima,

*Salvação do Povo Romano,*

para que gozem sempre da sua proteção

e gravem em seus corações

a imagem que os seus olhos contemplam.

Sejam firmes na fé, inabaláveis na esperança,

diligentes na caridade, sinceros na humildade,

fortes no sofrimento, dignos na pobreza,

pacientes na adversidade, solidários na prosperidade

e promotores da paz e da verdadeira justiça,

para que um dia,

depois de percorrerem os caminhos deste mundo

no vosso amor e no amor fraterno,

cheguem à Cidade permanente,

onde a Virgem Santíssima, nova Eva,

Mãe de todos os viventes,

intercede como Mãe

e resplandece de santidade.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho

e Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

P. A réplica do ícone, que vos acompanhará nesta caminhada de preparação para a Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, está junto da imagem de Nossa Senhora da Hora. Todos juntos rezamos:

À vossa proteção nos acolhemos,

Santa Mãe de Deus.

Não desprezeis as nossas súplicas,

nós que estamos na provação,

e livrai-nos de todos os perigos,

ó Virgem gloriosa e bendita.



Apêndice | Consagração a Nossa Senhora

P. À vossa proteção recorremos, Santa Mãe de Deus. Na dramática situação atual, carregada de sofrimentos e angústias, que oprimem o mundo inteiro, recorremos a Vós, Mãe de Deus e nossa Mãe, refugiando-nos sob a vossa proteção.

1. Ó Virgem Maria,

volvei para nós os vossos olhos misericordiosos

nesta pandemia do coronavírus

e confortai a quantos se sentem perdidos

e choram pelos seus familiares mortos

e, por vezes, sepultados de uma maneira que fere a alma.

2. [Mãe desolada]

Sustentai aqueles que estão angustiados

por pessoas enfermas,

de quem não se podem aproximar,

para impedir o contágio.

3. [Estrela da Esperança]

Infundi confiança

em quem vive ansioso com o futuro incerto

e as consequências sobre a economia e o trabalho.

4. Mãe de Deus e nossa Mãe,

alcançai-nos de Deus, Pai de misericórdia,

que esta dura prova termine

e volte um horizonte de esperança e paz.

5. [Nossa Senhora da Hora]

Como em Caná,

intervinde junto do vosso Divino Filho,

pedindo-Lhe que conforte as famílias dos doentes

e das vítimas e abra o seu coração à confiança.

6. [Maria, Saúde dos Enfermos]

Protegei os médicos,

os enfermeiros, os agentes de saúde, os voluntários

que, neste período de emergência,

estão na vanguarda, arriscando a própria vida

para salvar outras vidas.

Acompanhai a sua fadiga heroica

e dai-lhes força, bondade e saúde.

7. [Maria, Serva do Senhor]

Permanecei junto daqueles

que assistem noite e dia os doentes,

e dos sacerdotes que procuram ajudar e apoiar a todos,

com solicitude pastoral e dedicação evangélica.

8. Virgem Santa, [Sede da Sabedoria]

iluminai as mentes dos homens e mulheres de ciência,

a fim de encontrarem as soluções justas

para vencer este vírus.

9. [Mãe do bom conselho]

assisti os responsáveis das nações,

para que atuem com sabedoria, solicitude e generosidade,

socorrendo aqueles que não têm o necessário para viver,

programando soluções sociais e económicas

com clarividência e espírito de solidariedade.

10. Maria Santíssima,

tocai as consciências,

para que as somas enormes usadas

para aumentar e aperfeiçoar os armamentos

sejam, antes, destinadas a promover estudos adequados

para prevenir catástrofes do género no futuro.

11. Mãe amadíssima,

fazei crescer, no mundo, o sentido de pertença

a uma única grande família,

na certeza do vínculo que une a todos,

para acudirmos, com espírito fraterno e solidário,

a tanta pobreza e inúmeras situações de miséria.

Encorajai a firmeza na fé,

a perseverança no serviço,

a constância na oração.

12. Ó Maria, Consoladora dos aflitos,

abraçai todos os vossos filhos atribulados

e alcançai-nos a graça que Deus intervenha

com a sua mão omnipotente,

para nos libertar desta terrível epidemia,

de modo que a vida possa retomar com serenidade

o seu curso normal.

P. Confiamo-nos a Vós, que resplandeceis sobre o nosso caminho como sinal de salvação e de esperança, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria.

R. Ámen.

****

1. BENTO XVI, Homilia no início do Pontificado; [↑](#footnote-ref-1)
2. Frei Roger, Carta à Família de Paul Ricouer, cit. por ANTÓNIO MARUJO, A confiança do coração, in Público (18-08-2005), pág. 20. [↑](#footnote-ref-2)
3. João Paulo II, Mensagem para o Dia Mundial da Paz 1978 [↑](#footnote-ref-3)
4. Bento XVI, Homilia no início do Pontificado (20.04.2005). [↑](#footnote-ref-4)
5. João Paulo II, Atravessar o limiar da Esperança, Ed. Planeta, Lisboa 1994,205. [↑](#footnote-ref-5)